



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS**  
**PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR EM ESTUDOS ÉTNICOS E AFRICANOS**

**Washington Santana de Jesus**

**REZADEIRAS/REZADORES DE PRECEITO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE:  
ITINERÁRIO DE FÉ E CURA NAS PRÁTICAS ETNOMÉDICAS**

**SALVADOR**

**2012**

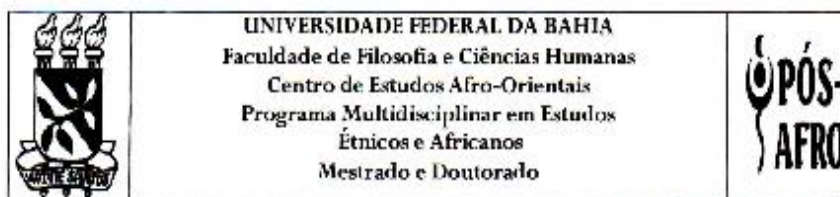
**WASHINGTON SANTANA DE JESUS**

**REZADEIRAS/REZADORES DE PRECEITO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE:  
ITINERÁRIO DE FÉ E CURA NAS PRÁTICAS ETNOMÉDICAS**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Livio Sansone.

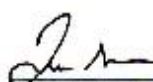
**SALVADOR**

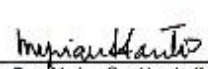
**2012**

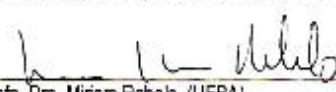


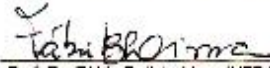
**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE  
WASHINGTON SANTANA DE JESUS, REALIZADA NO  
DIA 26 DE OUTUBRO DE 2012.**

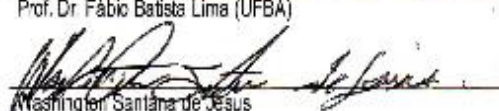
Aos vinte e seis dias do mês de outubro do ano de dois mil e doze, às quinze horas, nas dependências do CEAO, foi instalada a sessão pública para julgamento da dissertação final elaborada pelo mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, matriculado sob o número 20210115952, **WASHINGTON SANTANA DE JESUS**, intitulada: **Rezadeiras/rezadores de preceito de São Francisco do Conde (BA): itinerários de fé e cura nas práticas etnomédicas**. Após a abertura da sessão, o doutor Lívio Sansone, professor orientador e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos apresentando os demais membros da banca examinadora, a professora doutora Myrian Sepúlveda Santos (UERJ), a professora doutora Miriam Rabelo (UFBA) e o professor doutor Fábio Batista Lima (UFBA). Em seguida foi dada a palavra ao autor, que expôs seu trabalho, após o que ouviu a leitura dos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do mestrando. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu pela APROVAÇÃO. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito. Salvador, 26 de outubro de 2012.

  
 Prof. Dr. Lívio Sansone (Orientador/PosAfm/UFBA)

  
 Profa. Dra. Myrian Sepúlveda Santos (UERJ)

  
 Profa. Dra. Miriam Rabelo (UFBA)

  
 Prof. Dr. Fábio Batista Lima (UFBA)

  
 Washington Santana de Jesus



## **Dedicatória**

**A minha avó Judite Viana, minha mãe Carmelita, madrinha Tionila e as minhas tias Maria José e Marinalva Requião, que tanto me incentivaram, inspiraram e contribuíram para que eu chegasse até aqui, dedico.**



## Agradecimentos

A Deus e a Ogum, por tudo na vida!

A Dona Jeco, em memória, ao Senhor Teófilo, a Dona Augusta, ao Senhor Edvaldo, a Dona Nair, Dona Tereza, Senhor Zózimo e toda a comunidade de São Francisco do Conde.

A CAPES (Coordenação de Apoio de Pessoal) pela concessão de uma bolsa de fundamental importância para o êxito da pesquisa.

Ao Professor. Dr. Lívio Sansone, por me orientar nesta pesquisa e ter acreditado nas minhas potencialidades, desde a graduação.

Ao Professor. Dr. Fabio Batista Lima, por me co-orientar, ler e reler meu trabalho, indicar bibliografias, corrigir-me e apontar novos caminhos. Axé.

A Professora Dr. Miram Rabelo, por sua leveza e profissionalismo.

Ao Professor Dr. Jeferson Bacelar, pela crítica alegre e sagaz e correção do texto e ao Professor Dr. Cláudio Pereira, por me ensinar a ensinar.

Ao Professor Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos (UFOP), por reafirmar algumas certezas das minhas origens e por ensinar a manter-me no caminho.

A Professora. Dra. Myrian Sepúlveda Santos pelo carinho e atenção.

A Equipe do CEAO, Professora Paula Cristina, Professora Ângela Figueiredo, Professor Dr. Jocélio Teles, Prof. Dr. Zamparoni, ao Prof. Dr. Nicolau Pares, ao Professor Dr Antônio Motta, ao Professor Dr. Ibrahima Thiaw (IFAN, Dacar), ao Grande Mestre Jacques Depelchin, Prof. Dra. Patrícia Rays, Prof. Dr. Yussuf Adam e a todos os professores, Márcia, Alcidenilson, Alex (Show!), Antônio (Bahia!), Fátima, Rosângela, Rodinele Santos, Solange, Ari e Lindinalva.

A minha querida Prof. Dra. Nazaré!

**O fim do calouro**, valeu Magnífica Ivete Sacramento!

A Ana Lúcia, pelo auxílio nas transcrições, à amizade e o carinho.

Ao grande amigo e companheiro de lutas Museólogo Jean Oliveira.

Ao Carlos Miranda e Manoel Messias, irmãos de vida e de lutas.

Aos amigos de luta e trajetória, Anderson Costa, Moisés Santana, Heloisa, Liliane,...

A Genny Magna por seu amor, dedicação e paciência comigo no trabalho e na vida!

“Falo de milhões de homens que tiveram gravados, habilmente, em seus espíritos, o medo, o complexo de inferioridade, o horror, a subserviência, o desespero, o servilismo.” **E *mulheres***.

**(A. Césaire, Discurso sobre o colonialismo)**

## Resumo

Conheci a reza e as rezadeiras em minha infância, na comunidade onde me criei. As reencontrei com mais força no Município de S. Francisco do Conde, um dos mais ricos e desiguais do Brasil, devido ao impacto da indústria petrolífera, onde as rezadeiras continuam ativas e se organizam, também em torno da devoção a S. Antônio. Nesta dissertação mapeio o fenômeno no Município, identificando as rezadeiras mais conhecidas na opinião da população; descrevo suas rezas, práticas de cura e trajetórias pessoais; aponto por suas relações de encontro e desencontro com a biomedicina, assim como para suas relações com o catolicismo popular e o Candomblé. Nisto tenciono enfatizar a capacidade de agência destes ícones da religiosidade e memória popular.

Palavras chaves: reza; memória; etnomedicina; afro-brasileiros; S. Antônio

## Abstract

I first got to know *reza* (the prayer) and *rezadeiras* (prayers) when I was young, in the community I grew up in. I came across them again, with renewed force, in the Municipality of S. Francisco do Conde (Bahia), one of the richest and most unequal of all in Brazil, because of the impact of the oil industry, where these prayers are still active and got organized, also around the devotion to Saint Anthony. In the following dissertation I deal with this phenomenon in the Municipality, by singling out the most famous prayers according to the opinion of the population; I spell out their prayers, therapeutic methods, and their individual careers; I point out their encounters and conflicts with the biomedicine, as well as their relationship with popular Catholicism and the Afro-Brazilian religious system, *Candomblé*. In doing this my aim is stressing the agency of these real icons of popular religiosity and memory.

Key words: prayer; memory; ethno-medicine; Afro-Brazilians; Saint Anthony

**LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E QUADRO**

	Página
Figura 01: Mapa de localização de são Francisco do Conde no Recôncavo Baiano	22
Figura 02: Mapa de são Francisco com localização das Rezadeiras trabalhadas	23
Gráfico 01: XIII questão 1	27
Gráfico 02: XIV questão 3	29
Gráfico 03: XV questão 4	30
Gráfico 04: XVI questão 5	31
Figura 08: Convento de Santo Antônio	36
Figura 09: Ornamentação - Praça santa cruz	37
Figura 10: A chegada ao Convento de Santo Antônio	39
Figura 11: A missa	41
Figura 12: A Procissão	42
Figura 13: A Dupla Pertença	44
Figura 14: Encarte com as rezas	45
Figura 15: Encarte com as Rezas	46
Figura 19: Quadro de Plantas Utilizadas e Descritas	83

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>GLP</b>	Gás Liquefeito de Petróleo
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>PNUD</b>	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
<b>PSF</b>	Postos de Saúde da Família, PSF
<b>PNPIC</b>	Práticas Integrativas e Complementares em Saúde
<b>RELAN</b>	Refinaria Landulfo Alves
<b>SFC</b>	São Francisco do Conde

## Sumário

Resumo	vii
Abstract	viii
Lista de Figuras, Gráficos e Quadro	ix
Lista de Abreviatura e Siglas	x
<b>Introdução</b>	<b>11</b>
<b>Metodologia</b>	<b>15</b>
Vetor Quantitativo	16
Vetor Qualitativo	17
Procedimentos Éticos	20
O Campo de Trabalho	21
Caracterização Econômica e Histórica	24
<b>Capítulo I – As Rezadeiras em seu Contexto</b>	<b>26</b>
A festa de Santo Antônio: momento de encontro das rezadeiras	34
<b>Capítulo II – A Construção Social das Rezadeiras</b>	<b>50</b>
1. Senhor Aranha	53
2. Dona augusta	57
3. Dona Jeco	59
4. Senhor Macaco	61
5. Dona Nair	63
6. Dona Tereza	65
7. Seu Zoza	67
<b>Capítulo III – Cuidados com o Corpo</b>	<b>70</b>
Resguardo e Recáida do Suplicante	76
<b>Capítulo IV – Procedimentos Terapêuticos</b>	<b>81</b>
As plantas Medicinais	81
Os Infortúnios	87
As Rezas	90
<b>Considerações Finais</b>	<b>98</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>101</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>104</b>
Anexo_A: Roteiro de Entrevistas	105
Anexo_B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	111
Anexo_C: Livro de Códigos	113
Anexo_D: Declaração de Pequim	114
Anexo_E: Fotografias das Ervas Medicinais	116

## **Introdução**

A pesquisa **Rezadeiras/Rezadores de Preceito: Itinerário de Fé e Cura nas Práticas Etnomédicas** é uma tentativa de identificar, descrever e procurar resgatar os aspectos das práticas terapêuticas tradicionais. Coloco em evidência as atividades, o cotidiano das Rezadeiras, os discursos, ações, relações, percepções e representações estabelecidas entre as Rezadeiras e seus suplicantes, expressas no cuidado com o corpo, numa abordagem etnográfica.

Esta pesquisa se objetiva em analisar o itinerário terapêutico das Rezadeiras/Rezadores de Preceito no Recôncavo Baiano, em São Francisco do Conde. E tem como objetivo compreender o cotidiano das mesmas, suas redes sociais e suas ideias e narrativas sobre si e os outros (médicos, mães de santos, padres, pastores, políticos, etc.).

Assim como identificar o processo de formação e consolidação histórica das Rezadeiras/Rezadores de Preceito em São Francisco do Conde, para conhecer suas interações, suas no decorrer das últimas duas décadas.

A comunidade de São Francisco do Conde considera as Rezadeiras/Rezadores de preceito, indivíduos que buscam através da reza, baseados na fé católica e no uso de plantas da região, consideradas ervas - sagradas, pelo Candomblé, que visam curar, atender e confortar aqueles que os procuram como suplicantes para seus mais diversos infortúnios sejam eles fisiológicos, emocionais ou espirituais.

Descrevi os processos de saúde/doença na comunidade e o papel das Rezadeiras/Rezadores de Preceito no tratamento. Todavia, procurei investigar as práticas relativas à cura e o itinerário do tratamento terapêutico, com os seus preceitos e a questão do “resguardo”.

Optei por realizar uma abordagem qualitativa a partir de uma intervenção quantitativa, na qual foi realizado um levantamento do número de Rezadeiras/Rezadores de Preceito, assim com da existência de associações, grupos, congregações. Pesquisei diferentes localidades, nos bairros afastados e nos distritos rurais, um total de treze, no município pesquisado. O material qualitativo foi obtido por meio de dados etnográficos entre os devotos de Santo Antônio, também pertencentes à Associação de Rezadeiras de Santo Antônio, Irmandade de Santo Antônio.

O estudo previu a realização de entrevistas semi-estruturadas, todas gravadas em formato de áudio e de vídeo, que foram realizadas com as rezadeiras e benzedadeiras, sendo a participação dos/as entrevistados/as voluntários/as. Além tive inúmeras horas de conversas com pessoas diretamente ligadas às práticas terapêuticas tradicionais, como a sua clientela assistida, circunvinzinha, usuários do sistema de saúde oficial, etc., previamente, identificados durante o período de observações preliminares.

Por fim, analisei como as práticas curativas das Rezadeiras/Rezadores de Preceito continuam a coexistir de forma paralela e complementar à medicina oficial.

Este projeto teve como ponto de partida a pesquisa realizada sobre as Rezadeiras/Rezadores de Preceito de São Francisco do Conde, resultante da atividade etnográfica realizada na graduação em Ciências Sociais, cujo objetivo foi investigar as correlações ente medicina oficial e práticas terapêuticas tradicionais. Esta primeira pesquisa se tornou de grande relevância para minhas concepções a respeito das tradições culturais do povo afro-brasileiro. Desde então, tenho procurado me aproximar do tema, tanto de forma acadêmica, na participação em cursos e disciplinas relacionadas ao tema, como vivenciando tais processos. Durante a pesquisa também me submeti ao tratamento das Rezadoras/Rezadores de Preceito e participei das reuniões da Associação de Rezadeiras de São Francisco do Conde.



Acrescento que o pontapé inicial desta pesquisa foi dado pela minha experiência como Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC), no período 2006.1. a 2008.1, no Projeto “Contraponto do Açúcar e do Petróleo”<sup>1</sup>, cujo campo foi a Cidade de São Francisco do Conde.

A escolha desta localidade tem três motivos: minha experiência de pesquisa quantitativa num campo familiar, haja vista a minha participação, como já dito anteriormente na Pesquisa Contraponto do Açúcar e do Petróleo; a partir do número significativo de Rezadeiras/Rezadores de Preceito e de indivíduos que solicitam seus serviços religiosos, aqui chamados de suplicantes e finalmente a a realidade específica deste Município, que já foi a localidade da pesquisa de William Hutchinson (1957) no âmbito do grande projeto Unesco/Estado da Bahia coordenado por Charles Wagley e Thales de Azevedo e que hoje se caracteriza pelo fortíssimo impacto das royalties derivadas da indústria petrolífera sobre sua estrutura e hierarquia social. (HUTCHINSON, 1957)

Na minha leitura das rezadeiras e suas práticas, uso o conceito de cultura como aquele conjunto que torna “inteligível as múltiplas pautas, apresentadas como sistemas coletivos criados e recriados continuamente por seres que vivem uma existência coletiva organizada” como afirmou (Valentine, 1970, p. 13). Elas fazem parte daquela que foi chamada da grande subcultura do Recôncavo Baiano, já estudado em diversas ocasiões (LIMA, 1997; PIERSON, 1971).

---

<sup>1</sup> Colaboração, na qualidade de bolsista de Iniciação Científica/CNPQ, e posteriormente Bolsista de Apoio Técnico/CNPQ, do Projeto "Contraponto baiano do açúcar e do petróleo: desigualdades duráveis, relações raciais, modernidade e globalização no Recôncavo - o caso de S. Francisco do Conde.", coordenado pelo Prof. Dr. Livio Sansone; Participação efetiva na elaboração de questionário de pesquisa e sua consequente aplicação em 413 domicílios da localidade, atuando como coordenador de campo; Elaboração de banco de dados em software de tratamento de dados, notadamente em SPSS, versão 15.0, com fins de análise dos dados. O objetivo daquele projeto pode ser assim resumido: “Trata-se de ilustrar o funcionamento daquela que podemos chamar de ‘cultura das desigualdades’, sem a qual desigualdades extremas não poderiam funcionar de forma durável: a forma pela qual as diferentes camadas sociais olham uma para outra e comentam e justificam ou aceitam, de alguma forma, as diferenças socio-culturais e as desigualdades. O foco desta pesquisa residiu na mudança geracional: a transferência de desigualdades de uma geração para outra e os efeitos da ascensão social entre alguns e da miragem da mesma entre os demais, assim como o processo pelo qual este conjunto cria os limites dentro dos quais são construídas noções de cidadania, expectativas com relação ao mundo do trabalho e novas identidades sociais.”

Em termos de organização, esta dissertação está dividida da seguinte forma:

A introdução apresenta a questão a investigar, contextualiza a região da pesquisa e detalha as metodologias utilizadas. De forma detida, busco contextualizar e explicar o porquê da utilização de metodologia quantitativa e qualitativa, seus alicerces, aplicações e diversificações.

O Capítulo 1 tem como objetivo identificar quais são as Rezadeiras/Rezadores de Preceito mais famosas do Município, a eficácia e a credibilidade dos tratamentos, a partir das indicações e opiniões de uma amostra significativa dos moradores, muitos dos quais têm se beneficiado, em algum momento e por algum infortúnio, sobre os serviços terapêuticos das mesmas.

O Capítulo 2 aborda os percursos da construção social das Rezadeiras, quem são e como se “constroem” estes indivíduos: suas trajetórias, aprendizados, guias, mestras e professoras - ou iniciadoras. Selecionei sete Rezadeiras, (quatro Rezadeiras e três Rezadores) para, a partir de questões vinculadas a memória, lembranças, reminiscências compreender seus processos de aprendizagem do rezar. Assim, construí em conjunto com nossas interlocutoras um inventário das rezas mais utilizadas nos seus trabalhos terapêuticos.

O Capítulo 3 compreende o tratamento do corpo pelas Rezadeiras, os cuidados das próprias rezadeiras para com seus corpos, bem como os cuidados a que terão de ser submetidos seus suplicantes, no processo de cura iniciado, para que o mesmo venha a obter o resultado proposto. Abordo temas como resguardos, simpatias, proibições e indicações relacionadas a aspectos comportamentais e alimentares.

O Capítulo 4 apresenta a relação entre as Rezadeiras e as ervas utilizadas nos diversos processos de cura: Quais as ervas utilizadas nas rezas, chás e unguentos? Quem colhe? Onde colher? Como plantar?

Apresentam-se, por fim, as considerações finais.

## **Metodologia**

O desenho metodológico aqui proposto objetiva em dar uma atenção especial para o vetor qualitativo, ainda que utilize também, a metodologia quantitativa. Isto porque as histórias de vida, os relatos, as informações obtidas em conversas formais e informais, incluindo o silêncio, montam um desenho da realidade social da experiência religiosa das Rezadeiras, no qual atento para o conjunto de representações e práticas dos atores enredados na experiência religiosa, os suplicantes e seus familiares e os clientes.

No trabalho em curso, faço referência a ambos os vetores: o qualitativo e o quantitativo obtido, preliminarmente, quando construí um plano de coleta de dados que tinha como meta a coleta das informações referentes à temática em estudo na pesquisa. Desta forma, realizei um levantamento de dados bibliográficos: formação do município, número de habitantes, as variáveis gênero, raça, padrão econômico, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH); número de Rezadeiras, a existência de associações, grupos, congregações, sindicatos, agremiações, etc.

Como critério de seleção das Rezadeiras, ainda na fase quantitativa, solicitei a diversos moradores que me informassem sobre as “rezadeiras mais eficientes”, ou seja, aquelas consideradas como as melhores e mais conhecidas da região.

## Vetor Quantitativo

Os questionários são uteis para descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social como exemplo: idade, sexo, faixa de renda, nível educacional. Estas características são normalmente descritas e medidas através de perguntas fechadas, o que caracteriza o primeiro dos tres tipos de questionários: questionário de perguntas fechadas, questionário de perguntas abertas, e o mais utilizado contemporaneamente, que utiliza de ambas as formas de perguntas. As perguntas abertas são uteis para medição de “fenômenos atitudinais, tais como alienação autoritarismo, religiosidade etc” (RICHARDSON, 1985, p. 142-159).

Devido a sua abrangência, os questionários proporcionam uma base introdutória fundamental para o conhecimento da população investigada. Formam-se “dados instrumentais” para o desenvolvimento da pesquisa. Mesmo a construção do questionário, com perguntas fechadas e abertas, exige um modelo teórico, assim como uma estrutura formal que seja compreensível para o investigado; É fundamental que se entenda que o questionário – sobretudo o de perguntas fechadas – não é capaz de refletir as mudanças na estrutura da ação social. O questionário assume que normas, significados culturais e exigências situacionais são vistas como estáveis ou auto evidentes.

A primeira etapa da pesquisa deu-se com uma orientação quantitativa, o instrumento empregado foi o questionário, para perceber a importância do papel das Rezadeiras, no município, seu público-alvo e suas imagens frente ao poder da biomedicina. Assim como as suas práticas rituais, exercidas tanto por mulheres como por homens, em menor número, como “atos tradicionais eficazes que se relacionam com as coisas consideradas sagradas”. Desta forma, Mauss (1979) incide a olhar a “prece” como um rito religioso. A “prece” aparece aqui sob a denominação de “reza”, por tais especialistas religiosos, atores sociais enredados em tramas de aflições (saúde/doença/cura), para os suplicantes que apresentam aflições e infortúnios, que buscam em suas experiências religiosas mitigar seus infortúnios. A “reza” é acompanhada de movimentos corporais por parte do oficiante do culto, que se utiliza de ervas, cuja ambiência é oriunda dos cultos afro-brasileiros.

## **Vetor Qualitativo**

Também utilizei na pesquisa a análise qualitativa no estudo das atividades sincréticas religiosas e da procissão de Santo Antônio. Através de uma abordagem etnográfica e iconográfica, fundamentadas em observação participante, tentei representar as relações sociais de uma comunidade, baseada na fé, na cultura e nas relações de poder com os mandatários locais.

No que diz respeito ao vetor qualitativo dei uma atenção especial para a observação participante, a partir da qual registrei no diário de campo, impressões, fatos, ritos, conversas, anedotas, idiosincrasias. Assim como fiz uso de registros audiovisuais, em particular a fotografia e vídeo, no qual melhor pude recompor a etnografia do dia-a-dia das práticas religiosas. Nesta observação participante acompanhei e registrei em audiovisual, vídeo, a retirada das plantas da mata, dos quintais e das “portas”. Observei os preceitos realizados tanto para a colheita das plantas como para o ritual da “reza”. Identifiquei o itinerário de um dia de trabalho terapêutico da rezadeira. Nele busco observar o habitus das Rezadeiras, que segundo Bourdieu (2005), baseia-se na formação cultural e intelectual de um sujeito, que ocorre, por meio da incorporação do “habitus,” compreendido como sistema socialmente constituído de disposições (tendências, aptidões, inclinações, talentos) que orientam pensamentos, percepções, expressões e ações como resultado de um longo processo de incorporação coletiva das condições materiais de sua produção” (BOURDIEU, 2005, p.163).

Como forma de aquisição da linguagem terapêutica me submeti na condição de suplicante a uma “sessão” para melhor obtenção da realidade investigada ou, em termos bourdiesianos, me tornei um sujeito objetivante (BOURDIEU, 1990, p.114-118), na tentativa de exotizar o que me era familiar e familiarizar o que era exótico. Desse modo, busquei chegar à subjetividade das minhas interlocutoras, visando atingir a objetividade cuja finalidade é criar uma etnografia das representações e práticas das Rezadeiras, do Recôncavo Baiano, no Município de São Francisco do Conde, na Bahia.

Optei pelo uso de entrevistas semi-estruturadas, instrumento capaz de evidenciar e descrever a origem, a convivência, o acesso aos serviços oficiais de saúde, as resistências às tradições e a credibilidade do saber popular.

Amparada na observação do comportamento e representações (fala, histórias e histórias, rituais mágicos religiosos, cânticos e danças; conversas, rezas, músicas e cânticos rituais), entrevistas abertas com roteiro, levantamento fotográfico e gravação digital das entrevistas em vídeo digital da procissão de Santo Antônio, objeto de uma etnografia, reuniões com a associação de rezadeiras, realizada ainda no mês de maio de cada ano, até a trezena de Santo Antônio no mês de junho do período compreendido entre 2009 e 2011.

A abordagem quantitativa evidencia a coexistência das Rezadeiras com a comunidade local, demonstrando assim apontar, relações de busca ao cuidado do corpo e do espírito, bem como, sua assiduidade e sua importância para o município. As Rezadeiras são ícones locais portadores de memórias identitárias e culturais de extrema relevância, ícones estes que estão focados no sincretismo religioso, agora percebido como dupla ou mesmo múltiplas pertencas.

As entrevistas foram realizadas de forma sistemática no primeiro semestre de 2011. Cabe salientar que a primeira entrevista foi realizada com Dona Jeco, ainda em 2009, Rua Nova São Francisco, sede do município, mantida no trabalho pelos seguintes motivos: primeiro, a entrevista seguiu o mesmo roteiro semiestruturado das demais. Em segundo lugar, Dona Jeco, reconhecida por muitas pessoas da comunidade e pelas demais Rezadeiras de São Francisco do Conde, como a mais importante, “famosa”, vindo a falecer no ano seguinte. Procurei não só pelas Rezadeiras mais “famosas”, como também contemplar várias áreas, tanto urbana, a sede: São Francisco, como a área rural. Assim busquei um panorama das percepções sobre as Rezadeiras do município, as entrevistas foram aplicadas nos finais de semana.

A segunda entrevista foi realizada com Dona Augusta, Distrito de Campinas, a terceira com Senhor Macaco, Distrito de Campinas, a quarta entrevista foi realizada com Dona Tereza, Bairro Drena, a quinta com o Senhor Aranha, Bairro Drena, a sexta com Seu Zoza e a sétima com Dona Nair, ambas no Bairro Coroadó, Distrito de Paramirim. Procurei realizar as entrevistas em três encontros com cada interlocutor, o que me levaria a um total de vinte e uma (21) entrevistas. Logo percebi certa repetição nas informações, então decidi por não realizar o terceiro encontro, caso eu tivesse alcançado meus objetivos nos dois primeiros. Assim o número de encontros foi reduzido a catorze (14), mantive o número de entrevistadas/entrevistados em sete (7). Acrescento ainda, a minha interminável tentativa e teimosia em entrevistar um Senhor de prenome Neco, em todos os lugares, durante todo tempo de convivência e de pesquisa em São Francisco do Conde. Lamentavelmente, ele

negou-se, pois foi referenciado como BOM. Foi a partir dele que me fizeram a seguinte afirmação: “Homem não reza, mas quando reza é bom, mesmo! Vê Neco, não falha!” Sinto muito por ele ter tido êxito!

Para Bacelar (2010):<sup>2</sup>

A observação intensiva e participante – em alguma medida duradoura e envolvendo engajamento - Permite um conhecimento em profundidade que ao revelar, nuances e discrepâncias, pode ser usado para evitar explicações totalizantes. A descrição do concreto, da experiência local e particular, poderia, portanto, nas condições de aproveitamento de tais vantagens, conjurar o perigo da generalização. Essa descrição do concreto pode também se fazer acompanhar de contextualizações elucidativas. “O etnógrafo percebe que aquilo que dá repercussões e conexões em outros níveis, envolve outros fenômenos que devem ser, portanto, evocados.”

A observação-participante indica, em geral, interesse na compreensão de uma organização particular ou um problema substantivo, mais que demonstrar as relações entre variáveis definidas abstratamente. Ainda Bacelar (2010), citando Bauer, sugere registrar informações e verificar pistas é um trabalho duro e prolongado, pois as atividades do grupo podem não permitir o registro de eventos e ou apenas permiti-los parcialmente, antes que tenha passado muito tempo entre a observação e o registro; desta maneira lança-se mão da observação retrospectiva, nela o observador recria na sua imaginação, ou tenta recriar, o campo social em todas as suas dimensões, ao nível de percepções e sentimentos, possibilitando assim a reconstrução do momento. Com este recurso pode-se manter os dados iniciais, fazer adições ou ainda modificá-los.

A utilização da imagem neste texto justifica-se pela necessidade de criação de um discurso contextualizado e rico em detalhamento, possibilitando assim o entendimento imagético desta representação. A representação ótica aqui escolhida foi a fotografia, capaz de construir um conceito e levar-nos a um juízo de valor do grupo em questão: As rezadeiras devotas de Santo Antônio. Com esta possibilidade narrativa busquei o diálogo com a cultura local, onde evidenciei a importância social em termos de coesão, bem como a sua utilidade simbólica ao grupo e a sociedade do Município de São Francisco do Conde.

Para Panofski (2002) a imagem deve ser apropriada a partir das circunstâncias em que ela é produzida, da função a qual se destina, da sua contextualização material e lugar físico onde ela foi vinculada e será apresentada, possibilitando assim compartilhamento de

---

<sup>2</sup> Texto apresentado na Disciplina: FCHA02- Seminário de metodologia e prática de pesquisa, 2010.2.

experiências não verbais. Entretanto devemos pontuar seu caráter infinito sem esquecermos que como recorte histórico ela está localizada num fragmento da linha de tempo histórico, diretamente influenciável por diferentes condições de expressão e de formas vigentes no momento de sua construção (PANOFSKI, 2002, p.64-65). A Minha abordagem deu-se majoritariamente sob a perspectiva da Rezadeira/Rezador de Preceito.

### **Procedimentos Éticos**

Quanto à confidencialidade das declarações, assegurei o completo anonimato, assim também como a garantia de liberdade em recusar a responder qualquer pergunta que causasse constrangimento, ou interromper a entrevista, conforme consta no documento que lhe será apresentado, visando seu consentimento em participar do estudo.

Para Rouanet a ética está na origem do saber antropológico, tanto no nível da interação quase discursiva entre o etnólogo e a outra cultura, como no nível do discurso entre pares. Cabe à ética originar o processo de transformação social induzida: é a ética que torna a antropologia, socialmente engajada. Pois é a ética que fornece o quadro para organizar a comunidade argumentativa com fins transformadores, tanto em nível argumentativoem geral, quanto no caso da mudança narrativo-institucional (ROUANET, 1985, p.291).

Foi esclarecido a (ao) entrevistado (a) que a realização da entrevista exige certa privacidade; portanto na medida do possível, procuramos um local que garantisse essas condições.

Antes do início da entrevista foi explicado detalhadamente o aspecto da pesquisa, assim também como os aspectos da entrevista, sua duração média e possível dúvida que o (a) entrevistado (a) manifestasse através de um Termo de Consentimento<sup>3</sup>. Este por sua vez foi lido em voz alta e gravado, também foi assinado pelo entrevistado no início da entrevista. A seguir, transcrevo as respostas ao Termo de Consentimento, lido e gravado com todas as sete Rezadeiras/Rezadores de Preceito entrevistados.

---

<sup>3</sup> Anexo\_3 – Termo de Consentimento



1. Aranha: Deixo!...Deixo!
2. Augusta: Aqui nunca teve pra dar entrevista à gente. Graças a Deus você chegou, estou muito contente.
3. Jeco: Sim pode por aí.
4. Macaco: Sim, autorizo.
5. Tereza: Sou rezadeira.  
  
Deixo sim, é bom!
6. Nair: Mas eu não tenho dinheiro.  
  
Aceito.  
  
Eu não sei ler.
7. Seu Zoza: Aceito  
  
É meu nome verdadeiro, Zózimo dos Santos Souza.

## **O Campo de Trabalho**

O município de São Francisco do Conde tem origem no povoamento criado em 1698, e segundo historiadores, é oriundo da sesmaria concedida a Simão da Gama Andrade, em 1552, por D. Duarte da Costa, que incluía a Ilha das Fontes e a Ilha dos Frades. Através do mapa abaixo, temos a localização de São Francisco do Conde, Bahia, a aproximadamente 67 km de Salvador.



Fonte: [www.pmsfc.ba.gov.br/origem.asp](http://www.pmsfc.ba.gov.br/origem.asp)

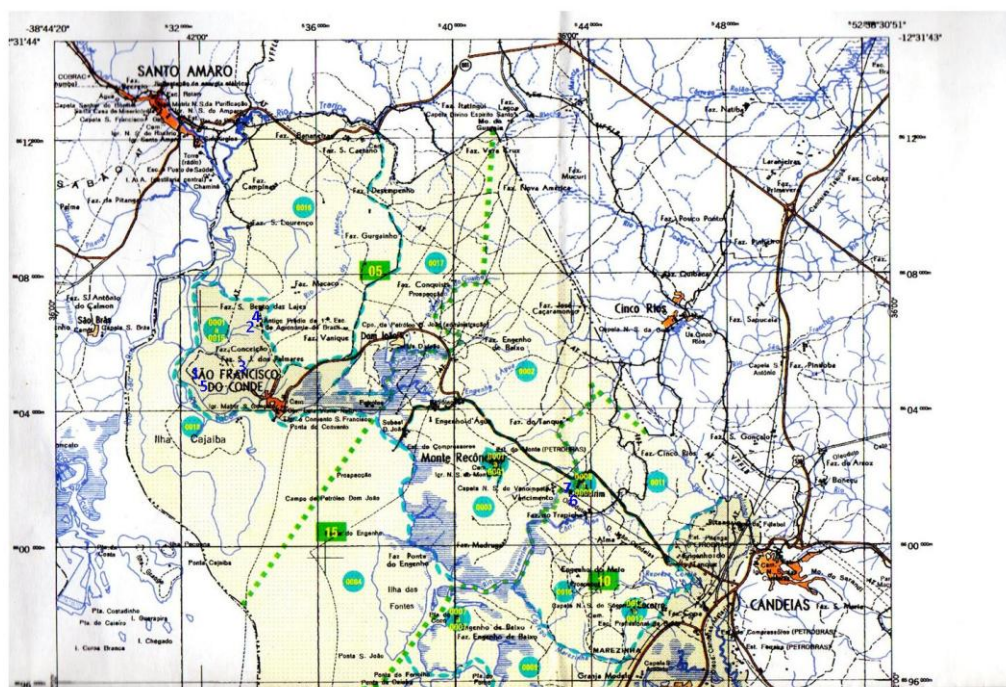
A população pobre, conforme Índice de Desenvolvimento Humano- IDH (índice PNUD/2000) igual a 0,714, décima sexta posição, referente ao Ranking do Estado da Bahia<sup>4</sup>, e posição considerada média<sup>5</sup> no ranking nacional, em sua maioria é desprovida de escola e assistência médica; desconhece saneamento e não têm moradia com as mínimas condições de habitação, muitos vivem em palafitas e barracos instalados sobre os dutos da Landulfo Alves, à beira das marés ou no entorno dos manguezais aterrados.

<sup>4</sup> [http://www.seagri.ba.gov.br/populacao\\_idh\\_territorios.pdf](http://www.seagri.ba.gov.br/populacao_idh_territorios.pdf), acessado em 06 janeiro de 2012.

<sup>5</sup> <http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH->

M%2091%20000%20Ranking%20decrecente%20%28pelos%20dados%20de%202000%29.htm, acessado em 06 janeiro de 2012.

Localização das Rezaadeiras/Rezadores de Preceito em São Francisco do Conde



- 1. Aranha
- 2. Augusta
- 3. Jeco
- 4. Macaco
- 5. Tereza
- 6. Nair
- 7. Zoza

Fonte: IBGE, GEOCÓDIGO 2929206 – Mesorregião: Metropolitana de Salvador.

## Caracterização Econômica e Histórica<sup>6</sup>

Segundo Schwartz (1998) no período compreendido entre 1670 e 1770, o número de engenhos de cana-de-açúcar era da ordem de 130 a 150 engenhos e apresentava uma produção total entre 5000 e 7300 toneladas, equiparadas a produção da Jamaica e posteriormente suplantando a produção de Barbados, segundo o autor, principal produtor do período.

Afinal, foi a produção de açúcar que deu à Bahia, e especialmente ao Recôncavo, sua razão de ser e que criou sua sociedade característica. Com início modesto no século XVI, a Bahia veio a tornar-se a segunda região açucareira do Brasil, suplantada apenas por Pernambuco; após o eclipse da liderança desta capitania após a invasão holandesa (30-54), a Bahia manteve a primazia durante a maior parte do século XVIII (SCHWARTZ, 1998, p.89).

Schwartz caracterizou as propriedades como latifúndios praticantes de monocultura da cana-de-açúcar e apresentou os engenhos como propriedades particulares administradas por grupos familiares, ainda que alguns engenhos tenham sido “construídos com recursos da Coroa” (SCHWARTZ, 1998, p.92). Indicou baseado no historiador F. W. O. Morton, que 92 engenhos, cerca de 30%, isso em 1818, pertenciam a vinte famílias, indicando alto grau de concentração de recursos, poder e riqueza, já que estes engenhos eram os maiores, mais bem localizados e produtivos. Acrescenta que: “dos 151 engenhos situados no litoral ou a menos de duas léguas da costa, as famílias aristocráticas de senhores de engenho eram donas de 66 (43%) deles, uma vez que muitas dessas famílias dominaram a vida social e política até o século XIX e mesmo até o nosso século...” (SCHWARTZ, 1998, p.93).

---

<sup>6</sup> O povoamento das terras que hoje pertencem ao município de São Francisco do Conde, criado em 1698, teve início com o do próprio Recôncavo Baiano. Segundo historiadores a primeira sesmaria foi concedida a Simão da Gama Andrade, em 1552, por D. Duarte da Costa, que incluía a Ilha das Fontes e a Ilha dos Frades. Depois dessa, foi doada pelo 3º Governador Geral Men de Sá, por carta de 25 de julho de 1559, a seu amigo Fernão Rodrigues de Castelo Branco. E que por sua morte passaram a propriedade de sua filha, D. Helena, casada com D. Fernando de Noronha, Conde de Linhares. Na primeira metade do século XVII, os frades franciscanos fundaram o primeiro convento no lugar denominado Marapé, a uma légua da povoação, mudando-se em 1629, para o local onde se encontra atualmente a cidade, em terrenos que lhes foram doados por Gaspar Pinto dos Reis e sua mulher. São Francisco de Conde teve assinalada participação nas lutas da independência. A construção administrativa deu-se com a formação por Carta Régia de 27 de dezembro de 1693, foi determinada a criação da vila no Recôncavo Baiano, cabendo a D. João de Lancaster, fundar a 27 de novembro de 1697, a vila que tomou o nome do São Francisco da Barra de Sergipe do Conde, cuja instalação se verificou a 16 de fevereiro de 1698. Segundo a divisão administrativa, vigente em 1.º de janeiro de 1958, o Município é composto de 3 distritos: São Francisco do Conde, Mataripe e Monte Recôncavo.

Outras culturas, especialmente o fumo, também existiram no Recôncavo, mas nenhuma delas excedeu o valor ou a importância do açúcar. O mercado deste produto poderia sofrer grandes flutuações, e a capitania passar por longos períodos de dificuldades devido à fraca demanda ou os preços baixos dos seus principais produtos agrícolas, mas a Bahia permaneceu, nas épocas boas e más, como importante produtora de açúcar e fumo. O Recôncavo conferiu a Salvador sua existência econômica e estimulou a colonização e o desenvolvimento do sertão; seus senhores de engenho dominaram a vida social e política da capitania por toda sua história. Falar da Bahia era falar do Recôncavo, e este sempre foi sinônimo de engenhos, açúcar e escravos (SCHWARTZ, 1998, p.94).

Digna de menção é a participação da região em toda a história da atividade fumageira brasileira. Para os autores Mesquita & Oliveira foi: “Berço da produção brasileira, da qual se manteve na liderança até o início da década de 1950, este Estado viu florescer o complexo agroindustrial do fumo. De fato, é a partir de meados do século XIX, que o Recôncavo Baiano enseja o surgimento da indústria brasileira de charutos, pontecendo uma trajetória marcada pela alternância de períodos de prosperidade e de crise” (MESQUITA & OLIVEIRA, 2003, p. 1).

Os impactos e interações decorrentes do fim da economia açucareira no município de São Francisco do Conde, Recôncavo Baiano, seguidos da implantação da indústria do petróleo, em 1953, foram responsáveis por profundas modificações na cultura tradicional, notadamente no acesso às formas curativas tradicionais, com o advento da biomedicina e suas relações com as práticas etnomédicas, com os modelos interpretativos para as enfermidades e aflições; desenvolvidos e praticados pelas das Rezadeiras, baseadas na fé, no uso de ervas e aconselhamentos, respaldados pelas tradições históricas de cura e suas relações com a geração atual (SANSONE, 2012).

### As Rezadeiras em seu contexto

Para começar minha pesquisa tomei como referência os questionários aplicados no Projeto Instituto do Milênio<sup>7</sup> e PNUD, onde se permite maior possibilidade de respostas dos entrevistados. No questionário foram entrevistados moradores em 417 domicílios do município em diferentes bairros: Drena, local onde foi aplicado o questionário de pré-teste, na sede do município; nos bairros: Nova São Francisco, Babilônia, Faixa Fria e Campinas; na área rural, localidades de: Macaco, Monte Recôncavo e Paramirim.

No questionário foram feitas algumas questões relativas a processos terapêuticos tais como: *Quando o Senhor (a) está com algum problema de saúde, a quem o Senhor (a) procura em primeiro lugar? O Ser (a) consulta-se com algum (a) Rezadeira / Rezador? Com que frequência o Senhor (a) se consulta com a rezadeira de sua preferência? Como o Senhor (a) avalia a eficácia das rezas, os chás e os preceitos que as (os) rezadeiras (os) aconselham? O Senhor (a) já acompanhou ou levou alguém em consultas à rezadeiras (ores)?*

Este vetor conseguiu produzir dados relevantes que revelaram a importância e abrangência do fenômeno das Rezadeiras, no município de São Francisco do Conde, o que me levou a buscar um recorte significativo em entrevistas com os especialistas religiosos, tratando alguns como interlocutores privilegiados.

A Organização das Nações Unidas, ONU, promoveu através de Seminário Internacional sobre práticas terapêuticas tradicionais, a que chamou de práticas integrativas, pois contempla a história a cultura e o contexto de cada sociedade frente a sua percepção histórica de tratamento terapêutico e cura. Ao término publicou o Relatório do 1º seminário

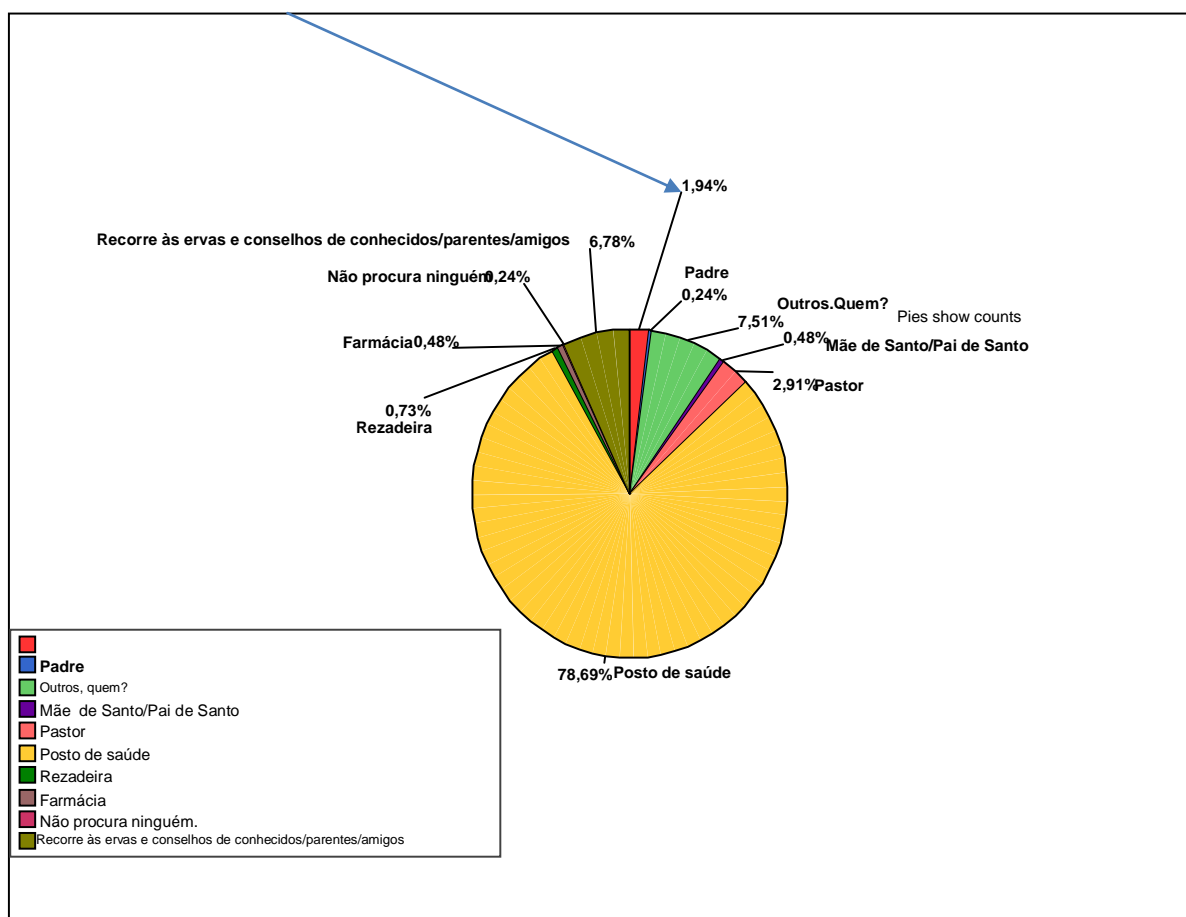
---

<sup>7</sup> Observatório das Metrópoles: território, coesão social e governança democrática, em: [http://www.observatoriodasmetrolopes.ufrj.br/apresentacoes/5\\_instituto\\_do\\_milenio.pdf](http://www.observatoriodasmetrolopes.ufrj.br/apresentacoes/5_instituto_do_milenio.pdf).

Internacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde– PNPIC e a Carta de Pequim<sup>8</sup>, acordo o qual o Brasil, através do Ministério da Saúde é signatário, mas todavia não implementou, até o momento estas práticas etnomédicas, existindo no país diversos exemplos locais exitosos como o do Rio Grande do norte, do Ceará - Maranguape, do Rio de Janeiro e outros.

A última parte de nosso questionário, cujo título era “percepção das práticas terapêuticas”, continha cinco questões. A primeira questão discutiu a ação inicial de busca da cura, a partir da necessidade vivida pelo cidadão acometido por um problema de saúde qualquer.

**XIII 1** Quando o senhor (a) está com algum problema de saúde, a quem o senhor (a) procura em primeiro lugar?



OBS.: O percentual de 1,94% representa missing, erro, campo vazio.

<sup>8</sup> Anexo\_4, Carta de Pequim



Com 78,69%, podemos destacar a relevância do sistema de saúde oficial compreendido pelo Hospital Municipal e os postos de saúde com relevância para os Postos de Saúde da Família, PSF, implementados a partir de 2002, e que contava com quatro unidades nos Municípios, contemplado na opção: “Posto de Saúde” ficou em primeiro lugar.

Em seguida a pergunta é se “Recorre às ervas e conselhos de conhecidos, parentes ou amigos.” 6,78% de respostas afirmativas indica a existência de uma crença na sabedoria popular, na ancestralidade do conhecimento dos tratamentos a partir de “tratamentos caseiros” bem como a dificuldade de acesso ao “sistema oficial de saúde” seja pela demora na marcação de consultas e/ou a dificuldade e demora em realizar os exames solicitados seja pela escassez de medicamentos prescritos. A doença não espera.

Em terceiro lugar observei o crescente prestígio dos pastores protestantes, 2,91% e o avanço das igrejas neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular), apontando uma linha de busca pela saúde, cura a partir da perspectiva religiosa enfatizando a crença e “fé” na cura por ação divina. Cabe salientar que a presença na região das igrejas neopentecostais inicia-se na década de 60 do século passado, quando da implantação da Refinaria Landolfo Alves (RELAN) e o seu grande contingente de trabalhadores. A primeira igreja evangélica foi implantada na década de sessenta pelos primeiros trabalhadores da RELAN.

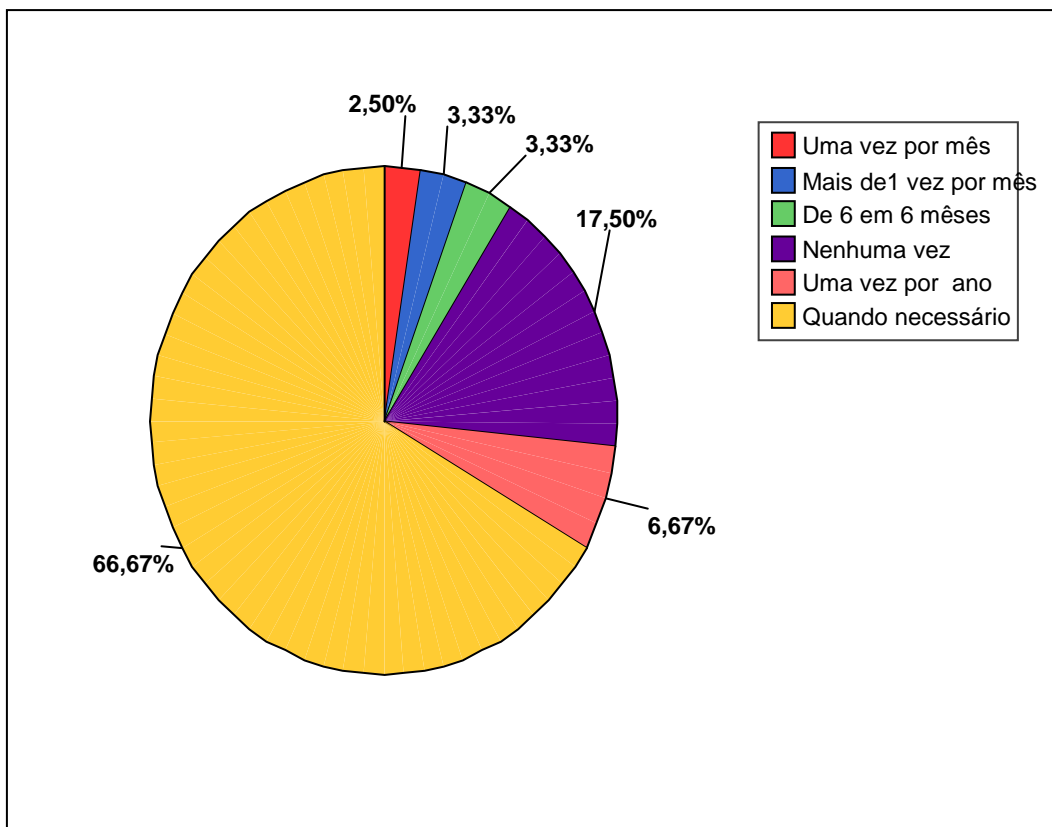
Em quarto lugar aparecem as rezadeiras que representam 0,73% das opções escolhidas. Destaco que apesar do pequeno número de rezadeiras na região, da observação de que as mesmas não fazem propaganda dos seus serviços, do fácil acesso aos medicamentos alopatas nas farmácias com propaganda e promessas de cura instantânea, acabaram por ficar à frente das farmácias com 0,48%.

A segunda questão “O Senhor(a), consulta-se com algum(a) Rezadeira/Rezador?” buscou revelar a efetiva procura ou não, por uma Rezadeira/Rezador de Preceito em busca da cura. Delimitei assim, o foco principal e observei uma resposta significativa, pois 23,50% afirmaram que se consultam com alguma Rezadeira/Rezador.

Para a questão subsequente indaguei sobre a frequência com que as pessoas se consultam com a Rezadeira/Rezador e obtive as seguintes respostas, considerando apenas os casos válidos.



**XIII 3** Com que frequência o Senhor (a) se consulta com a rezadeira de sua preferência?



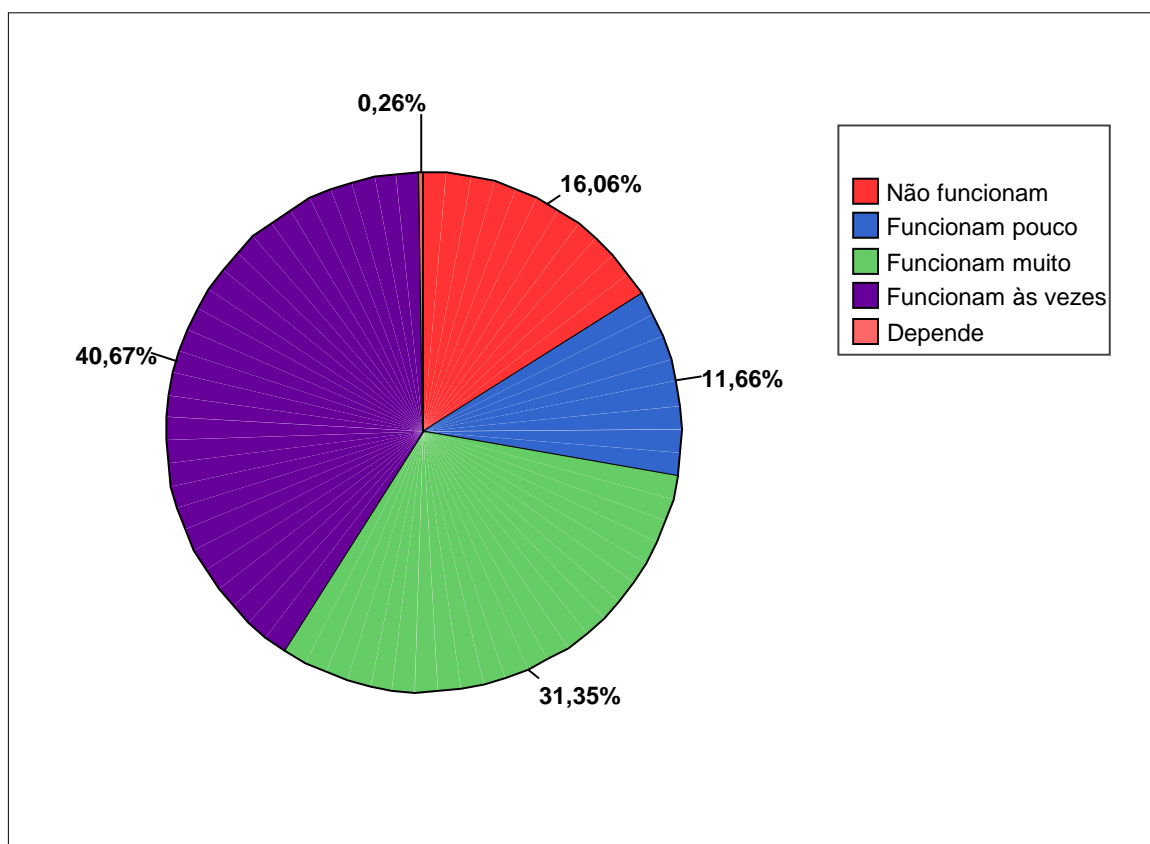
A opção “quando necessário” ficou com 66,67% das respostas. Vale ressaltar que em nossas conversas observei que muitos dos interlocutores afirmavam que não frequentavam as rezadeiras, porém diante da insistência por uma resposta objetiva estes apontavam um percentual muito expressivo; em segundo lugar 17,5% afirmaram que não procuravam as rezadeiras “Nenhuma vez”; em terceiro lugar 6,5% afirmaram consultar “Uma vez ao ano”.

A soma das opções “De 6 em 6 meses” e “Mais de uma vez ao mês”, ficaram com 3,3% das escolhas e surpreendentemente a opção “Mais de uma vez ao mês” ficou com 2,5%%. Ou seja, dos percentuais que frequentam as Rezadeiras/Rezadores de Preceito em um período de um ano, o percentual total foi de 15,1%, valor significativo dentro da amostra trabalhada.

A quarta questão avaliou a eficácia das rezas, os chás e os preceitos que as Rezadeiras/Rezadores aconselham, o que nos expressou a credibilidade dos tratamentos realizados pelas Rezadeiras dentro da amostra estudada, o resultado é digno de nota, já que 0,73% dos entrevistados frequentam as rezadeiras e 31,35% dos mesmos, afirmaram que

“Funcionam muito”, 11,66% que “funciona pouco” e 40,67%, “funciona às vezes”. Surpreendentemente ficou o percentual dos que acreditam que “Não funcionam”, 16,06%. Deduzi que apesar do aparente baixo índice de 0,73% dos que frequentam as Rezadeiras, seus tratamentos gozam de alta credibilidade frente à população local ou as pessoas não tem dificuldades de usarem os serviços das rezadeiras, mas não se sentem à vontade de julgar objetivamente, mas em abstrato, como observado em questões relativas ao racismo. A pergunta a ser feita é: como, se você não frequenta como pode dizer se funciona ou não? A resposta possível é: o informante partilha a informação de um amigo, vizinho ou familiar que o leva a ter tal percepção. O que me leva a pensar o alto índice de prestígio social alcançado pelas rezadeiras em São Francisco do Conde.

**XIII 4** Como o Senhor (a) avalia a eficácia das rezas, os chás e os preceitos que as (os) rezadeiras (os) aconselham.



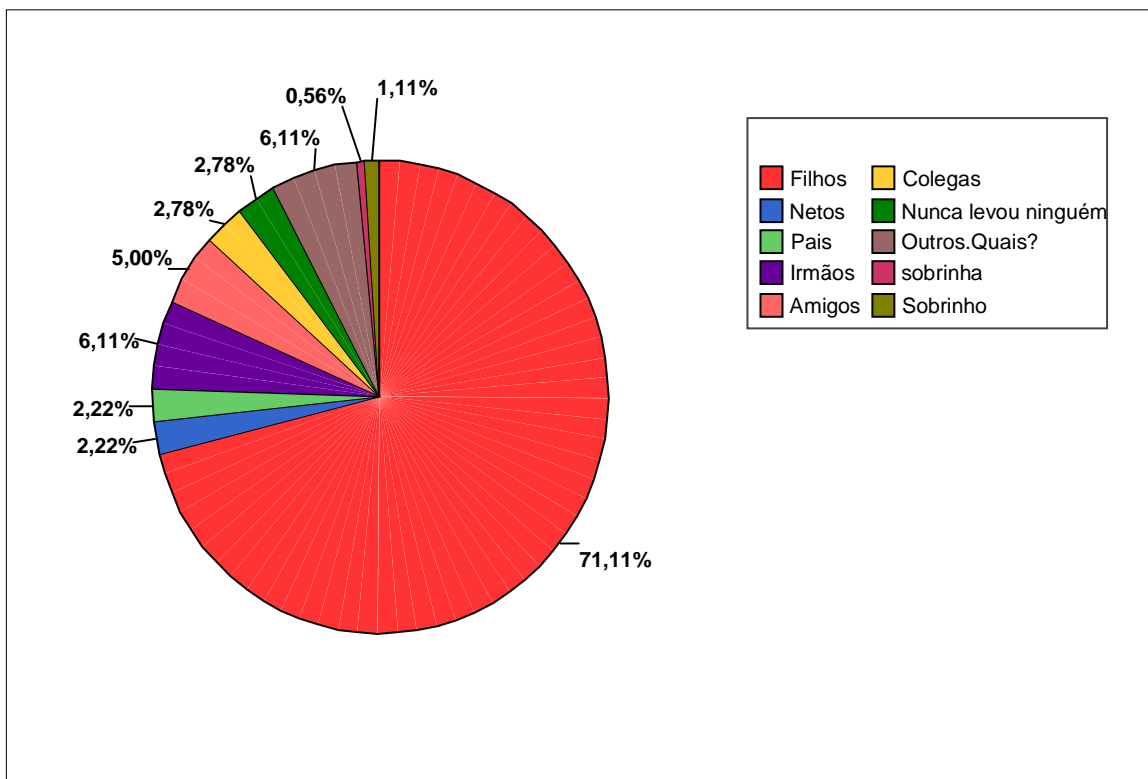
Resposta obtida, o gráfico representa apenas os casos válidos.

Apesar do pequeno número de pessoas que afirmaram utilizar dos serviços terapêuticos das Rezadeiras/Rezadores de Preceito, observo que, ao longo das cinco questões

quantitativas verifica-se uma frequência aliada à família, pois as pessoas ainda que afirmem que não vão, acabam por levar parentes e amigos.

A última pergunta visou aprofundar e esclarecer o uso das práticas terapêuticas tradicionais praticadas pelas rezadeiras, etnomedicina. O que observo nesta questão é o grande percentual de pessoas que levaram amigos, filhos, sobrinhas e sobrinhos, irmãos e pais, fato que me leva a concluir que o acesso as rezadeiras se dá através de uma rede de relacionamentos muito próximos, inclusive familiares. Outra conclusão, é a percepção de que a “fama”, de bom, boa rezadeira (o) se constrói boca-a-boca, em conversas cotidianas em que pessoas que se relacionam constantemente, pois percebem a necessidade de “levar pra ser rezado” um ente querido, a fim de curá-lo de determinado mal, que possa estar afligindo no momento.

### XIII 5 O Senhor (a) já acompanhou ou levou alguém em consultas à rezadeiras (ores)?



Cerca de 40% dos entrevistados responderam “Não” ou não responderam dos 56% que responderam “SIM”.

Para Schutz “O estoque de conhecimento do homem tem sua vida particular e depende de todas as suas experiências, lhe serve como um código de interpretações. Este estoque não é

homogêneo, tem toda uma estruturação especial, com diferentes zonas de gradação, alguns conhecimentos são mais claros e consistentes, outros se baseiam apenas nas crenças e existem também regiões que ignoramos” (SCHUTZ, 1975, p.231).

Para concluir, as Rezadeiras/Rezadores de Preceito de São Francisco do Conde, são tidas aqui como ícones culturais inseridos em uma sociedade híbrida, glocal, moderna, com alto índice de transito, se apresentam como guardiãs da memória, da ancestralidade, e por que não dizer da identidade dos franciscanos, mas ao mesmo tempo dialogam com a modernidade, na medida em que suas práticas culturais, baseadas na reza, no controle do corpo, nos unguentos e aconselhamentos estão presentes e atuantes ao lado dos sistemas oficiais de saúde, no município.

A consciência da importância das rezadeiras/rezadores de preceito é evidenciada nesta análise, bem como sua credibilidade na sociedade de São Francisco do Conde, pois é a elas e eles, que as pessoas se dirigem, até hoje, em pleno século XXI, seja porque a medicina oficial não consegue atender a toda a população em todos os momentos, seja porque a “doença” não é só do corpo, ou mesmo a sua causa primeira, ou ainda como nos revelaram nossos interlocutores pela falta de atenção dos profissionais que atuam, “*nem olham para nossa cara e dão remédio*” ou “*passam remédio que não tem*” ou simplesmente “*nunca tá aí, quando precisamos*”, “*só vem uma vez por semana*”, “*só passa o exame, daqui que faça já morri, fazer aonde?*” “*Nunca tem vaga, manda marcar por mês que vem!*” Em contrapartida as opiniões sobre as Rezadeiras/Rezadores de Preceito, que segundo a população consultada apresentam-se como: “*de confiança*”, “*tem a sabedoria dos mais velhos*”, “*sabe das coisas*”, “*peças de fé*”, “*tem a tradição no sangue*”, “*são boas mesmo*”, “*cuidam do corpo e da alma*”.

O levantamento, por meio da aplicação do questionário, mostrou que um número considerável de Rezadeiras exerce suas atividades em São Francisco do Conde. Assim, dos 417 entrevistados por questionário, 362 acabaram por indicar as “rezadeiras mais eficientes”, um total de catorze. Destas quatorze restaram nove, devido a um recorte no qual que considerei a “fama” gozada pela Rezadeira de Preceito, percebi como diretamente relacionada à eficácia dos seus tratamentos a partir da percepção da amostra, segundo o número de indicações, aliada a sua localização geográfica no município.

As seguintes Rezadeiras/Rezadores de Preceito foram identificadas: Senhor Aranha,

(Ogã, trabalhador da prefeitura) – Dona Augusta (Rezadeira de Santo Antônio Bairro Campinas, filha de santo) – Dona Bebera, “Grande”, (Ekede e Rezadeira de Santo Antônio, Rua Rui Barbosa, em frente à igreja, parte alta) – Dona Gracinha (Ekede, reza mal olhado, vive próxima à creche) – Dona Isabel Bairro (Rezadeira de Santo Antônio Drena Rua de Silú) - JECO (Filha de Santo, Rezadeira de Santo Antônio) – Senhor MACACO, (Mau olhado e Santo Antônio, Bairro Campinas) – Dona Nair (Filha de Santo, Paramirim, Bairro Coroado) – Senhor Nadinho, (Ogã, Antigo morador do Drena, sofre com problemas de alcoolismo) – Senhor Neco (Ogã, Rua Nova São Francisco, próximo ao armazém de Santos, invasão) - Dona Nini (Filha de Santo, Reza mal olhado e Santo Antônio) – Dona Olga( Zeladora de Casa de Santo e rezadeira de preceito, se mudou para o número 66, Uruguai, Salvador) – Dona Tereza (Rezadeira de Preceito e de Santo Antônio, Rua Policarpo de Oliveira, próximo a Delegacia) –Seu ZOZA (Rezador de Preceito e de Santo Antônio). (Paramirim, Bairro Coroado, católico e frequentador dos Candomblés na juventude).

Dentre os nove interlocutores escolhidos, não obtive acesso a Dona NINI, que agora é adepta da Igreja Universal do Reino de Deus e o Senhor Neco, que infelizmente esquivou-se de dar entrevista, ainda que eu tenha insistido inúmeras vezes. Sobraram sete Rezadeiras, o que reduziu a um grupo de informantes e de interlocutores privilegiados.

O perfil é das Rezadeiras/Rezadores de Preceito, daqui em diante simplesmente chamadas de Rezadeiras, entrevistadas é composto de pessoas com mais de 55 anos, baixa escolaridade, baixo rendimento, em sua maioria avós, vivem há mais de 30 anos na cidade. Quase todas aposentadas e recebem cerca de um (1) salário mínimo mensal.

Norteei o trabalho através de um Roteiro de Entrevistas pela Identificação das Categorias Teóricas e Empíricas relevantes à pesquisa.

As sete Rezadeiras selecionadas, além de serem indicadas pela comunidade, são as mais antigas e aquelas com maior prestígio e idade. São elas: Senhor Aranha (Ogã), Dona Augusta (Rezadeira de Preceito e de Santo Antônio, Campinas), Dona Jeco (Rezadeira de Preceito e de Santo Antônio, Centro), Seu Macaco (Rezador de Preceito e de Santo Antônio, Campinas), Dona Nair (Rezadeira de Preceito, Paramirim, Bairro Coroado), Dona Tereza, (Rezadeira de Preceito e de Santo Antônio) e finalmente Senhor ZOZA, (Rezador de Preceito e de Santo Antônio).

## **A Festa de Santo Antônio: momento de encontro das Rezadeiras**

Com o objetivo de conhecer suas práticas e evidenciar o cotidiano das Rezadeiras/Rezadores de Preceito, em suas práticas de culto e orações, baseadas no sincretismo religioso.

Participei e registrei por meio de áudio e vídeo da Festa de Santo Antônio nos anos de 2009, 2010 e 2011. Os preparativos para a festa se iniciam com reuniões realizadas entre os membros da Associação de Rezadeiras, no mês de maio de cada ano, nos sábados, culminando com a trezena de Santo Antônio no mês de junho. No ano de 2009, a associação foi transformada na Irmandade de Santo Antônio. A festa se apresenta como uma quebra do cotidiano, por reforçar os laços sociais, sua função social é a transmissão de crenças e costumes, pois é neste momento que se coroa a devoção ao Santo que apesar de não ser o padroeiro da cidade é, sem sombra de dúvida, o santo mais querido e famoso, ao lado de São Francisco e Nossa Senhora da Conceição.

A festa enaltece a Santo Antônio agradecendo as dádivas alcançadas, renovando e reafirmando os votos realizados na suplica por mais favores, os devotos fazem ameaças de tortura ao santo, amparadas nos abraços as réplicas do mesmo, apertados contra o peito e por vezes sufocados por salivas dos muitos beijinhos. Não sabe ele, o santo, o que lhe vai suceder durante o período pós-festa, já que durante um ano sofrerá torturas ao serem postos de cabeça para baixo, afogado em copos d'água, trancado nos congeladores escuros e frios, ou simplesmente voltado para a parede, ainda que tratado por diminutivos carinhosos como “Santinho” e “Toinho”.

A Associação de Rezadeiras de Santo Antônio foi criada por pessoas do município, adeptas também do Candomblé e inclusive possuidoras de títulos de poder e prestígio sacerdotal - Mães de Santo, Ekédes e Ogãs - pertencentes aos inúmeros terreiros da região. Sendo que muitas destas Senhoras e Senhores são conhecidas também pela prática de rezas de preceito, em seus distritos, chegando à fama de algumas a extrapolar as fronteiras do município, sendo capaz de trazer pessoas de várias localidades em busca de atendimento, inclusive da capital do estado, isso devido a propaganda boca-a-boca praticada pelos suplicantes. De fato, em muitas casas, no dia 13 de junho as rezas são sucedidas pelo “feijão

de Ogum” (uma abundante feijoada que é servida como oferenda ao orixá Ogum e que por sua vez é compartilhada com a comunidade), o mesmo acontece em algumas casas após a procissão de Santo Antônio, vejo como uma encruzilhada de religiões, que antes de se oporem, se complementam e tem vivido assim por gerações.

Dentre das Rezadeiras entrevistadas, Seu Macaco e Dona Augusta participam da organização do evento, comparecem as reuniões e auxiliam na arrumação da procissão e da praça. Seu Aranha, Dona Tereza e Seu Zozá frequentam todos os anos, Dona Nair me informou que “perdeu o gosto” e não vai mais, não tem idade nem dinheiro pra isso. Dona Jeco era uma fervorosa participante, falecida no ano de 2010. Seu Aranha diz que não tem mais idade para comer o feijão de Ogum e que antes não dispensava. Seu Macaco diz que: ainda come, “mas só um bocadinho”.

Para arcar com as despesas da Festa, os associados são bem relacionados socialmente. Não obstante, passa-se o “Livro de Ouro”, todos os anos, como objetivo de levantar somas maiores, já que este é assinado por pessoas em melhores condições econômicas como comerciantes, aposentados da Petrobrás, médicos, funcionários públicos de alto escalão e políticos. A depender do grau de prestígio social do doador se espera uma contribuição mais generosa e em época de eleições uma maior contribuição dos políticos locais, seja para manter o curral eleitoral para as eleições municipais, seja para externar seu prestígio e apoiar candidaturas a eleições estaduais e nacionais.

A Procissão de Santo Antônio existe há 22 anos e é sempre realizada no sábado seguinte ao dia 13 de junho. Faz parte do Encontro de Rezadeiras e é composto por uma maioria de mulheres – mães, avós, filhas e netas- devotas de Santo Antônio, com presença também masculina. Nos três anos da pesquisa o principal organizador é foi Seu Miranda, que era o responsável direto pelo evento como diretor da Associação e atualmente como diretor da Irmandade. A Associação das Rezadeiras de Santo Antônio define preparativos, reuniões, filmagem e fotografia do evento; também busca apoio, na forma de doações como flores, camisas, bebidas, comidas, combustível, transporte e até mesmo santos em cerâmica para sorteios e doações realizados durante o evento. No ano de 2009 entraram com um pedido junto à Diocese para transformar a associação em Irmandade de Santo Antônio – pedido que foi aceito. Muitas das participantes deste evento possuem uma relação íntima com os Candomblés da Região, cerca de 40 casas, sejam como, Ogãs, Ekedes, Ebomis, Mãe –

pequena e até Ialorixás, a exemplo de Mãe Lina, Lina Alves da Silva<sup>9</sup>, uma das fundadoras da Associação. Observa-se na composição a presença tanto de moradoras antigas do município como de muitas outras oriundas do Recôncavo Baiano e Região Metropolitana de Salvador.



Convento de Santo Antônio, 2009 construído no século XVIII. (foto tirada em 2009)<sup>10</sup>

O Convento de Santo Antônio é o lugar onde é realizada a missa promovida pela Irmandade de Santo Antônio e de onde saem os “fieis”, em procissão até a Praça da Santa Cruz, percorrendo cerca de 1 km, em cânticos e louvores ao Santo.

Ao contrário do que Alba Zaluar<sup>11</sup> (1983) encontrou no seu estudo sobre santos e

---

<sup>9</sup> Importante Ialorixá da região, destacada personagem da comunidade franciscana por suas atividades religiosas e comunitárias, falecida em 2009. Todo 13 de junho oferecia o feijão a Ogum. Após a sua morte suas filhas mantem a obrigação em sua homenagem. No ano de 2011 tive a oportunidade de participar e registrar.

<sup>10</sup>Créditos das Fotografias: Patrícia Santos, Jéssica Santos, Jean Oliveira e Washington Jesus

<sup>11</sup>OS HOMENS DE DEUS, um estudo dos santos e das festas do catolicismo popular.



festas no catolicismo popular em que Santo Antônio era considerado santo de gente de primeira ou dos brancos e São Benedito, da gente de segunda e as irmandades desses santos congregavam pessoas incluídas nessas camadas sociais, respectivamente, no município de São Francisco do Conde, Santo Antônio é tido, como santo casamenteiro, como santo provedor de graças, também é venerado como “Doutor Evangélico”. Como em Salvador e todo o Recôncavo Baiano, tendo inclusive uma cidade com o seu nome. Vale a pena ressaltar que se trata de um Município onde o percentual de pessoas brancas representa somente cerca de 7% da população.

Tenciono aqui recortar a construção da festa por meio de quadros fotográficos que nos falam sobre o evento, revelando suas nuances e peculiaridades.

1. Ornamentação: 2009 2010 e 2011;
2. A chegada ao Convento: 2009 2010 e 2011;
3. A Missa: 2009 2010 e 2011;
4. Procissão: 2009 2010 e 2011;
5. A Dupla Pertença: 2011;

1. A Ornamentação



Praça. Santa Cruz - junho de 2009



Praça. Santa Cruz - junho de 2009



Praça. Santa Cruz - junho de 2010



Praça. Santa Cruz - junho de 2010



Praça. Santa Cruz - junho de 2011



Praça. Santa Cruz - junho de 2011

A ornamentação do evento começa na tarde de sexta-feira posterior ao dia 13 de junho e termina na manhã de domingo, com a recolha do material utilizado e o desmonte das estruturas. Neste três anos presenciei através de observação participante a importância do auxílio em termos de finança e pessoal por parte da Prefeitura local. Nos três anos consecutivos observei que as pessoas envolvidas com a organização da festa eram as mesmas, o que, no meu entendimento, revela organização, doação e compromisso das pessoas participantes. O fato peculiar é que algumas das pessoas imbuídas nesta tarefa desempenham tarefas semelhantes na organização das festas nos terreiros da cidade. Quando eu perguntei de forma explícita a respeito, os interessados não tiveram dificuldade de confirmar minha observação.

## 2.A chegada ao Convento de Santo Antônio



1.2009



2.2009



3.2010



Uma das Rezadeiras entrevistadas



4.2011



5.2011

Nas imagens acima observa-se a chegada de grupos de diversos municípios, como Camaçari e Candeias, e das localidades do Município de São Francisco do Conde - Caípe, Campinas, Gurujé, Baixa-Fria, Centro, Ilha das Fontes, Santo Estevão etc. Estes grupos chegam em ônibus fretados pela prefeitura ou por políticos influentes da região, eles trabalham no sistema bate-e-volta, conduzindo os fiéis até o Mosteiro de São Bento e

recolhendo-os posteriormente na orla da cidade, ao lado da Praça Santa Cruz, local de finalização da procissão.

Embora, segundo Mariano (2009), para a Igreja Católica a disposição das cores nas festas de santo é oficial, em muitos contextos para os devotos a ordem das cores pode ser trocada aleatoriamente. As cores das fitas dos festejos católicos seguem uma relação com alguns dons divinos: prata para inteligência, entendimento; vermelho significa fortaleza; verde significa conselho; amarelo significa ciência ou conhecimento; a cor azul significa sabedoria; azul escuro significa piedade.

As pessoas trazem suas bandeiras vermelhas, enfeitadas com sete fitas de variadas cores, sendo que cada uma delas simboliza um dom do Divino Espírito Santo, dons estes atribuídos por Isaías (11, 2)15: “Sobre ele [Messias] repousará o espírito de Javé, espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e força, espírito de ciência e temor a Javé e ele respirará o temor de Javé.” (MARIANO, 2009, p.94).

Ressalto que as integrantes da Irmandade aqui pesquisada portam túnica azul sobre as roupas. Essa túnica é o símbolo da Irmandade e sua cor nos remete a uma ligação íntima entre a devoção ao santo católico e o culto ao Orixá Ogum, que porta essa cor, e no Candomblé é o guerreiro, capitão dos exércitos. Para o Candomblé cada cor é vinculada a um Orixá, cabendo às vezes duas ou mais cores, sempre com a predominância de uma sobre as outras. As cores podem também variar a depender da experiência vinculada ao Orixá de Cabeça, ao Orixá da Casa, ao Barco de Batismo. Ressalto, como pode ser visto nas fotografias, que a ornamentação do santo nos andores demonstra a predominância do azul escuro, por muitas vezes entremeado de fios prateados ou dourados.

Em muitas casas, terreiros e roças após a solenidade de Santo Antônio, no dia 13 de junho, faz-se uma comida para Ogum: a feijoada, geralmente servida em prato de barro, najé, acompanhada de refrigerante. Os atabaques acompanham os cânticos atravessando a noite.

Os santos são levados ao Convento de São Bento para serem bentos em missa especial pelo Padre do Convento, todos os anos. Os horários das missas para este fim especial variaram de 19h00min em 2009, 20h00min em 2010 a 21h00min em 2011. Esta variação é atribuída às dificuldades de deslocamento dos participantes, pois muitos deles moram em locais afastados e dependem do transporte coletivo, que geralmente é fornecido por políticos da região e pessoas da própria comunidade, ou de carona de pessoas da comunidade.

O quadro a seguir foi montado a partir de fotografias obtidas dentro do Convento de Santo Antônio, o que não nos foi permitido em anos anteriores.

### 3.A missa



1. 2011



2. 2011



3. 2011



4.2011



5.2011



6.2011

Uma mudança significativa no ano de 2011 foi a adoção de imagens menores do Santo, trazidos em cestos de vime, ou mesmo nas mãos, por serem mais leves e práticos de transportar. Perguntadas as Rezadeiras sobre o motivo responderam: “os homens não vem pra carregar os andores e nós não aguentamos carregar e não vamos esperar por eles” – “O Santo é menor, mas o que importa é a fé!”. Efetivamente, os andores são tão pesados que se tornam necessárias quatro pessoas – sendo que o peso depende do tamanho, da madeira utilizada, do tamanho do santo e do peso da decoração.



4. A Procissão



1. 2009



2. 2009



3. 2010



4. 2010



5. 2011



1. 2011



2. 2011

Chegada a Praça da santa Cruz



3. 2011

Chegada a Praça da santa Cruz



9. 2011



10. 2011



11. 2011



12. 2011



13. 2011



1. 2011

A procissão percorre um trecho de aproximadamente 1,2 Km. Sai em direção à Praça da Santa Cruz, incorporando durante o percurso os moradores devotos do Santo, crianças, bêbados e curiosos. Os cânticos são alegres, as pessoas estão dispostas à caminhada, cria-se um clima de “união” entre os participantes com um reforço dos laços familiares e sociais. Os estandartes são trazidos por grupos oriundos de outros municípios, bem como a inserção de camisas padronizadas que diferenciam e destacam cada grupo que as utiliza. A manta azul foi inserida no ano de 2011 e seu propósito é marcar o espaço da Irmandade. Quem as utiliza pertence à mesma, destacando-se dos demais. No ano de 2011, sem patrocínio, as camisas de Santo Antônio tiveram que ser vendidas no Município, não deixando de ocorrer o uso de camisas dos anos anteriores.



Cabe relatar a existência de diversos roteiros de rezas, onde se reza ao Santo em uma casa por noite, durante 13 noites ou ainda se reza ao Santo em 13 casas em uma única noite. Discussões de quem vai puxar a reza em determinada casa são frequentes sob alegações dos puxadores cansarem: *”Chega tô rôca, puxe você agora!”*. Muitas destas rezas terminam em casas de adeptos do Candomblé. Em algumas casas Ogum é saudado ao final junto com a saudação pertinente ao Orixá da casa; esta deferência demonstra uma correlação cotidiana entre as religiões Afro-brasileira e Católica.

### 5. A dupla pertença – 2011



1.



2.



3.



4.



5.



6.



7.



8.



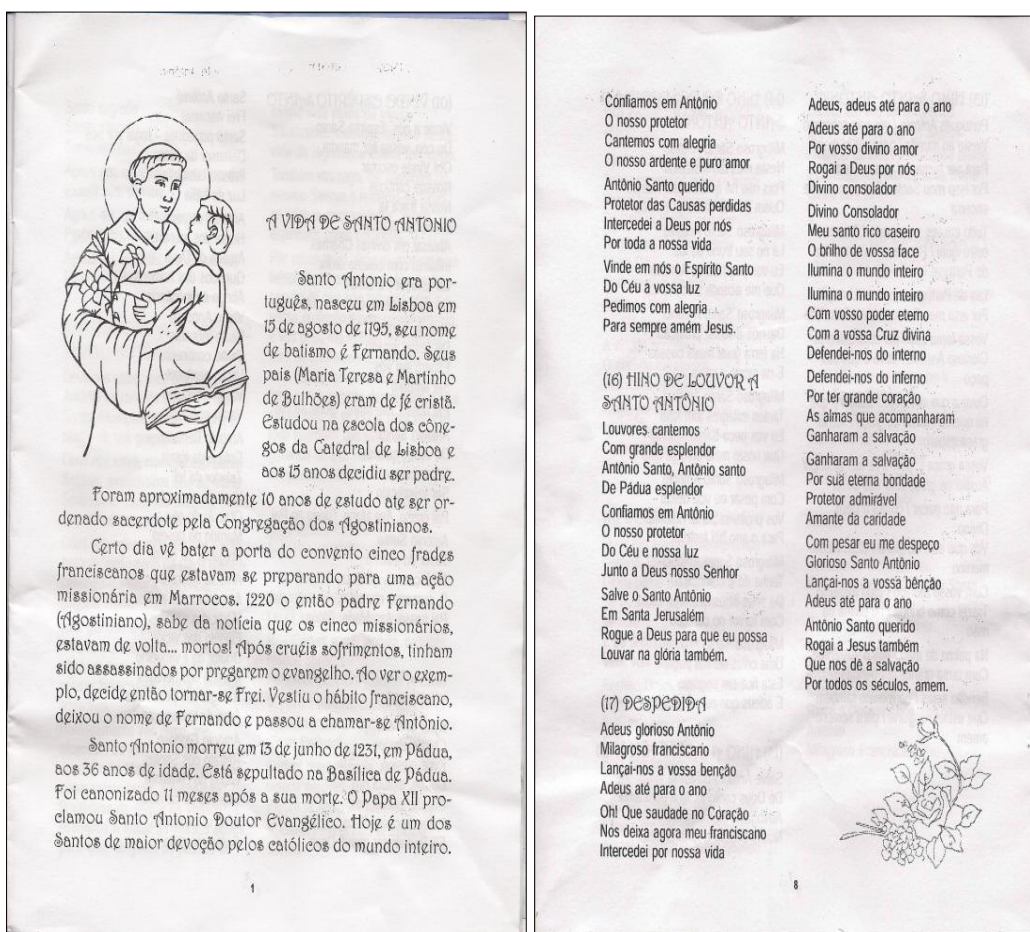
Encarte com as rezas, 2011.



Como evidência de uma tensão entre as representações em torno de Santo Antônio por parte dos devotos do município e aquelas veiculadas pela Igreja católica, com o apoio da Secretaria de Turismo, é interessante observar o material da mesma utilizado em 2011 para facilitar a *puxada das rezas*. O encarte mostra um Santo Antônio diferente daquele dos devotos, em uma moldura, o numero da edição do evento, o nome Irmandade de Santo Antônio e a sua área de abrangência, o Recôncavo e a Região Metropolitana de Salvador. Observa-se ainda, a total ausência da cor azul nas vestimentas ou adereços utilizados pelo Santo. Em todo o quadro o que se apresenta em azul são somente os olhos e o céu ao fundo. Os apoios e patrocínios veiculados no verso do encarte também são interessantes, formados em sua maioria por pequenos comerciantes locais, uma organização não governamental (ONG Vida) e a Secretaria de Turismo do Estado da Bahia. Embora não pareça ter interferência direta por parte da Igreja Católica no evento, esta é chamada a organizar a missa e bênção dos santos na Igreja. De fato, o Padre não acompanha a procissão, embora em 2011, em caráter espontâneo, dois Frades Franciscanos a acompanharam.

Ademais, o encarte apresenta as rezas cantadas durante o evento, e tem como objetivo didático situar o participante, conduzindo-o durante o evento. Percebe-se por parte da comissão organizadora a intencionalidade de capacitar os devotos nos cânticos e rezas apresentados.

Encarte com as rezas, 2011.



Frente estas tentativas de controlar a imagem de Santo Antônio por parte da Igreja, que aproveita do seu poder em termo de consagrar a festa de santo, podem-se identificar sinais de sincretismo nos panos (estes sim, de cor azul), adereços e acessórios, colocados pelas devotas em suas cestas e andores dos santos.

O desenrolar do processo de construção da procissão da Irmandade de Santo Antônio, onde se observa a construção de ícones, atores e narrativas vinculadas à devoção, a fé e a cultura, mostra uma relação dialógica com o poder político local. As formas de exercer a devoção vêm sendo adaptadas às exigências locais do cotidiano, vinculando desta forma os participantes as suas condições econômicas. Podem assim variar acessórios e adereços em papel ou tecido, o valor dos materiais empregados e o tamanho dos andores. A troca de andores por cestas, com conseqüente diminuição do tamanho do Santo, chegando a carregá-lo nas mãos, tem como objetivo não se cansar tanto na procissão, assim como indica que os devotos tendem a ser pessoas mais velhas e que poder ter tido uma queda no número de participantes em 2011 devido à dificuldade de transporte. De fato, notei cerca de 40 santos em 2009, 42 santos em 2010 e apenas 18 em 2011. Lembro ainda que em anos anteriores, no final do evento acontecia um forró, com direito as comidas de época - amendoim, milho, mingau, mugunzá, licor, laranja etc. Compõe também a finalização do evento a venda por parte de ambulantes, uma meia dúzia, das mesmas iguarias da época junina acrescida de cerveja, refrigerantes, pipocas e salgadinhos industrializados.

Manter um registro fotográfico do evento durante três anos consecutivos permite traçar um itinerário do evento composto por organização, construção dos andores, ornamentação procissão e, finalmente, missa.

Os festejos de Santo Antônio são para os devotos uma forma de agradecer por uma graça alcançada, uma reafirmação dos laços com o santo e de exteriorizar sua devoção. De forma concomitante, são também uma maneira de se fazer presente na comunidade, sendo uma grande oportunidade de contato, rever amigos, familiares em diversos grupos de moradores. Isto corrobora com o pensamento de Chartier (1990) para o qual as representações podem ser “o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais” (CHARTIER, 1990, p. 16).

### A Construção Social das Rezadeiras

As Rezadeiras/Rezadores de Preceito de São Francisco do Conde são guardiãs da memória coletiva das classes populares, lidam em seu cotidiano com a sociedade híbrida do recôncavo baiano e estão inseridas nesta sociedade como terapeutas tradicionais, praticantes de etnomedicina, a medicina que sempre acudiu e solucionou os problemas das classes menos favorecidas da sociedade as mesmas que foram esquecidas, invisibilizadas e negadas historicamente; guardiãs de memória de luta e labuta pelo bem estar, assim como orientadoras, parteiras, conselheiras.

A formação destes atores sociais acontece na família, pela curiosidade, ensinamento tradicional, memória coletiva e ancestral, “pela teimosia”, “abdicação”, “dom”, “missão”, “é para quem pode carregar o pote, a carga”, “é sina”. Cuidar do outro, levantar as dores, infortúnios e energias maléficas acarreta peso, problemas de saúde, interrompe a vida cotidiana, pois estas Rezadeiras/rezadores de preceito possuem família, trabalho, têm ocupação como todos os indivíduos inseridos na sociedade de São Francisco do Conde. É uma tarefa a mais, uma responsabilidade maior.

Conhecem grande número de pessoas, são saudadas, respeitadas e queridas, os agradecimentos e presentes, segundo os seus próprios consulentes não pagam o alívio recebido, “a graça alcançada”, a tranquilidade adquirida por seus conselhos, são como se fossem “mães de todos”.

Para Hall, a globalização avança sobre as culturas tradicionais provocando como resultado a formação de culturas tradicionais “híbridas”:

“A tradição funciona, em geral, menos como doutrina do que como repertórios de significados. Cada vez mais os indivíduos recorrem a estes vínculos e estruturas nas quais se inscrevem para dar sentido ao seu mundo, sem serem rigorosamente atados a eles em cada detalhe de suas existências.” (HALL, 2003, p.73-74).

A pesquisadora Silva (2009), aborda o tema das rezadeiras de preceito a partir do pressuposto de que elas são guardiãs da memória:

Acreditamos que a consciência da sua identidade, torna um determinado grupo social resistente as imposições das elites ou mesmo das investidas de grupos estranhos.

Porém essa consciência só se apresenta onde há uma preservação dessa identidade, que, por sua vez, só acontece mediante a memória coletiva desse grupo. (SILVA, 2009, p.1)

E acrescenta:

Pelo papel que desempenham junto às camadas populares das suas comunidades, vemos essas mulheres como legítimas guardiãs das memórias de uma população, que corre o risco de perder o seu referencial cultural, oprimida especialmente pela a realidade moderna.

As rezadeiras estão presentes em diversas partes do país, diferenciando as suas práticas, quanto às formas, procedimentos e rituais utilizados no processo de cura, amparados no catolicismo popular sob a influência marcante das religiões africanas (FREIRE, 2003, p. 446).

Os pesquisadores PAULICS & PIANI (2003) ao tratarem do Projeto Raízes Soros e Rezas, a experiência de Maranguape, Ceará, observaram: “*a recorrente afirmação de que o seu ofício é um dom, recebido de Deus, para curar e proteger. Nesse sentido, elas são mediadoras de uma ação do sagrado*” PAULICS & PIANI, 2003, p. 46).

A partir de uma etnografia local foi possível identificar a contribuição do catolicismo popular e principalmente das religiões africanas, especificamente o Candomblé. As rezadeiras, suas práticas, seus papéis e interações, a possibilidade de visualização da cultura como um texto construído por um conjunto de significados partilhados e experimentados pelos indivíduos no decorrer de suas vidas, gerando práticas significativas na construção de suas identidades.

É sabido que todas as sociedades produzem sistemas de representações que legitimam, tanto a ordem estabelecida, quanto as atividades a esta dirigida. As imagens que os grupos sociais fazem de si e dos outros se manifestam, sobretudo, em situações de crise social.

Acrescento que é, também, por meio das manifestações culturais que podemos com olhar atento observar a construção destas imagens, no desenrolar, na organização, na processualidade, na construção da manifestação cultural e sua efetivação, evidenciando assim seu repertório imagético, ressaltando suas especificidades. Goffman assegura que, as construções do "eu" ou dos diversos "eus", dos atores sociais só é possível no contexto de interação face-a-face, considerando a maneira pela qual os atores sociais apresentam-se em situações comuns de trabalho, a si mesmos, e suas atividades referentes às outras pessoas, os meios pelos quais dirigem e regulam as impressões que os outros fazem a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer enquanto está desempenhando um papel (GOFFMAN, 1975, p.231).

A inter-relação entre os costumes ancestrais ligados a magia do Candomblé, e a sua consonância com os rituais Católicos na cidade e que nos apresenta não como permissão de culto e sim de necessidade de aceitação para manter sua própria existência, daí aplicar-se bem o conceito de dupla-pertença, ao invés de sincretismo religioso em suas relações espirituais. A consciência da eficácia de suas rezas, do valor ancestral de seus conhecimentos, a questão do segredo do processo de cura vinculado a fé, a aceitação da dificuldade de fazer novas rezadeiras (os) em virtude novos contextos geracionais. Mais uma vez nos oferece a possibilidade de que a cultura popular compreende as complexas ramificações sociais seus dinamismos, situando-se assim, como agente ativo em contradição com a perspectiva usual de que estes são vítimas passivas do processo padronizador e civilizador em diversas áreas, notadamente na saúde, área de concentração de nossas investigações.

Com relação à religiosidade sabemos que a relação entre catolicismo popular e oficial é relativa e sempre em tensão, assim como a relação entre medicina moderna e tradicional (ARAÚJO, 1979; MONTEIRO, 1986). No fundo, o que importa é quem fala de onde fala, quando fala e classifica uma forma como moderna ou tradicional (ADAM, 2006). Neste sentido é importante reconstruir em minha pesquisa uma genealogia de termos, narrativas e ícones utilizados pelas próprias rezadeiras ou acerca delas.

Quando uma prática religiosa é, explicitamente, de cura, o corpo também é representado e narrado, o que condiciona o sujeito à forma pela qual a sociedade fala do corpo e da saúde – algo em rápida mudança (MAROUN e VIEIRA, 2008; ALVES & RABELO, 2003).

Assim construo neste capítulo pequenas biografias enfocando os indivíduos como Rezadeiras/Rezadores de Preceito, não obstante reconheço uma grande pluralidade de conhecimentos, vivências que os mesmos obtiveram em suas trajetórias de vida.

## 1. Senhor Aranha

Teófilo Santana da Silva, Senhor Aranha, 63 anos filho da falecida dona Zulmira Barbosa Santana e do também falecido senhor Manuel Ribeiro da Silva. Atende pelo apelido de Aranha, ganho na infância, pois não ficava quieto em um lugar, é muito alegre. Ele vive em São Francisco do Conde há trinta e cinco anos e trabalha na prefeitura, há vinte e nove anos. É extrovertido e atento ao mundo. Acredita que um dos maiores problemas que vivemos hoje é a violência, devido ao uso das drogas. “as pedra, tão tomando conta.” Que as pessoas estão andando assustadas em Salvador e em todo lado, seja a pé ou de ônibus coletivo, devido aos assaltos. Antigo morador da Boa Vista.

Na tentativa de identificar as práticas religiosas do senhor Teófilo, perguntei sobre suas idas a igreja, o mesmo foi categórico e discursou sobre religião e a sociedade que vivemos. Entendi a resposta como um alerta sobre a pessoa que eu estava entrevistando que mesmo com a idade que tem e o lugar em que vive, o mesmo é capaz e o faz, percebe e analisa criticamente o mundo a sua volta e, de inicio, rompe com qualquer possibilidade de construção de estereótipos por parte do entrevistador, na medida em que o interlocutor demonstra sua capacidade de agência, de forma ativa, mas sem se impor.

Hora dia nenhum. Essa daí vai, meu filho que é da Universal, mais ela, ela vai, as vez eu também vou, me diz uma palavra que eu fico bem, ai que no mundo não vale nada, Deus é fiel. Sabe meu filho o dia de bater não tem volta...]. A justiça daqui é falha a de Deus é fiel. A justiça daqui tira a minha razão, o tira a sua razão pra dar a mim, tira a minha razão pra dar a você. E daqui pra cima. O sujeito mata outro tem advogado , o advogado de Deus é um só, o negocio é daqui pra cima, La não tem, quem tire ninguém que tire vez .Se você planta um pé de pimenta vamos zelar, você vai colher, certo, se você não zelar você não colhe. Você planta um pé de banana, vamos zelar. Ah, não vou plantara porque to velho, mais deixa planta... como é que se diz, você deixa inaudível[...]não vou plantar ai pros outro não roubar, por isso que nunca tem nada .Olha essa cidade é rica e o povo todo na miséria, né. Na miséria, Rilza recebe todo mês do pai quatrocentos e cinqüenta reais, lugar nenhum dá. Rilza retruca quatrocentos e trinta e oito reais, Senhor Aranha quatrocentos e trinta e oito reais . Oh minha filha eu to mentindo! Não é dinheiro não? O professor que anda pelo sul por ainda pra ganhar um salário de miséria, quinhentos e sessenta reais pra

ensinar esses animais, drogado. Salvador ta demais, minha filha mora lá mora em Salvador, Pau Miúdo, São Marcos o Bairro da Paz quando é hoje são bairros do inferno, você viu aquela cova que apareceu lá, minhas filha mora lá. Bairro do Inferno .Eu trabalhei em Salvador e morei ali quatro anos em setenta e quatro, só via inaudível...] baixo na marquise em Sete de Setembro,...] ta demais. Eu ando assustado, mais quem anda Deus meu filho, não tenha medo respeito, se a pessoa anda com medo, qualquer caminho é caminho, a gente hoje ta morrendo por uma bala perdida, mais quem tem Deus tem que nois vem tem voltar, mais não sabe a hora que vai morrer, tem telefone até pro inferno, mas pra morte não.

Este discernimento do certo e do errado e sua capacidade de lidar com as questões da vida ficaram ainda mais ressaltadas em relação ao domínio das ervas. No momento em que evidenciou que muitas são as utilizadas para o bem, mas que ele próprio conhecia as que podiam ser utilizadas para o mal, ressaltando uma ética própria ao lidar com estas ervas, com as pessoas e com a sociedade.

Serve pra Lavagem. A saideira e a trepadeira,... serve pra botar pra correr...

Pra quem tem coragem de fazer a perversidade, né,... a gente tem que olhar pra frente que atrás vem coisa. O maracujá, já não posso com o maracujá, minha tensão é baixa.

É, por que eu sou muito alegre... é o apelido que me botaram...} eu moro aqui a trinta anos. Trinta e cinco anos. Sou funcionário da prefeitura...}tenho vinte nove anos de prefeitura trabalhador respeitado, trabalhador alegre. Então...}é novinho, é pá, é pisquilha, era nome respeitoso. É como você meu filho, se não soubesse andar... se estudasse, você hoje não era o homem, menino.... para andar hoje na estrada não é brincadeira.

Observo que a aceitação de seu pseudônimo é encarada por ele como sendo uma estratégia para uma aceitação social. Risonho e brincalhão ele vive e conquista as pessoas a sua volta.

...eu morei na Boa Vista e morei lá em Campinas, viajei esse mundo de Deus todo, viajei esse mundo de Deus todo. Eu rezo Macaco, eu rezo Zezinho, todo mundo, quanto é não é nada. (riso) Pergunte a Macaco! (risos).

Conhece algumas Rezadoras e Rezadores de Preceito, mas admite que estas pessoas estejam morrendo e as rezas estão cada vez mais escassas.

{...lembro mais não...} se acabando tudo. Já tá se acabando.

Olhe Neco da Flor do Mato, irmão de Jom. Agora vem, Nadinho do Drena. Macaco da Campinas e eu daqui sou rezador, mais todo mundo só vem procurar eu.

Nadinho, do Drena, Macaco, da Campinas, anote o nomes deles tudo ai ... e. tem Isa... tem Isabel, dali, da, do da rua de Silú.

Interessante pontuar que o senhor Aranha não mencionou o nome de Dona Tereza, todas as informações obtidas em campo me levaram até os dois como sendo os melhores da



localidade. Ele é o mais mencionado, enquanto Dona Tereza é mencionada em segundo lugar, ambos têm muito bom conceito com a vizinhança quanto aos seus serviços religiosos.

Foi sua falecida mãe e seu pai-de-santo, Albertino que lhe ensinaram a rezar.

Que naquele tempo a gente levantava, deitava todo mundo pro um canto, { ... rezava um Pai Nosso, Santa Maria..... } e dava bença a pai e mãe, certo! Levantava, a bença minha mãe ... } a bença meu pai. Quando era pra estrada, a mesma coisa... } olha a estrada! Você encontrava um mais velho na rua... bença! } a mulher com todo o respeito. O que foi que você via lá, deixava lá. Por aqui fui conhecendo, levantava do chão, só foi subindo.

Quando era dia de quarta e sábado o ofício, dentro de casa... }.

Quando era Sexta Feira Santa, não existia sexta feira Santa, ai um pegava aqueles... andava mais de uma légua, um pão, ou uma garrafa de vinho pra levar pra madrinha, e padrinho de dia. Na hora de servir a Deus, sentava tudo na mesa, tudo no chão, tudo ao redor, na hora de servir a Deus, pegava um cálice depois do almo... de servir a Deus, um cálice de vinho. As espinhas panhava tudo, levava tudo, botava na trouxinha, botava no... }. Dali ia todo mundo... } Quando era dia treze, dia de Santa Luzia, todo mundo com seu acompanhamento... }. Dia dezesseis de agosto<sup>12</sup>, acompanhamento... } No dia vinte sete, dia de entrava o mês de setembro, vinte sete dia de paz, de Cosme e Daminhão<sup>13</sup> todo mundo ia tirar esmolos.

Ai eu ia, pensava naquilo, aprendendo na vida né, tirava uma lição na vida ai... quando eu completei dez anos, ai, eu e minhas irmãs são... era vinte irmãos, mais o que aprendeu de tudo dessa lição foi eu, porque... } (toca na cabeça com o dedo indicador) e ali naquele tempo não... o mais velho só ensinava duas vez, ensinava uma nas duas fazesse errado apanhava.

Há uma hibridez entre as rezas católicas e as “rezas de preceito” para Seu Aranha, ou seja, que fazem parte da mesma fé que ele professa.

Evem evem ,evem evem, me ensinando olhado, mufina, cobrero o que mais...vário tipo de reza, ai eu venho aprendendo. Quando eu completei dezessete anos pedi licença de meu pai e minha mãe me abençoa, eu cai na estrada. Ai eu trabalhei com mais velho me ensinaram como era que vivia a vida, evem indo, evem indo, evem indo vivendo a vida apanhando do mundo, agente não bate no mundo por que... a estrada é um livro aberto e o mundo o professor, a estrada ensina, o mundo bate e o tempo cura... é. O fumo... quem cura o fumo é o tempo, o tempo não cura o fumo.

A fé de Seu Aranha lhe foi ensinada junto com os princípios morais da época. Existe uma ética em São Francisco do Conde que norteia a sociedade, assim como permeia as relações sociais transmitidas pela oralidade.

---

<sup>12</sup> São Roque é associado a Obaluaê, o senhor das doenças o responsável pela passagem dos espíritos do plano material para o espiritual.

<sup>13</sup> Ibeji é o Orixá-Criança, são duas divindades gêmeas infantis, ligadas aos seres humanos a a todos os Orixás, a sua celebração é realizada no dia 27 de setembro no sincretismo religioso como Cosme e Damião.

Eu vou lhe contar um caso:

Finada Rufina, Evinha passando por Pedro de ... } que ela era comadre de minha mãe, comadre de minha mãe. Mandou um pedaço de jaca, mais no meio da jaca saiu meio bago, quando chegou em casa, aqui minha mãe que sinhá mandou... ela disse mais que foi que comeu? Eu disse não foi eu minha mãe!(abre um pouco as mãos) Deus te iluminação minha mãe! Ai minha mãe foi lá na frente, pegou um cipozinho de caboco. Vou lhe levar até lá a casa de finada Rufina. Não minha comadre foi eu, não foi ele não foi eu na hora que eu cortei ai partiu. Minha mãe me pediu perdão e eu perdoei minha mãe, que Deus... foi essa educação que eu tive.

Evem indo, evem indo, evem indo, evem indo, minha mãe morava em Santo Amaro sempre eu ia lá e vinha me ensinando a reza, evem eu, evem eu, evem outro deixou uma lição na vida. Eu não sou Deus mas, eu sou filho de Deus como todo mundo é todo mundo só não (toca várias vezes com a ponta do dedo indicador na cabeça).

Dia da pessoa me, dia da pessoa me levantar aqui cinco hora, bateu na porta a casa enche: é olhado, é vento caído, é cobrero. Quanto é ? Não é nada que as palavras de Deus não se ganha com dinheiro, as palavras de Deus se ganha de coração. As vezes vinha gente desse mundo de Deus todo... eu só num levava...} por que eu não tinha esse direito, mais se levanto. Evem eu, evem eu, evem eu, labutando com a vida, hoje eu moro aqui morava lá em cima.

O reconhecimento social das suas qualidades de Rezador de Preceito é evidenciado por suas constantes viagens, aos municípios do Recôncavo baiano, inclusive Salvador.

Viajo pra Salvador, viajo pra Coração de Maria, viajo esse mundo de Deus todo. Quanto é não é nada. Hoje ninguém quer saber mais de rezar não menino, hã! As ves, evem aquele, aquela coisa de folha de Salvador, eu ia pro mato, panho tantinho por tantinho, panha folha por, todo mundo tem seu dono, mais tinha a hora de panhar pede licença<sup>14</sup>. Você vai tomar um remédio, o médico passa um remédio pra você, você agora não quer tomar o remédio né?

A dona do mata,... } cada Orixá tem sua folha. Você é da raiz né?

Certo! Se o médico passa um, uma dieta pra você, você vai tomar fora da hora, vai?

A religiosidade está fundida no processo de cura como está diluída nas relações sociais do Rezador. Senhor Aranha compreende a sociedade em termos religiosos, com regras rígidas ensinadas pela família, seja ela como grupo familiar ou religioso. É a falta ou o descuido com o religioso, com o seu tempo, que em última instancia é o descuido com as “obrigações”, respeitos e cuidados, que levam a desestruturação da sociedade e consequentemente da família.

Você tem?. Eu tenho aquelas imagens ali, cada um, cada um, cada um tem seu dia e cada um tem seu ano, né! você vai cumprir uma obrigação antes da hora, antes do dia?  
(risos)

---

<sup>14</sup> No Candomblé o caboclo é considerado como o dono da terra. Dentre os mais populares destacamos: Tupinambá, Tupiniquim, Sete flechas, Pena Branca, Sultão das Matas, Sete Serras, Serra Negra, Pedra Preta, na sua maioria são espíritos de índios, autóctones desta região, ver no importante trabalho de Jocélio Telles dos Santos, 1995.

## 2. Dona Augusta

Maria Augusta Roseno dos Santos, 62, conhecida como Dona Gugu, é natural de São Francisco do Conde, junto com seus pais. Sua mãe era “cavamapé”, marisqueira, como são chamadas as catadoras de marisco e seu pai era “caranguejeiro”, coletor de caranguejos, ganhamuns, (*Cardisoma guanhumi* Latreille 1 ) e siris é também marisqueiro. Dona Augusta possui três irmãs, ela reside na Rua da Cajá. Rezadeira de Preceito, diz rezar “tudo”, criança com pelo menos dois anos de idade e adulto. Ela aprendeu a rezar com a idade de doze anos, mas só veio a rezar as pessoas em data recente. Dona Augusta reza:

Ói eu rezo olhado, rezo dente caído, rezo garganta, rezo espinho se tiver na garganta, rezo pé desmentido, rezo dor de cabeça, rezo dor de barriga... o que é mais que eu rezo... é mais nada..

Ela reside no Bairro de Campinas, há aproximadamente 31 anos, diz ser Católica batizada, na Igreja de Camamu, em São Francisco, no Convento. Vai todo domingo para a missa; segunda, quarta e quinta, para rezar o terço, também é iniciada no Candomblé.

Seu aprendizado de reza foi com sua mãe, apesar de não rezar em sua frente, ela era “curiosa” e espiava, assim logo aprendeu o ofício. Hoje sua irmã Dasdores aprende com ela a rezar, segundo ela a sua primeira reza foi de “dente caído”, depois foi o “olhado”.

Dente caído foi criança, daí comecei a rezar olhado, comecei a rezar dor de barriga, dor de pescoço e dor de cabeça, garganta quando a pessoa comia um peixe assim que a espinha aí eu rezava e ficava bom e via se tinha saído.

Dona Augusta não reza ao meio dia, reza bem cedinho pela manhã e pela tarde até o pôr-do-sol. Não reza também às seis horas, pois segundo ela o sol já está escapando. Nos dias de reza ela toma leite, ou mesmo café com leite pra poder rezar, avisa que não pode estar pesada, assim limita-se ao café com leite e um pão. Suas roupas são roupas comuns e não levam segundo ela nenhum preceito, mas banha-se e troca de roupa, imediatamente após o término do dia em que reza. Seus suplicantes são rezados para mitigar ou elidir as dores de cabeça, dores de barriga e pé desmentido. Informa que todos os rezados alcançam a cura com suas rezas e que muitos retornam para agradecê-la. Segundo Dona Augusta, com a morte de outras rezadeiras famosas, a finada Bila e Dona Limeira, ela agora é a mais famosa da região

e se gaba dizendo: *“Pergunta aí ao pessoal aí, a mais falada sou eu.”*

Ela se mostra muito consciente de seu trabalho e atenta as suas limitações, inclusive ao ponto de perceber quando o suplicante necessita da biomedicina, pois seu tratamento não é o bastante suficiente para alcançar a cura. O que aqui se observa é o uso combinado das práticas médicas, na qual a terapeuta reconhece suas limitações e a eficácia da outra. Aprendeu a rezar com sua mãe, *“É, uma vez que ela rezou, eu também fiquei escondida, ela começou a rezar, começou, eu fiquei também, aí botei a cabeça no travesseiro e fiquei ligada naquelas rezas, aí que eu fiquei começando a rezar, desses dias aí, eu...”*

Dona Augusta utiliza e aconselha o uso de chás para alcançar a cura.

Tem remédio que as vezes funciona. Tem aqueles médicos bons também que passam aqueles remédios, não é? Passa aqueles remédio, aqueles remédio são... bater na, naquela doença, e as vezes também tem doença também que as vezes o médico tá ali atentando pra coisa mais não... as vezes não consegue, ele faz o que pode, mas as vezes não funciona.

Com relação à remuneração, ela informa que não ganha nada, assim também não cobra por seus serviços terapêuticos, faz o bem e diz que Deus a recompensará. Observa-se um ganho de *status* social por parte da Rezadeira/Rezador de Preceito, que passa a ser figura de destaque e referência na sociedade em que vive, adquirindo simpatia, respeito e admiração.

Não, não ganho nada não. Aqui eu não cobro reza não, as vezes tem gente que me dá um agrado. Às vezes o pessoal aqui fala que quando não você tem que cobrar a reza porque... Deus me recompensa.

Dona Augusta manifestou sua alegria em ser entrevistada dizendo que ali nunca esteve ninguém com este objetivo, sentia-se lisonjeada, reiterou o que rezava: *“eu rezo olhado, rezo dente caído, pé desmentido, dor de barriga, dor de cabeça, rezo garganta, rezo cobreiro, eu tinha me esquecido também de dizer”*.

Apesar das contínuas negativas, acabou por afirmar que frequentou o Candomblé, como já dito anteriormente, como segunda religião, negava-se a dar detalhes que só uma pessoa formada na religião afro-brasileira podia ter os cânticos em sua memória. Apresenta-se excepcional, um repertório rico, diversificado. Acabou por enunciar cânticos para os Orixás: Iansã, Nanã, Xangô e inúmeros para o Orixá Ogum. Afirmava que sua participação no Candomblé se limitava a sua atuação como “baiana” na lavagem das escadarias da igreja, sob contrato da Prefeitura. Não obstante me levou para colher as ervas sagradas e mostrou-me um local de oferendas aos Orixás.

Fiquei deveras impressionado com a clareza e a excelente entonação dos cânticos ritualísticos do Candomblé por ela pronunciados, senti o seu orgulho no brilho dos seus olhos, na sua altivez, na sua certeza. Se até aqui se mostrava humilde e simples, neste momento tornava-se imponente. Senti que cantava com orgulho, cada vez maior, ao perceber minha atenção e admiração. Fomos à cozinha para um café, onde ela relatou suas vivências como filha-de-santo, confirmada e reconfirmada três vezes, tinha aí frequentado por longos trinta anos. No entanto, havia deixado a religião afro-brasileira de lado, um dos motivos alegados foi o grande número de obrigações a que tinha de submeter-se, transpareceu certo saudosismo ao referir-se as festas.

Nada, eu frequentava assim, quer dizer, eu era assim do, frequentava até o terreiro mas não tinha os... (inaudível) assim pra registrar que eu não era mãe de santo essas coisas não. Só frequentava. “Sei. Sei os cânticos do Candomblé.” E seu Orixá é: “Ogum. Ogum marujo, tem essa também: Ogum oiá Ogum oiá é de mene!...”

Geralmente as pessoas tem se esquivado e depois vão contando aos poucos, ainda tem medo do preconceito, que ao contrário do que muita gente pensa que diminuiu, há uma forte conotação de demonização por parte das igrejas evangélicas, impondo posicionamentos de vergonha, negação, afastamento e certo silêncio sobre o Candomblé, numa prática constante de intolerância religiosa<sup>15</sup>, que no Brasil é crime punido por lei.<sup>16</sup>

### **3. Dona Jeco**

Maria Angélica dos Santos, Dona Jeco, 72 anos, falecida em 2010, período em que eu efetivava a pesquisa de campo. Ela me informou que tinha um primo, sobrinho da sua mãe, chamado de Dr. Assis, médico em Santo Amaro, nesta época era pequena e tinha uns 11 anos, este tio pedia ervas, folhas para tratar seus pacientes, sua mãe colhia e ela ia entregar. Ao chegar prostrava-se ao lado do tio e de lá não saia, ele dizia:

---

<sup>15</sup> A Constituição Federal, no artigo 5º, VI, estipula ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.

<sup>16</sup> Lei Federal número 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.

“Te vais menina, de volta pra casa!” e eu respondia prontamente, – Estou apreendendo! Se mim obrigar não trago mais folha alguma!.

Seu primo, por sua vez, já que não tinha jeito, deixava.

Dona Jeco apresentava problemas de hipertensão e para isso tomava medicamento todos os dias, quando esquecia tomava “*Biri-briri é um santo remédio pra pressão eu tomo e baxa logo*”. Ou “*gualevante*” (Água de Alevante). Segundo ela, a água de alevante é boa para dor e para baixar pressão, colocava também debaixo do colchão a cana-de-macaco como auxílio ao tratamento.

Sua fama extrapolava a circunvizinhança, ela atendia pessoas dos municípios vizinhos e de Salvador e de outros estados, chegavam até a contratar um carro para serem levados até a sua casa. Ela por sua vez sempre apresentou entendimento da sua situação, da precariedade econômica que vivia com seus filhos e netos. Sem, no entanto, cobrar nada por suas rezas e aconselhamentos, aceitando de quando em vez “um corte de vestido”, uma “comida”, “uma compra” ofertadas por seus suplicantes.

Afirma que mesmo com a idade que tinha saía pela rua e caminhava a cidade inteira e o povo ao vê-la, perguntava: “- *Como tá, Jeco?*” E ela sempre responde: “*Tô ótima!*”. Afirmava que, dentre seus fãs estava o seu médico e o agente de saúde do posto. Cita que o médico Bola Sete, ronca à noite, e vem se receitar com ela. (ela ri).

Vem gente de Salvador e de Santo Amaro para eu rezar aqui meu filho, até médico, passa por minha mão.

“Eu mando pro medico pra não dizer que eu não mando, mas quem cura sou eu, aqui eu saro todo mundo com as folha do quintal mesmo

Outra coisa boa é palha de cana inteira: põem debaixo da cama, é bom pra pressão: com fé se resolve tudo. Mal me quer é bom para dor nas pernas. (Você pode banhar e cozinhar pra tomar o chá).

Ela reconhece o poder da medicina tradicional e executa da mesma forma que Dona Augusta, o uso combinado com a biomedicina.

#### 4. Senhor Macaco

Edvaldo Bispo, 59 anos. Aprendeu a rezar com uma tia, hoje falecida, Epifania, da Ilha das Fontes, que vivia próximo a sua casa, há cerca de 20 anos. Seu apelido foi dado ainda na infância, é do tempo de colégio. Ele “pintava” muito na escola, ficava de castigo, então fazia careta, “ô macaco, ô macaco, nesta época eu tinha a idade de 10 anos”. Afirma que qualquer um pode rezar, pois quem cura é Deus.

Qualquer um pode rezar. O negócio é fé em Deus, quem cura é a fé, quem gosta de dizer a palavra o pai curador é quem resolve o problema.

Uma experiência, curiosidade. Sempre fui curioso pena que eu tenho pouco estudo. Só curiosidade mesmo, entendeu. O mês passado tava conversando com Augusta, Augusta é minha comadre que eu ia mandar a minha menina ir a ela que pra ensinar a reza do olhado, reza pra dor de cabeça que pra eu ir devagarzinho lendo pra eu ir praticando aprendendo, hoje agente só acha quem não queria nada, ninguém quer aprender nada.

Não sei rezar dor-de-cabeça, queria aprender. Quero aprender rezar dor de cabeça que eu não sei ,olhado reza do vale também conversar com Nozinho, Aranha que conversar no dia que eu ver vou conversar com ele porque ele já me rezou e rezou meu cunhado pra ele rezar me ensinar, pele me escrever pra poder ir lendo pra aprender o tempo é pouco. Vem uma coisa vem outra, tem o trabalho.

Seu Macaco vive em Campinas e informa que nesta localidade só quem reza é ele e Dona Augusta. As rezadeiras antigas faleceram todas, cita:

Metade já faleceu, Dona Merinda, dona Zuzu, Dona Damasu, Dona Merinda, que rezava de fogo selvagem, faleceu reza de valente, valente.

Seu Macaco é funcionário da Prefeitura, homem muito forte, trabalha na defesa civil. Construiu com suas mãos a casa onde vive com a família; possui uma esposa carinhosa e dedicada, uma cozinheira de mão cheia, que lhe faz deliciosos mimos, sopas e mingaus, aliás, um sonho de mingau de aipim com coco, cravo e canela em pó. Em seus dias livres, e quando não é época de chuvas, ele conserta a casa, telhado, faz uma reforma aqui outra ali e sempre que pode sai para pescar na madrugada em sua canoa; informa que vai pelo canal da maré umas duas horas remando e sempre consegue pescar peixes como corvina, linguado, caramuru, arraias; usa linha e rede e sempre traz peixes.

É frequentador da pequena capela da comunidade de Campinas, onde reza o “terço dos homens” sempre que pode e reza pra Santo Antônio. Faz questão de ir de casa em casa rezar,

não faz parte da administração da Associação de Rezadeiras de Santo Antônio, mas todo ano participa da procissão e ajuda no que pode para o seu bom andamento junto com Seu Aranha, colega de trabalho e de reza, que inclusive vem lhe ensinando as rezas que ainda não sabe.

Informa que reza qualquer dia da semana, menos Sexta Feira-Santa e Dia de Finados. Também coloca interditos para rezar as mulheres, que só reza se as mesmas não estiverem menstruadas<sup>17</sup> ou se estiverem com mais de quatro meses de gravidez. Atribui tal comportamento ao fluxo sanguíneo e a força da reza que pode afetar o bebê. Com relação ao êxito de suas rezas relata-nos suas experiências:

Já tive já foram muitos se eu for dizer. Eu já rezei de espinhela ,rezei gente inchado tapando o zoi as vistas inchado de espinhela. Eu já rezei graças a Deus ficou bom.Tem uma mulher aqui em baixo chamada Ivone, primo de Darli quem me indicou que eu rezo, Ivone a prima de Ivone que eu esqueci o nome dela , a filha de Francisco que mora ali que se chama Chico D'água parceiro de trabalho, ela tava com a perna inchada, Helena uma criatura que mora aqui em cima, rezei de inchada ia pros médicos não tinha medico pra descobri que doença era, ela me procurou eu fui e rezei, tinha muitos anos, graças a Deus as pessoas que eu rezei sempre se deram bem.

Ele analisa as causas do insucesso nas rezas, colocando a culpa no desrespeito às restrições e conselhos, o desrespeito ao resguardo. *“Vai ver que a pessoa quebrou o resguardo, escondido, diz que não quebrou, mas quebrou o resguardo.”*

Indagado sobre sua religião informou-me que já bateu muito tambor, mas que hoje está “mais ajuizado”, antes era só ouvir o atabaque e então saía correndo, ia comer caruru em tudo quanto fosse casa, tocava e brincava até a madrugada, tinha muito sucesso com as mulheres e não conseguia economizar, pois naquela época só queria se vestir nos conformes, apresentar-se bem.

Sobre a transmissão de seus conhecimentos de Rezador, ele coloca que ensinou a sua filha e outro rapaz a rezar: *“mais ninguém liga não, ninguém liga não, acho que tem vergonha não sei..”*

Com relação à remuneração da reza ele observa:

As vez cobram, dinheiro pra botar pro santo, pra comprar uma vela, tudo tem que ter seu retorno junto também,não pode ser também, as veze tem comprar um santo quem protege é o santo ajuda ,também tem que ter ajuda. Tem gente que as vezi agente reza

---

<sup>17</sup> O corrimento menstrual no Candomblé chama-se *bajé*, popularmente na Bahia é chamado de *boi*. As mulheres quando estão menstruadas são interditas para cozinhar vatapá e canjica, pois essas comidas são consideradas como “sismadas” e “desandam”, ou seja esse estado é associado à perda do ponto de cozimento.



nem obrigado dá, nem se quer agradece, muito obrigado, Jesus lhe pague, Deus lhe abençoe, nem isso diz, entendeu, tem uns que reconhece que a fé que cura se não fosse o pedido dos santos não teria curado, tem uns que nem isso reconhecem.

O altar dos santos está repleto de velas queimadas, de incenso queimado em recipientes de argila, as flores são de plástico. Ao lado do São Jorge, um vaso comprido com espadas de Ogum, uma pequena muda de guiné em um vaso de margarina vegetal e um ramo de arruda ao lado.

## 5. Dona Nair

Dona Nair é como é conhecida, porém seu nome de batismo é Maria Alaíde da Conceição, tem 69 anos de idade, marisqueira. Vive no bairro do Coroadó, Distrito de Paramirim, zona rural de São Francisco do Conde, mora com um neto, que não trabalha, sua casa era de taipa e conseguiu cadastro em um programa de moradia, pois sua casa foi afetada pelas chuvas de 2009 e era perigoso ficar ali. A casa prometida ainda não saiu, mas a prefeitura paga seu aluguel.

Ela é uma rezadeira poderosa e ao mesmo tempo temerosa do feitiço, capaz de realizar rezas através dos nomes das pessoas, proteger e recuperar objetos, conhece os segredos da magia em profundidade, por isso toma suas precauções:

Nair é Apelide. Eu não dou meu nome a ninguém mesmo, eu não sei quem gosta de mim e não sei quem não gosta. É por isso que eu me chamo Nair, o bem a pessoa não acha não mais o Mau a pessoa acha. Ainda agora eu fui rezar uma pobre de uma criancinha coitadinha de vinte caído, uma inaudível:[...] fui rezar naquela ora.

Eu peguei a rezar que meu pai me ensinou moçinha. Foi, foi meu pai que me ensinou, graça a Jesus... Hilário (Hilaro) Bispo dos Santos, Era, pai saia pra qualquer lugar três dias rezando, mais meu pai trabalhava era carreiro, cortava cana, trabalhava com boi, com animal tudo enfim. Minha Irmã nenhuma quis esse negocio. Maria Estelita, minha mãe.

Eu rezo tudo na vida some um carro eu rezo vem logo pra porta, chama um animal ele vem bater em seu terreiro, chama uma cabeça de galinha, ela vem bater em sua porta, meu pai me ensinou muicha reza, graças a Deus, Jesus bote a alma de meu pai em um bom lugar. Eu já sai daqui pra Feira de Santana um carro vem me buscar pra rezar um carro roubado lá de Feira.

Com relação ao Candomblé, religião de criação de Dona Nair ela relata que:

Eu tenho um bando de tempo, quando eu fui confirmada eu ainda era moça, faz

muito tempo é isso, meu pai era o Ogum, o dono da casa. Também ninguém quis entrar não. Nunca mais eu fui em Cachoeira, nunca mais. Depois que meu pai morreu nunca mais eu fui. Meu pai morreu em Cachoeira. Um dia tava batendo até o Candomblé ele era tocador de santo e morreu gordo, nunca mais pisei o meu pé lá. Aqui bate o Candomblé, tudo que é lugar aqui, ali tem casa de Candomblé. Ali tem casa de Candomblé aqui nesse corredor todo tem casa de Candomblé, não sabe cantar, não sabe despachar em uma porta, tutu, uma cá uma voz lá nos infernos que a perfura, eu, parece que fica um bocado de cavalo pisando na estrada, é o Candomblé daqui, só tem um que bate o Candomblé que faz gosto Augustinho, ele mora lá em cima do outro lado. Augustinho que conhece alguma besteira, a irmã dele, Rose que mora em Paramirim, mais esse resto aqui. Ali tem um Candomblé no meio do cimento, parece um monte de cavalo correndo, nem bater um tambor os homens sabe, Deus me livre, eu não vô, não, eu não vô mesmo, são duas coisas esse Candomblé daqui e esses crentes daqui perdeu pra mim, eu não perdo o meu tempo, deu ir pra casa deles eu corro e me deito. Os crentes daqui levou foi a enxada minha porta e um facão, me deixou sem trabalhar, pronto, tomou na mão do pobre do menino, tomou um facão de bainha e a enxada quando o menino chegou aqui chorando eu disse o que é menino o que aconteceu com você? O homem tomou a enxada e o facão, eu disse que homem? Um ali que é crente, vombora ele foi junto mais eu, tomei dez reais emprestado pra tomar a enxada da mão do homem, o homem não me deu a minha enxada, isso não é crente é o diabo, não quero conta, eu compei outra e o facão pronto, enrolou. Acaba diz crente, a caba a palavra de Deus ta mandando pegar o que é do zotro tomar abuso, não gosto mesmo.

Dona Nair apresenta-se como rezadeira forte, conhecedora dos segredos da magia, suas rezas são tão fortes que quando alguém compra um carro, vem a sua casa procura-la para rezar, taxis, motocicletas e até gente que não trabalha com transporte, “gente de posses, daquelas que só vem quando precisa”. Ela alerta que se uma pessoa pedir pra ela rezar, a pessoa tem que ter fé, e seguir à risca seus conselhos. Em um dos seus relatos cita a experiência do um rapaz que vivia do outro lado do Coroadó e que estava muito ruim, ela avisou que não tinha condições de ir até o local andando. Então, a esposa do rapaz lhe propôs que pegasse um transporte e fosse lá rezar, então ela acertou as idas em carro, foi até lá e rezou, contraindo assim dívida com um terceiro. Ao rapaz rezado foi lhe aconselhado repouso, “nada de namorar, nada de comida remosa”.

Desobediente o rapaz voltou da roça suado, nem tomou banho e foi comer caranguejo com pirão, e dormiu em seguida. Foi o bastante, não mais acordou, faleceu dormindo. Sendo avisada pela família do falecido, Dona Nair mandou um recado:” Diga pra mulher dele que eu sinto muito, se falei pra não ir, não comer, não fazer era pra obedecer, agora não posso fazer mais nada! Diga a ela pra mandar os R\$20,00(vinte reais) do transporte e pronto, lá eu nem vou, diga pra mandar meu dinheiro que o homem morreu e me deixou endividada! Desobediente nasceu e cresceu no manguê, podia ter esperado sarar pra comer, foi teimoso.”

## 6. Dona Tereza

Tereza Pinto de Jesus, 60 anos, nascida em Candeias, cidade natal de sua mãe que se chamava Maria de Jesus Pinto (falecida). Seu pai é oriundo do Município de Cachoeira e se chamava João Pereira da Conceição. Vive em São Francisco do Conde há cerca de 43 anos, e aprendeu a rezar sozinha, aos 7 anos de idade, vendo sua mãe rezar, afirma que foi Deus quem a ensinou e relata:

Chegou uma criatura lá em casa... chegou uma criatura na casa da minha mãe é... aí, ela já era velha. Ela já era velha e aí no fim da conta eu pedi a ela... pedi a ela pra me ensinar a rezar, né? Pra me ensinar a rezar... ela chegou e disse que não podia me ensinar porque eu era pequena. Que eu não ia aprender rezar. Que eu era pequena não ia aprender rezar. Eu cheguei e disse assim pra ela... disse pra ela: “olhe, você me ensina eu rezar porque serve pra você e pra qualquer um que... que precisar de mim... viu?”. Aí, ela chegou e disse “Ah, você não sabe re... não vai saber rezar. Que eu vou te ensinar, tu vai esquecer”. Aí, eu cheguei e disse assim “eu não vou esquecer nunca”. E disse... eu disse assim pra ela.. eu disse “eu não vou esquecer nunca. Porque de que adianta eu dizer que... a senhora vai me ensinar e eu vou esquecer por quê?... que eu vou esquecer a reza que você vai me ensinar?”. Aí, ela chegou assim “Porque você é muito criança, muito pequena. Não vai saber a reza que eu tô lhe ensinando”. Eu disse a ela “Olhe, eu lhe pedi pra você me ensinar e você não me ensinou. E amanhã você vai vim aqui, vai necessitar de mim, Deus vai me ensinar as palavra... e eu vou te rezar e vou te curar com as palavra que Deus vai me dar”. Aí, ela chegou e disse assim “Será?”. Eu digo “Quem sabe... quem vai saber é Deus. Viu?”. Eu digo “Quem vai saber é Deus. Você vai precisar de mim... ou não vai”. Ela “Você tá muito pequena. Espia a minha idade pá sua”. Eu digo “Eu não sei, né? Mas Deus vai saber o que você vai sofrer amanhã. Se vai ser verdade minha ou vai ser verdade sua. Porque eu lhe pedi pá você me ensinar e você não me ensinaram”. Ela disse assim “É, umbora ver amanhã”. Quando foi no outro dia, ela chegou lá em casa, aí pediu a mãe pra rezar. Mãe chegou, disse assim “Ah, eu não posso te rezar...Porque”... como é que diz “eu agora tô doente. Não vou poder te rezar.”. Eu cheguei disse assim “Venha, Dona Fulana. Venha dona Augusta, que eu te rezo”. Aí, ela chegou, disse assim “Será?”. Eu disse “É. Eu vou te rezar e tu vai ficar boa”. Eu cheguei e fui e rezei ela. Rezei ela... aí, no fim da conta quando ela saiu de lá de... de dendê casa... de mãe, disse assim “Mas, minha comade, não é que a menina soube rezar mesmo? Que... que ela já me rezou e eu fiquei boa!”. Eu disse: “Não. Eu disse que Deus ia me ensinar. E vai me ensinar qualquer reza. Que as palavra que outra pessoa me der, num vai ficar na minha cabeça. E as palavra que Deus me dá, vai ficar na minha cabeça pa... pá qualquer um que precisar de mim”.

Dona Tereza possui um pequeno altar montado na mesinha da sala, onde ela tem fotografias de São Jorge, de Santo Antônio, uma Nossa Senhora de Fátima em gesso, muitas velas, copos vazios, arruda em um copo d’água, muitos santinhos com calendários, papéis com nomes dos suplicantes, desenhos, uma fotografia do Orixá Iemanjá, um pôster de Santa Bárbara, um pôster de São José com calendário do ano de 2010, muitas velas queimadas. Dona Tereza é mulher de baixa estatura e temperamento forte, tem “zanga” com o Senhor Aranha, porque ele não veio rezar seu marido quando precisou, pois ele foi acometido de

“*Vento-caído*”, derrame. Ela reconhece a força da oração de Seu Aranha, achou que foi má vontade e afirma que recebe quem precisar para rezar, a qualquer hora, se bater na sua porta, ela se abrirá para atender.

Ela fica sentada quase o dia inteiro, catando siris e caranguejos que seus filhos capturam no mangue, são três filhos, duas noras, um neto e um esposo aposentado, com condição de poucos movimentos. Ela e as noras fazem o almoço e cuidam da casa, as noras também vão ao mangue para mariscar. Dona Tereza põe-se sentada com uma faca na mão, uma pequena bacia e um caldeirão de siri, conversa enquanto trabalha, não consegue parar, sua destreza é vista na rapidez com que cata cada siri e não deixa nada, apenas a casca. Presa à parede, no lado oposto à porta fica a televisão, fixada numa prateleira de madeira a uns dois metros de altura, assim ela fica em frente aos seus santos. Seu lado direito à televisão e a cozinha, com o fogão à vista e a sua esquerda seu esposo, sentado à porta, me pareceu um ponto de vigília, deste local ela consegue controlar tudo, inclusive as peripécias do neto na rua e a movimentação dos vizinhos.

Dona Tereza se percebe forte, digna de respeito, ativa, agradecida a Prefeitura pela cesta básica que passou a receber e um auxílio de R\$ 450,00(quatrocentos e cinquenta reais). Além disso, é marisqueira cadastrada, seus filhos estão desempregados e tiram o sustento do mangue. Informa-nos que nunca foi do Candomblé e que a Iemanjá e Santa Bárbara são santos da fé dela, que quando era mais jovem ia pro “Bambê<sup>18</sup>”, mas era jovem ia pelo caruru, pelo “Lindro Amor<sup>19</sup>”, pelo samba. É natural do Município de Cachoeira e lá sim tinha muito Candomblé, mas ela saiu cedo de lá, casou ainda menina com 13 anos de idade.

É. Tá vendo? Aqui ó. Tem esse terço que eu rezo pas arma. Tem um... todo o finado ... no dia de fi... de finado , aí, eu chego, pego o terço e rezo pá meu pai, pá minha mãe, pá todo... pá meus tio, meus parente e quem não é meu parente tombém eu peço pá Jesus botar ne bom lugar, dar muita luz pá alumiar, bote boa artura e um bom descanso da alma e não servir de pena. Viu? É esse terço daqui. Eu rezo ele direto. Todo... todo o dia de finado aí eu rezo... esse terço daqui. Tá vendo? Aqui é das arma. Aqui eu rezo pás armas. Aí, eu chego, pego ele e boto na casinha dele. Boto na casinha dele aqui. Viu? Aí, eu boto na casinha dele aqui, ó. Meus santos tudo fica aí. Ó. Tem todos tipo aí, tem Iemanjá, tem todos tipo de santo aí... viu? É tanto que entra alguém aqui, chega aqui e pergunta: “vem cá, tem assim... essas coisa aí, é pra quê? É pra vender?”. Eu digo : “Não. Aí, é de meu santo. Aí, é de

---

<sup>18</sup> Forma popular de denominar o bater dos atabaques, o Candomblé

<sup>19</sup> Folguedo composto de sambas onde os foliões carregam estandartes com fitas coloridas amarradas, com vestimentas típicas, oriundo de Portugal foi incorporado as festas do Candomblé após rituais em festejos da casa. O Lindro amor de Dona Aurinha (Ialorixá) é o mais famoso de São Francisco do Conde e acontece após o seu caruru anual.

Nossa senhora da Conceição, aí é de todos os santos que tá aí no artá. Todo santo que tá aí . Todos”. Aí. Pode espiar aí, que o senhor vê. Tem... tem São Roque. Tem todos santo aí. É muito santo aí. Tem Santo Antônio.

## 7. Senhor Zoza

Zózimo dos Santos Souza, 59 anos. “Todo mundo me chama Zoza e não tem apelido nenhum, Zózimo é meu nome.” Aprendeu a rezar com 15 anos de idade é natural do Município de Teodoro Sampaio, área rural, aprendeu a rezar, em casa, com sua, falecida mãe “Senhorinha, Maria Senhorinha. Ela veio morar aqui uns tempos e foi embora por interior novamente e morreu lá.” E acrescenta que sua avó materna também era rezadeira de preceito. Dona Maria Senhorinha, oito filhos, sendo o quinto destes, seu Zoza o que foi mais apegado a ela, acompanhando-a, sendo segundo suas palavras o “mais constante”, ela rezava lá em Teodoro Sampaio o ensinou tudo que podia. Hoje aos 60 anos seu Zoza rezador conhecido, trabalha como coveiro Distrito de Paramirim e habita no modesto Bairro do Coroadó, numa rua sem pavimentação, mas perto de seus filhos e netos. Ele leva uma vida tranquila, joga dominó e baralho com seus entes. Ele concerta e afia as ferramentas para ir plantar em um pequeno pedaço de terra que possui: abóbora, aipim, milho, laranja, melancia, costuma pescar no mangue: caranguejos, siris ostras e mapê. Gosta muito da época junina com suas festas, o forró, e reza para São José, para nossa Senhora da Conceição e para Santo Antônio, indo às reuniões da organização do evento sempre que pode. Leva todo ano um dos netos e a esposa para a procissão e diz que o difícil é o transporte, *“quando o político quer tem, quando não é época de eleição tem que se virar, mas sempre tem um vizinho que o acolhe.”*

Eu saia sempre com minha mãe, né, minha mãe saia pra rezar alguém e eu saia mais ela. E ela sempre falava comigo é assim, é assim, me explicando, né, tô fazendo não é pra mim não, não tô fazendo não tô pra alguém não, tô fazendo pra vocês mesmo, pra amanhã depois vocês ser o que eu sou, fazer caridade aqueles pessoal que necessita.

A tranquilidade com que vive a vida simples e que ouve as suas músicas de seresta, seu saudosismo de sua mocidade, suas idas aos Candomblés, que o faziam retornar na madrugada, acompanhando sua mãe e posteriormente sozinho. Diz que os filhos e netos não querem nada com a reza, que tudo irá se perder. Mas sabe que é muita “obrigação”, que se gasta muita energia e que o mundo de hoje, tudo é na base do dinheiro e ele como rezador nunca cobrou, se um ou outro reconhece ele fica feliz, faz o que precisa fazer, uma vez ou

outra lhe pagam uma bebida, tiram R\$10,00 (dez reais) ou R\$20,00 (vinte reais) e lhe dão pra comprar alguma coisa, uma vela, um molho de folhas, pois às vezes, lhe faltam plantas para rezar e o mesmo não dispõe de tanto tempo. Segundo ele, acaba por comprar as folhas em uma banca de ervas da feira de Candeias, “o pessoal antigo da Petrobrás”. Ele reza muitas crianças, informa que as pessoas lhe levam muitas crianças para rezar, também reza adultos, gente que está na faculdade. Segundo ele, mesmo os que estão estudando ainda querem preservar as rezas, a tradição, ele se sente instrumento da fé, apenas cumpre seu papel e nos informa que assim é feliz, sua família tem saúde, é pobre, mas tem o que comer, quando um se encontra em dificuldade o outro acode, e vai vivendo como Deus manda, enquanto ele assim quiser.

Alguém me dá gratificação, eu não exijo ,oi a palavra de Deus não é comprada.Sempre mãe me dizia oi filho não é comprada se você rezar e alguém de algum gratificação tome, mais não exija quanto é que é tanto, agora a consciência da pessoa que rezou ai certo , as vezes deus a bençõe e amem e pronto se me der um tocado eu pego certo. Já rezei muita gente pra me dar um agrado também eu agradeço também, né, graça a Deus pronto, deus abençoe Zoza, Deus abençoe amem pronto. Zoza quanto é rapaz, não é nada não agora se você me der um agrado pra eu comprar uma vela me dê. Sempre digo assim.

Ele tenta ensinar aos netos o mesmo que ensinou aos filhos, o ensinado por sua mãe, demonstra ser extremamente religioso e comedido, diz que os políticos sempre estiveram aí e não fizeram nada por ninguém. Assim cada um tem que fazer a sua parte, para a vida melhorar.

Seu Zoza faz as compras do mês no município vizinho de Candeias, lá tem tudo e é menos dispendioso. Em sua localidade existem poucos mercadinhos e seus preços são muito altos, Candeias fica mais próximo de Paramirim do que a sede do seu município. Ele não possui automóvel, sendo o transporte baseado em motocicletas e carros particulares que fazem frete. Da entrada de Paramirim até o bairro Coroado, cerca de 5 km, me cobraram R\$ 10,00 (dez reais), em carro e R\$ 3,00 (três reais) em motocicleta. Acredito que a carência de transporte público e sua ineficiência aliado aos altos custos de transporte particular causam isolamento, dependência e limitam o trânsito das pessoas que geralmente se movem para o trabalho, para o médico ou para receber o salário; não há farmácias, postos de saúde. A presença da administração municipal é percebida apenas na vista de uma pequena escola com quadra poliesportiva, um cemitério que seu Zoza é responsável e a incipiente manutenção do jardim da praça localizado na entrada do distrito.

Para Araújo (1979, p. 69), *“O apego a um determinado santo é pelo fato de ele ser*

*uma divindade ou porque proporciona a cura a uma determinada mazela?”* Vimos no decorrer da nossa pesquisa que aos santos são atribuídas qualidades e dons curatórios, vinculados às diversas partes do corpo ou mesmo a ações que favoreçam determinadas atividades ou modos de vida, como no caso dos duros castigos a Santo Antônio em prol do casamento. A reza é um dialogo que acontece entre o suplicante e o santo, e tem sua Rezadeira de fé como mediadora e fiadora da relação, esta relação é esporádica e acontece quando necessária, pertence ao meio social desta população e pode ser acionada a qualquer momento, “pois se bem não fizer, mal não faz”(ARAÚJO, 1979, P. 69).

Aí, nós diz: “Ofereçemo essa preça em intenção e devoção de Fulano” - chama por o nome- “que seja retirada mufina, seja retirado olhado, seja retirado os olhos mau, seja retirado o encosto tombém, seja retirado tudos quanto for ruim, tudos quanto for má, perturbação, vadiação, tudo que tiver em cima daquela pessoa seja retirado no nome de Deus Pai, Filho, Espirito Santo, Amém.(Id., Ibid., p. 69).

Para Lévi-Strauss (2003, p.194), a eficácia da magia implica e é implicada pela crença na magia. Para ele, três são os aspectos considerados: primeiro, existe a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; segundo, a crença do ente que ele cura ou da vítima que ele persegue, e por último, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que forjam a cada momento uma forma de campo gravitacional, onde se situam as relações entre os feiticeiros e aqueles que ele enfeitiça.

As rezadeiras estão convencidas da eficácia dos seus tratamentos terapêuticos. Quando os doentes não alcançam a cura, novas receitas, banhos e unguentos são administrados, acompanhados de reafirmações sobre a necessidade de seguir os preceitos “ a risca” com relação ao alcool, determinadas comidas e o ato sexual.

## Cuidados com o Corpo

Tentei compreender o tratamento dos corpos pelas Rezadeiras, os cuidados das próprias rezadeiras para com seus corpos, bem como os cuidados a que terão de serem submetidos seus consulentes no processo de cura iniciado, para que o mesmo venha a obter o resultado proposto. Assim, abordei temas como resguardos, simpatias, proibições e indicações relacionadas a aspectos comportamentais e alimentares.

Segundo Bourdieu (2009), o corpo deve ser entendido pela sua inscrição no mundo social, no qual as estruturas do mundo estão presentes nos esquemas cognitivos, o que propicia um princípio de individuação, na medida em que se localiza no tempo, separa e isola, confirmando a condição jurídica do indivíduo como um ser abstrato, equivalente, como um agente real provido de um *habitus*<sup>20</sup> com sua história, suas propriedades incorporadas, um princípio de coletivização, tendo assim a propriedade biológica de estar aberto e exposto ao mundo, suscetível de por ele ser condicionado, moldado pelas condições materiais e culturais de existência nas quais esta o corpo colocado, desde a sua origem. Desse modo, afirma Bourdieu que “o corpo está sujeito a um processo de socialização cujo produto é própria individualização, a singularidade do eu sendo urdida nas e pelas relações sociais” (BOURDIEU, 2004, p.163).

Os estudos dos processos terapêuticos referentes às religiões, aumentaram grandiosamente nossa compreensão acerca da variedade de terapias com base religiosa, do mesmo modo sua ancoragem na cultura e na estrutura social (LIMA, 2010). Trata-se de análises cuidadosas do simbolismo da doença e cura (TURNER, 1977, 2005) que insistem na

---

<sup>20</sup> “Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins de domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser produtora de obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro”. (BOURDIEU, 2009, p. 87)



sua coerência interna e na articulação com os demais campos do universo simbólico das culturas em questão.

Como marco desses estudos de aflição/cura, o clássico trabalho de Lévi-Strauss (2003), entre os Kuna no Canadá. Lévi-Strauss nos revela em *A eficácia Simbólica* o modo como um terapeuta, um Xamã, constrói junto com a sua paciente um “conjunto sistemático” e eficaz capaz de envolvê-los no processo de “cura”. Neste caso, o Xamã auxilia a parturiente no momento de seu difícil parto. É através da construção de um cenário, o útero materno, e da evocação de espíritos bons e maus e animais pertencentes à cosmogonia dos Kuna, através do canto, onde ele partiu de um meio caótico e consegue promover a reconstrução de uma “solidariedade corporal entre a narrativa e a experiência” (RABELO, 1999), com metáforas ele cria uma batalha na qual terá como clímax a expulsão de certas forças e assim propiciará o nascimento da criança.

A cura consistiria, pois, em tornar pensável uma situação dada inicialmente e termos afetivos, e aceitáveis para o espírito as dores que o corpo se recusa a tolerar. Que a mitologia do xamã não corresponda à realidade objetiva, não tem importância: a doente acredita. Os espíritos protetores e os espíritos malfazejos, os monstros sobrenaturais e os animais mágicos, fazem parte de um sistema coerente que fundamenta a concepção indígena do universo. A doente os aceita, ou, mais exatamente, ela não os põe jamais em dúvida. O que ela não aceita são dores incoerentes e arbitrarias, que constituem um elemento estranho ao sistema, mas que, por apelo ao mito, o xamã vai reintegrar num conjunto onde todos os elementos se apoiam mutuamente (LEVY-STRAUSS, 2003, p. 228)

E conclui:

Neste sentido, a cura xamanística se situa a meio-caminho entre a medicina orgânica e as terapêuticas psicológicas como a psicanálise. Sua originalidade provém de que ela aplica a uma perturbação orgânica um método bem próximo dessas últimas (Id., *ibid.*, p.229).

Com outra visão, segundo Rabelo (1999), estão os trabalhos produzidos por cientistas e profissionais da área de saúde, a partir da perspectiva biomédica. Reagindo contra o relativismo característico de boa parte dos trabalhos antropológicos, estes buscam ressaltar o fundamento biológico comum aos processos de doença e cura, ocultos por trás das diferentes roupagens culturais. Não obstante, eles tendem a fazer aplicações categóricas da medicina ocidental, para analisar os processos terapêuticos que escapam, na maioria dos casos, ao âmbito dessa medicina, e terminam não só por desconsiderar completamente sua base cultural, como por apontar um fundamento patológico intrínseco a tais processos, (LIMA, 2010)

No ano de 2006, foi incluído no Sistema Único de Saúde (SUS) a medicina alternativa (acupuntura, fitoterapia), seguindo orientação da Declaração de Pequim<sup>21</sup>, e seria desnecessário dizer, como isso deixou a maioria dos médicos “pavorosos”, pois estes associam essas práticas etnomédicas ao curandeirismo e ao charlatanismo, “infantilismo das práticas supersticiosas” (LAPLANTINE, 2004, p.216). Então, o que se vê é a medicina ocidental, a biomedicina, dialogando muito pouco com as interpretações culturais, ou seja, uma contenda no campo dos saberes médicos. As categorias biomédicas de dissociação, histeria, assim como as categorias psicológicas de desempenho de papéis e representação social, ou mesmo termos ambíguos como sugestão ou catarse, não dão conta dessas questões da cura nas sociedades tradicionais.

Os estudos de antropologia da religião, e antropologia da saúde, têm feito um grande esforço para compreender os saberes e técnicas aplicadas pelos terapeutas tradicionais, das religiões de matriz africana no Brasil, os terapeutas tradicionais dos *terreiros de candomblé*<sup>22</sup> os pais e mães-de-santo e as Rezadeiras/Rezadores de preceito.

Lima (2010) observa que certas análises de cientistas sociais que se debruçaram sobre tal temática, vão em direção ao reconhecimento dos sistemas religiosos tradicionais africanos, do mesmo modo que as religiões de matriz africana no Brasil proporcionam uma interpretação da doença que a insere em um conjunto mais amplo de relações entre o humano e ao sagrado. A terapêutica religiosa, atualmente, é interpretada, por um conjunto de cientistas sociais, como uma tentativa de produzir uma reorientação mais geral do comportamento, conduzindo o doente a situar-se no mundo, seguindo novas formas frente aos outros e a si mesmo.

Segundo Csordas, Marcel Mauss (1950) “sugeriu que nós humanos possuímos uma noção de individualidade espiritual e corporal e afirmou que condições particulares estariam associadas com diferenças qualitativas entre a personagem totêmica, a persona clássica, e a pessoa cristã.” (CSORDAS, 2008, p. 104). Desse modo o paradigma da corporeidade pode ser elaborado para o estudo da cultura e do sujeito, no qual ele entende que este paradigma

---

<sup>21</sup> Anexo\_4

<sup>22</sup> O lugar em que os negros da Bahia realizam as suas características festas religiosas tem hoje nome de candomblé, que antigamente significou somente as festas públicas anuais das seitas africanas, e em menor escala os nomes de terreiro, roça ou aldeia (CARNEIRO, 2002, p. 39).

Rodrigues observa que: ” palavra terreiro tem evidentemente duas significações distintas: nomeia o sítio, lugar ou casa onde reside o chefe e se celebram as festas religiosas, e qualifica a jurisdição de um pontífice fetichista que dela toma o título de pai ou mãe do terreiro” (RODRIGUES, 2005, p. 48).

transcende diferentes metodologias, assim, opta por realizar uma abordagem antropológica e psicológica. Toma como ponto de partida a premissa “de que o corpo não é *objeto* a ser estudado em relação à cultura, mas é o *sujeito* da cultura; a base existencial da cultura.” (Id., *ibid.*, p. 102).

Os *modos somáticos de atenção*<sup>23</sup> podem ser aplicados ao conjunto de procedimentos que envolvem as Rezadeiras/Rezadores de Preceito em São Francisco do Conde, e seus suplicantes. Estes são precedidos de cuidados rituais que enfatizam o cuidado da rezadeira/rezador de preceito consigo mesmo. Assim, a reza inicia-se antes do ato de rezar, na limpeza, purificação do corpo, a fim de proteger-se dos males do mundo, pois há uma visão de que o corpo permanece aberto para as energias, à “mercê do vento” e pode acabar sendo prejudicado. Logo se deve controlar o corpo, com medidas cujo objetivo é “fechá-lo”.

Geralmente, as rezas ocorrem entre seis da manhã e seis da noite, do nascer ao pôr-do-sol. Não menos importante é a intensidade. Se o problema é mais sério, segundo meus interlocutores, deve-se rezar menos vezes, pois o número de rezas diárias deve ser observado para que a Rezadeira/Rezador de Preceito “não fique muito pesado, carregado”, “tem que ter cuidado!”. Já, pelo lado do suplicante, a depender do infortúnio que o acomete, seu tratamento deve se desenrolar de forma processual em uma reza, três rezas, sete ou mesmo vinte e uma rezas.

Seis horas, cinco da manhã e cinco da tarde, doze hora ninguém vai rezar ninguém, essa hora ainda pioro, Zoi rezava, ali rezava mais não sei o que deu na cabeça dele que [...] disse na frente do homem nunca mais vou tocar um galho de ramo em cima de você, nunca mais lhe rezo dia nium ele arriou de rezar por causa disso, rezava era o valete era tudo que era reza, Zoi sabe muita reza. (Dona Nair)

O banho, as orações, as rezas, os passes, as bênçãos e cânticos matinais tem este objetivo: proteger e resguardar, como nos relata Dona Augusta:

Nesse dia eu tomo leite, tomo café com leite pra poder... Que eu não posso também rezar, porque tem reza pesada que eu não posso rezar com o estômago puro, aí eu tomo um café com leite, como um pão.

... Quando eu vou rezar eu tiro aquela roupa pra vestir outra, às vezes você já está com a roupa suja e tem dessas coisas, aí...

---

<sup>23</sup> Os modos somáticos de atenção são maneiras culturalmente elaboradas de estar atento com o corpo em ambientes que incluem a presença corporificada de outros (CSORDAS, 2008, p. 372).

As Rezadeiras/Rezadores de Preceito observam a necessidade da abstenção sexual para se ter e manter o corpo limpo:

Ah, Eu não tenho homem, quando acordo de manha eu rezo meu pai de nosso, ofereço, eu acordo cedão ninguém bota o zoi em mim, despacho minha casa tomo meu gole de café, cabousse, pode chegar o rei mais eu não respondo, não respondo por que eu não sei o quem vem de lá pra cá em cima de mim,...

No que se refere à atenção e cuidado ao corpo, registra Dona Tereza:

- É cuidado. Por que... Como é que diz... Como é que diz... A gente tem que... Fazer o quê? Nós temos que pegar a... Que... Se vou rezar a do vento, do ar do vento, você não vai rezar ele puro. Você que tem que pegar aquele alho, quebrar ele, passar aqui assim, na frente. Aqui assim, ó...

O ato de passar o alho na testa, seguido do sinal da cruz, para Dona Tereza indica proteção, assim ficando amparada para atender seus suplicantes. Uma delas narra o processo de proteção do seu corpo para a reza.

É. No meu. E aqui (apontando para o pulso) e nós temos que cruzar o alho e botar e cruzar também aquela pessoa. Porque a reza pior que tem é a reza do ar do vento. Se a gente rezar ele sem o alho... E ainda tem que botar ainda uma faca, fazer uma cruz aqui assim, ó... E botar a faca (desenhando uma cruz no chão com o dedo indicador) nós temos que fazer uma cruz assim ó. Quer dizer que aqui é a faca. Nós temos que fazer a cruz, ó, e tem que botar o pé em cima daquela cruz com alho tombém pra num lhe prejudicar. Que a carga que vem de lá pra cá você já não pega. Tá entendendo? Porque se não tiver aquele alho ali e... E a faca, quer dizer que é ruim pra você. É ruim pra você. (Dona Tereza).

No entender de Dona Tereza, as doenças e males transitam e caso a Rezadeira/Rezador de Preceito, não esteja preparada, isto é “coberta”, protegida, poderá ser afetada, por algum mal. Então, cabem certos cuidados. Outra questão discutida por ela é a intensidade dos males e que não podem ser demasiados, não se pode rezar tantas vezes em um dia, pois há um limite a ser suportado pela Rezadeira. A noite aparece no contexto como dissimuladora das energias, pois é considerada como responsável pelo infortúnio, a noite é associada ao trânsito dos espíritos no mundo dos vivos. Apresenta-se como ocultadora dos perigos e deixa as Rezadeira/Rezadores expostas às energias nefastas, tanto existentes nas pessoas rezadas, como as forças suplicadas ao vento.

E também... Tem outra também. Você não pode chegar e rezar quatro, cinco pessoa... Dentro de um dia. Você só pode rezar duas, três pessoa. Duas, três pessoa. A reza do vento, você também não pode chegar e pegar... e pegar assim ó... pegar aquele coisa. Já tá tarde da noite, sair assim pá rezar... porque eu tombém já saí daqui até meia noite, eu sai pá rezar. Mas é ruim pra gente. É ruim pra gente *porque... porque...* como é que diz... um negócio que a gente chama por o nome

dele, que... chama por o rebojador, vamo esse ba.. essa baixa al... astral todo dessa reza, como é que a gente vai chegar e sair assim aberto? Hum? Nós não pode chegar assim no... aberto. Nós pode chegar e... fazer aquele coisa ali e... prevelégio também é pra gente. Que a gente não pode chegar e sair assim, à toa também. E nós num tá sabendo também o que é que vem de lá pra cá, viu? Porque na mesma da hora que pode imprantar com uma coisa boa, pode imprantar também com uma coisa tombém pior. Pode... pode ser tomém não seja o vento só que tá naquela pessoa e no fim da conta você vai em aberto e vai pegar em você. E você tano com seu alho ali no bolso, você já se encruzou e tando com seu alho ali no bolso, nada não lhe pega. Tá entendendo? Bem, é por isso que eu te digo que é um negócio, coisa pra gente se... se a gente quiser rezar, nós temo tombém que se prevenir. Não sai só pra gente tirar aquele coisa daquela pessoa e a gente ficar na pior. Nós temo que se prevenir logo tombém primeiro pra dispois e agora nós continuar com o coisa que a gente vai fazer. Primeiro, a fé em Deus pra despois agente botar a mão aí agora na coisa que a gente vai fazer. Viu? O negócio é esse.

A abstinência sexual também é ressaltada pelas Rezadeiras/Rezadores como forma de manter-se “puro”. A troca de fluidos, de energias, o estar sexualmente com outro tem uma conotação de mistura, de abertura ao profano. “Pra resguardar!” (Dona Nair)

Seu Edvaldo Bispo, conhecido como Seu Macaco, observa que:

“Tem que ter cuidado e pessoa não pode rezar de corpo aberto se a pessoa for rezar amanhã.”

“A pessoa, tano de noite e vai rezar a amanhã, a pessoa e não vai ter relações, tem que ter sua cautela ,entendeu, para que no dia o corpo esteja tranquilo pra fazer sua devoção ,né.”

“É se eu for rezar uma pessoa amanhã, não ter relações, entendeu, se tiver tomar um banho pra limpar o corpo, e a pessoa que vai rezar ter o resguardo que eu te falei da espinhela e peito aberto.

Enquanto o Senhor Zoza observa que a proteção acontece bem cedo, em dia de reza.

Tenho de manhã cedo, de manha, vai rezar fulano de tal vou, não tem que usar esse negócio tipo de sexo, tomei banho de manhã cedo, tomo meu café vou rezar aquela pessoa. Vai de corpo limpo, pra não ser pior nem pra mim e nem pra pessoa

O resguardo que tem mais do vento , pra não usar e nem comer, quando for rezar acabou de rezar tirar aquela roupa colocou lá, entendeu , manha novamente rezou tirou aquela roupa tirou e bota lá, a depois novamente acabou de rezar tirar aquela roupa colocou lá o ultimo dia aquelas folhas todas arrumadinha ai queima aquelas folhas ai nois queima .

Aquelas folhas eu vou rezando e acumulando, tem o alho também. Pega o alho quando for rezar, pega o dente de alho cruzar em cruz, esfregar na pessoa ( na fonte, no pulso gestos feitos por Zoza) da pessoa que vai rezar, eu boto um taco de alho na boca pra não ficar muito forte pra mim. Ai no ultimo dia eu pego aquele alho coloco com a folha e coloco pra queimar no ultimo dia.

Muitas são as formas de precauções, zelos e cuidados que são observados pelas Rezadeiras/Rezadores de Preceito, desde a seriedade no cumprimento das ações do resguardo.

Pois, rezar é mexer com forças, energias, boas ou ruins. O vento que traz os infortúnios, por muitas vezes é chamado para levá-los de volta, carregá-los para longe. Para chamá-lo é preciso estar “limpo” e “puro”, mas não “aberto”. Ao contrário de “corpo fechado”, protegido, forte. Por isso a exposição das Rezadeiras/Rezadores de Preceito aos infortúnios tem de ser controlada, já que a intensidade de cada reza, bem como o número de rezas diárias pode ao fim do dia levá-los a um estado de infortúnio.

### **Resguardo e Recaída do Suplicante**

O fim do tratamento se dá com o resguardo do suplicante a alguns alimentos e, a depender da solicitação do terapeuta, à abstinência sexual e ao consumo de bebidas alcoólicas. O que observei é que o resguardo faz parte dos modos somáticos de atenção no processo de cura. Consideram os terapeutas que a purificação só acaba com o término do resguardo, que deve ser respeitado, sob a pena de acontecer a temível recaída, que é o retorno do infortúnio com intensidade mais forte, mais doloroso e mais difícil de curar.

Segundo Weber (1999, p. 298), o conceito de tabu é um conjunto de “normas de comportamento motivadas de modo puramente mágico e cuja infração é considerada um sacrilégio”. Podendo, devido à quebra das normas estabelecidas, o infrator ser acometido de doença mais grave ou mesmo pode ser levado a morte.

A racionalização do tabu leva eventualmente ao estabelecimento de normas segundo as quais, de uma vez por todas, certas ações são verdadeiros sacrilégios que reclamam alguma espiação, - em certas circunstâncias, a morte daquele que os cometeu - para que o malefício não atinja o povo todo, e assim nasce um sistema de ética garantida na base do tabu: a proibição de determinados alimentos, do trabalho nos “dias aziagos”, designados pelo tabu (tal como era, originalmente, o sabá), ou do matrimônio dentro de determinados círculos de pessoas, especialmente entre parentes (WEBER, 1999, p.299)

Observa Weber:

As normas com caráter de tabu foram especialmente vinculadas à importância, para determinados círculos sociais, de certos espíritos que habitam determinados objetos, particularmente animais, de modo não totalmente explicável (1999, p.299)

Logo, a recaída é atribuída à falta de cuidados do suplicante, que não seguiu à risca os conselhos da Rezadeira, dados no momento da reza, não percebeu ele, suplicante, que o

tratamento vai além da reza e que requer comprometimento, respeito e fé. Não pode submeter-se a ingestão de alimentos considerados impuros, rançosos, remosos e gordurosos, não pode ingerir álcool e trocar energias, a depender do infortúnio. Fazer sexo, “abrir-se ao externo, expor-se ao mundo, aos ventos”.

As rezas apresentam-se em diversas modalidades de tempo, a depender do infortúnio e do poder, fé, da rezadeira, rezador de preceito. Assim, a reza pode ser de um dia, três dias, sete dias e até vinte e um dias, sabendo que o resguardo acompanha todo o período. Dona Augusta nos informa que para algumas rezas ela leva três dias como:

Olhado, dente caído, dor de barriga, dor de cabeça garganta... essas coisas aí que eu rezo. Essas coisas que rezo todo mundo se dá bem, porque se não se desse bem ninguém ia voltar de novo, agora, eu rezo 3 dias. “

É, eu rezo hoje, amanhã (inaudível) tem dois dias e depois eu completo

Referente à questão da recaída:

Esses que eu rezo não tem recaída, vem me agradecer. Essas pessoas que eu rezo, eles vem me agradecer. E às vezes tem reza também que eu rezo e às vezes eu mando ir no médico.”

“Não é o que senhor come tudo de vez é usurave, pessoal tem usura, tem usura por prato. Rezou tomou cachaça come caranguejo mandou Nozinho embora . o homem morreu com a usura do pirão...

O tratamento à distância efetuado por Dona Tereza, quando não há o suplicante, no qual ela usa do artifício do desenho, da escrita do nome da pessoa, da projeção da imagem e infortúnio de uma pessoa. Insere-se neste caso, no *principio lógico da magia*, denominado por Frazer (1978) como *lei do contato*, onde tendo o suplicante sido atendido, segue seu tratamento a distancia, “que todos os atos praticados sobre um objeto material afetarão igualmente a pessoa com o qual o objeto estava em contato, quer ele constitua parte do seu corpo ou não” (FRAZER, 1978, p.34).

Ainda conforme Dona Augusta:

Tem vez que eu rezo três dias. E quando mora longe, já... eu rezo uma vez só. E aí, eu vorto, faço o pedido, faço o pedido ou faço uma estáuta. Faço uma estáuta chamando por o nome daquela pessoa e rezo de cá. Tá entendendo? Quer dizer... aqui... nós fai aqui a estáuta e... vorta que aquela... que a gente faz aquela ali da pessoa e vorta, chama por o nome daquela pessoa e reza. Novamente. Que não dá pá ir na casa... que não dá pá ir na casa... quer dizer que a gente tem que fazer aquela obrigação de dentro de casa mermo. Nós tem... nós faz aquela mesma reza que rezou a primeira vez. Não podendo ir na casa, de dentro de casa, eu rezo. Tá entendendo? Que nós chama por o nome da pessoa e reza o... do vento, ou a dor de cabeça

também. Seje lá que coisa for, nós vai e reza dentro de casa. Chama por o nome de... daquela pessoa e reza. Que... pode ser... pode ser po Rio, pode ser pá onde for, entendeu? Sabendo o nome, a gente reza de cá. Que eu sou acostumada a rezar. Bem.

É um desenho. É. Ou no chão, ou na... ou no caderno. Hum, hum.

“Ou no chão, ou no caderno.- Mas tem uma coisa importante.”

Não, a pessoa, como é que diz?... a pessoa tem o cuidado porque... se a pessoa tiver na biúda, não vai comer galinha.; Se a pessoa tiver do ar do vento, não come galinha tamém... durante os três dias. Não come a galinha. Porque a galinha é remosa. Viu?

O uso de um tratamento mágico requer que o corpo do oficiante do rito esteja limpo, daí os tabus alimentares. Sobre a interdição alimentar Dona Augusta salienta:

Porque, como é que diz, se o senhor tiver aquele coisa ali, tá rezando do se... tá rezando do vento. Vai comer galinha? Vai comer carne de porco? Não pode. Porque a galinha faz mal. A carne de porco, piorou. Porque a carne de porco, a gente ali tá fazendo sujeira pá nós memo. Tá entendendo? Aí, a gente temos que dissimular... carne de porco, não come. Galinha, não come. Bem... tem... como é que diz?

Se a gente também... se for rezado de espinhela. Viu... pá gente pegar... eh... eu rezo com vinte e quatro hora. Rezo com vinte e quatro hora. Bem. Durante a... depois...as vinte e quatro hora e antes de vinte e quatro hora, a pessoa fica ali ó... não come pimenta, não come galinha, não come feijão, não come azeite... a comida só é o arroz, o macarrão, a carne de sertão, ou carne de boi mermo. Tá entendendo? Agora, não vais fazer também o que não deve também...

(rindo) Ó paí?

(rindo) O senhor tá de resguardo. Quer dizer que levanta a espinhela... o senhor tá ali de resguardo e antes de vinte e quatro hora, o senhor... (rindo) o senhor vai fazer o que não deve? Ó paí, ele nã.. num tá entendendo.

Não vai namorar, tá entendendo? Não vai fazer amasso nenhum durantes a vinte e quatro hora. Dispois de vinte e quatro hora, aí pode tomar banho, pode fazer o que quiser. Viu? Não passa por debaixo de arame, de espinho... viu? É isso aí. É tanto que eu rezo pá vinte e quatro hora e rezo também pá vinte e um dia.”

“Vinte um dia. (rindo)

É. É isso. Tanto tem de vinte e quatro hora, como tem de vinte e um dia. Quer dizer que eu acho melhor de vinte e quatro hora. Porque... digamos assim, reza hoje seis hora... reza hoje seis hora do dia.. amanhã, depois de seis hora do dia já passou. Já passou ali, a pessoa faz ali...

O batente, a porta, a encruzilhada, o caminho, “local de passagem”, o entremeio, a passagem das horas, “hora fechada não pode.”, apresentam-se como espaço de liminaridade, (TURNER, 1977, p. 117), ou seja, um não lugar.

Frazer (1977) incide que o primeiro *princípio lógico da magia* ou “*lei da similaridade*” ou “*magia homeopática ou imitativa*”. Para esse autor, a *magia homeopática* se fundamenta



na associação de ideias pela similaridade, enquanto a *magia por contato ou contágio* se baseia numa associação por contiguidade, sendo o somatório das duas magias matéria para a formação da “*magia simpática*” (FRAZER, 1977, p.85).

Leite... leite não pode, que leite é flato. Não pode. Bem... abacaxi, laranja, esse negócio de outros negócio aí ruim, não pode. Aí, pimenta não pode. Só pode memo o café, uma manteigazinha... memo assim pode passar uma manteigazinha no pão. Ne batente, pra pessoa pegar a... a... como é que chama? A... um tamborete, uma cadeira, botar assim na entrada da porta, não pode. Não pode. Porque eu... eu te digo. Porque a porta passa o bom e o ruim. Passa os bons e o ruim. Nós tá ali sentado, nós tá sabendo o que é que vem de lá pra cá? E nem o que vem de... daí pra lá? Nós não sabe. Nós gosta de sentar em porta.

Dona Tereza nos informa que o cuidado com o corpo tem como etapa inicial a proteção, pois o processo de cura pode ser iniciado no ato da benção, da felicitação, da palavra de conforto que denota caminho, guia, proteção, fechamento de corpo e iluminação de caminho.

Bem. Aí, quer dizer que... que (dirigindo-se a um terceiro) eu tô te dizendo que Deus te agüie.”

Aí, tá vendo ca.. como é.. que eu tô te dizendo? Que nós tá aí, nós não tá sabendo nem o que vem de lá pra cá e nem o daí pra lá, né? Cê já morou a conversa? Cê já... tudo já viu o que que eu tô dizendo. Porque, como é que diz? Se nós tamo ali, nós tamo dizendo : “eu gosto de sentar na porta, eu vou sentar na porta pá tomar um ar, num sei quê”. Mas não. Ne porta é ruim pá gente se sentar. Porque memo aqui, eu só gosto de sentar aqui nesse sofá. Porque aqui ó... qujando o senhor chega, só me encontra aqui. Não me encontra aí fora. Só me encontra aqui. Bem, quer dizer que pá pessoa chegar... chegar ali e ficar... vai daqui pra lá, não sabe o que a gente vai receber. Nós.. quando nós ta... por que que quando a gente passa aí pá sair pá fora, nós diz assim ó ‘Deus adiante, pai na minha guia. Recomendo a Deus e a Virge Maria. Com Deus eu vivo, de noite a dia. Deus seja a minha paz, Deus seja minha companhia. E seja minha livrança e me acompanhe. XXX dos passos, cobrirei os meus passo. Seguireis os meus passo, cobrirei os meus rastros de todos os meus inimigos. Com as forças do senhor Jesus Cristo seja comigo. Pai, do filho, espirito santo, amém.

Os cuidados são os mesmos e devem ser obedecidos sob pena de recaída. Por sua vez, enfatiza mais a dieta alimentar e o estado de nervos do suplicante, que deve se manter sereno, tranquilo, distante de aborrecimentos e confusões. O que me leva a crer que o resguardo é um estado de paz e tranquilidade, pureza e assepsia do corpo/mente/espírito (vistos como unidade). O suplicante deve proteger-se, e acima de tudo evitar a exposição ao externo, ao desconhecido, aos ventos, aos olhares e atitudes negativas dos outros.

Somadas a estas restrições há muitas outras de ordem alimentar: gorduras, animais que permitam ou mantenham a possibilidade de inflamações, geralmente referentes a animais considerados impuros, como porcos, patos, coelhos, galinhas de quintal, camarões, caranguejos, ganhamuns, ostras, animais silvestres em geral, alimentos enlatados etc. A não

observância destes fatores pode ser considerada quebra de preceito, levando o suplicante à recaída. Do mesmo modo que deve evitar aborrecimentos, “zangas”, constrangimentos e violências que possam desequilibrar psicologicamente o suplicante.

Para Frazer (1978, p.39) a magia pode apresentar-se de forma positiva como feitiçaria: “Faça isso para que tal e tal coisa aconteça” ou *magia negativa como tabu*: “Não faça isso, pois, se fizer, tal e tal coisa pode acontecer”<sup>24</sup>. Frazer, ainda apresenta outra categoria de magia como sendo a “magia privada”, dos “ritos mágicos” para beneficiar ou prejudicar pessoas e a coloca em paralela com a “magia pública”.

Assim nos explica Senhor Zoza:

Eu penso que essa recaída é através da alimentação, não tem resguardo, também a reza hoje em dia acaba de rezar não se dedica não toma um remédio, toma esse remédio toma esse defumador remédio ,desfaz aquilo que a pessoa a pessoa rezou, eu não to bom ainda eu quero ter saúde então eu vou fazer um tudo pra recuperar e ficar bom, tem uns que reza fica bom, ta melhor pensa que ta bom e acontece inaudível:{...} , ou vez se zanga com alguém, aquele traumatismo com outra pessoa ai pronto, ai pronto (suspira)antes , ta volta retorna eu acredito que é isso.

---

<sup>24</sup> NA minha infância, me lembro das brincadeiras malvadas que fazíamos com a intensão de punir ou apenas fazer arrelia aos nossos amigos. Uma delas era bater o “bagunço”, miolo fibroso, da jaca, *Artocarpus heterophyllus*, no chão e avisar a aqueles que comeram, muitas vezes como pena pela não partilha do fruto, que os mesmos teriam horríveis dores de barriga. Frazer, (1982) explica tal ato de crueldade infantil da seguinte forma: “A magia também pode fazer mal a uma pessoa por intermédio dos restos de comida que deixou ou dos pratos nos quais comeu” (FRAZER, 1982, p. 221), Pois, segundo ele, pelos princípios da magia simpática, persistiria a relação entre o que foi ingerido e as sobras deixadas no prato, “... e, por isso, se for feito mal a este último, o homem que acabou de comer poderá sofrer também.” (ibid., p.221). Esta é uma crença comum em muitas regiões rurais e principalmente no Recôncavo Baiano, lembremos que se a pessoa estiver de resguardo um dos alimentos interditos é justamente a jaca.

## Procedimentos Terapêuticos

### As plantas Medicinais

As Rezadeiras/Rezadores de Preceito incubem-se de colher as ervas a serem utilizadas, durante o processo ritual da reza, sendo que os lugares onde buscam são geralmente o fundo do próprio quintal, terrenos próximos, porta-de-casa ou mesmo em um jardim plantado por eles mesmos. Se estiver impedido por algum problema de saúde, por gravidez ou pela menstruação, ou mesmo pela idade, acaba recorrendo a um “menino”, filho, neto ou afilhado para a colheita. Existe uma relação mágica entre as ervas, sua forma de colheita, hora e lugar; observei esta relação no ato de colher, pois para colher existe hora adequada, geralmente entre o nascer e o final do dia, e nunca ao meio dia. “Porque, porque não se pode.” E finaliza: “... hora fechada não pode...”.

As plantas utilizadas nos rituais de cura praticados pelas rezadeiras são oriundas da região em que vivem, chegando muitas delas a serem cultivadas no próprio quintal das casas destas rezadeiras/rezadores. Colhi as folhas com Dona Augusta, no seu quintal, onde ela foi apontando as plantas e sua utilidade para o infortúnio e sua força. Ao apresentar, ela explicava sua utilidade e dizia que se fosse algo mais forte ela crescia outra. Por exemplo, para mau-olhado, usava a vassourinha, mas se necessário acrescentaria a guiné, “para ficar mais forte”.

Já Dona Nair percorre a costa do mangue situado no seu bairro, Coroadó, e foi mencionando as ervas e sua utilização também de forma sequencial. E para finalizar, acompanhei e filmei a visita ao quintal de Senhor Aranha, rezador respeitado, com longa iniciação e vivência no Candomblé, onde é Ogã há mais de 40 anos. Segundo ele, participou dos primeiros candomblés da região e associa a sua prática de reza ao aprendizado obtido em sua experiência religiosa primeira. Ela fala de forma aberta e se orgulha dos conhecimentos

que possuí. Caminhamos juntos por seu quintal onde ele pode me mostrar suas plantas utilizadas, tanto nas rezas, como nos chás e unguentos, necessários ao processo de cura. Observei grande organização na disposição das plantas, em sua maioria embaixo de uma jaqueira, local onde ele coloca as oferendas ao seu Orixá Ogum.

Segundo Dona Tereza:

Pra rezar fogo selvagem? Bem, é a ... o limão verdadeiro,... o limão verdadeiro, pega ele, cortar ele, pra botar... botar ali um pouco da povora. Bota um pouco da poiva e dali passa. Quer dizer, o limão corta em três partes. Tá entendendo? Pá passar ali em cima do lugar. Bem, ou livre do limão, se não tiver limão, a bassurinha mesmo... a carqueja... num sabe o que é carqueja, não?

Apois, o limão... se não tiver o limão verdadeiro com a povora, a carqueja. Aí, bota, passa ali por cima do lugar e... e de repente sara. O malmequer. O malmequer... o mal-me-quer é assim (levanta-se para mostrar uma planta) essa coisa daqui ó... aqui nesse

... tirar o malmequer daqui. E le... pá você levar o malmequer pá você já saber do qual é o malmequer que eu tô lhe ensinando.

- [Sim. Não antes coisa aqui assim. Essa florzinha aqui. Agora, é amarelo, tá entendendo? Bem, é que nem essa coisa aqui ó. Tá entendendo? Bem... agora, é amarelo. Tá vendo? É amarelo. É a mesma forma disso aqui. Bem, com essa coisa aqui mesmo. Isso aqui. Agora, é amarela.

Meu filho... é amarela. Agora, quer dizer que ba... tira a folha dele e pisa bem pisado. E... bota... bota naquele... no lugar que de.. que sara também.

Aqui ói (mostrando o pé) aqui foi um corte de ostra. Tá vendo? Tá vendo? Aqui ó. Me cortei daqui até aqui, ó. Aí, tá vendo? Daqui até aqui eu me cortei. Isso aqui abriu pra cá, isso aqui abriu pra cá. Foi na maré e aí eu curei o malmequer. Peguei o malmequer, pisei bem pisado, botei o sumo... tanto botava o sumo, tanto botava o pó. Eu lavava e botava o pó. A, de repente, eu curei aqui. Foi com... foi malmequer. Que ele é muito bom pá gente... pá gente fazer esse negócio desse benefício. É tanto que malmequer também é bom até pá... pra uma nascida. Que ela tiver com aquela nascida, que a gente pegar o malmequer, pisar bem pisado com sal e botar ali em cima do lugar, ela pouca. Pouca ali aquele coisa... num carece levar pro doutor pra arranjar. Que é muito bom também. Que disso... é o maxixe bravo. O maxixe bravo por aqui a gente não vai achar. Não acha ele, não. Bem, só acha assim, esse negócio de mata. Maxixe bravo que acha assim ó... na mata... é que a gente acha ele. É um negócio tão bom, tão bonzinho mesmo. Aí, agora, como é que diz... quando tu ir coisa, eu posso até pegar... o malmequer do sol nascer, ...inaudível:{...} Quanto só nascença melhor. Aí quando não vou pela nascença vou pela tarde antes do sol de se pôr.

E depois que o sol se põe?

- Aí não pode tirar folha de chá nenhuma.

Dona Augusta coleta suas ervas no próprio quintal e afirma que só faz isso durante o dia:

Pego, porque tem gente aqui que vem 6 horas, e 6 horas eu já tô já coisa, aí 6 horas da manhã eu rezo. Tem gente que já vai sair cedo pra coisa... aí eu rezo também.

Ela toma os cuidados necessários para um dia de reza, no cumprimento dos preceitos, tomando banho, assim como não coleta as plantas durante a noite, prática oriunda do universo mágico dos terreiros de Candomblé baiano.

Não, de noite não. De noite assim, eu só rezo assim se a pessoa vir assim desmentiu o pé, aí nesse horário aí eu rezo...

Não, assim porque, as vezes de noite eu não rezo assim olhado, eu não rezo olhado. Aí eu rezo de manhã cedo. Mas de noite eu não rezo. Também de noite eu vou pra bater folha pra tirar aí não dá não. Meu negócio mais é de manhã cedo, é de tarde, é 4, 5 horas. Hoje já veio um de manhã, assim cedo, eu já rezei. De manhã cedo tomo meu banhozinho, fico com meu corpinho limpo pra poder rezar.

Para o Senhor Aranha, a hora de cada atividade é óbvia e não carece de indagações, assim naturalmente lida com os preceitos da colheita e compara o horário de acesso às plantas, a colheita aos horários prescritos pelos médicos:

- Certo! Se o médico passa um, uma dieta pra você, você vai tomar fora.  
- Você tem?. Eu tenho aquelas imagens ali, cada um, cada um, cada um tem seu dia e cada um tem seu ano, né! você vai cumprir uma obrigação antes da hora, antes do dia? (risos).

E responde com um inventário das plantas que utiliza no cotidiano de suas rezas:

-Todas elas! [ Ói, a Vassourinha também.

- Vassourinha, a Vassourinha tem três marcas...sim.

- EGO - Da vassourinha tem o Quebra- Pedra...

- Do Quebra- Pedra vem o Balaio de Véio...

- Do Balaio de Véio, vem a carqueja, da Carqueja vem o Alumã, do Alumã vem o Cossa-Cossa, ai vem o Guiné, ai vem o Tapeta de Oxalá, ai vem o Vence Tudo, Comigo Ninguém Pode, o Meu bom Ioio de caboco, certo! Ai vem a Favaca, vem o Coentro que cigano chama de Coento de Boi...

- É, certo! Ai vem... Aroeira, pura reza né? viu achar Tapete Roxo certo! Ai vem, já disse Comigo Ninguém Pode, vem a Floresta de Santa Bárbara, ai vem o Fumo Branco.

- Branco, Pura reza! Ai vem o Autelão Miúdo. (hortelã)

- O Autelão, o Autelão não tem remédio... Ai vem a Folha de Iemanjá, ai vem A Canela de Véio.

- Ai, vem o Mata Passo.

- Ai vem a Crista de Galo...
- Ai vem a Barba de São Pedro.
- Ai vem o Sassa, e vem a Folha de Jurubeba, Tapete Branco, Tapete roxo eu já botei, a Folha da Cabaça, São Roque, a folha da Abóbora, a cana de Macaco.
- O Alumã, o Acalipto, tem outra coisa

Dona Jeco, referindo-se a questões sobre preceito na colheita, afirma não ter nenhum, “mas tem que colher bem cedinho as plantas, e as folha”, seja no “mato” ou mesmo no quintal de casa onde ela mantém um pequeno jardim de ervas medicinais. Agora, quem colhe no mato distante é o seu filho mais velho, mas para tirar as plantas, segundo nossa interlocutora, tem de pedir licença, questionada a quem, ela responde: “A quem é de direito, o Dono da Mata”.

O Senhor Zoza, aprendeu a rezar com sua falecida mãe, a quem ele nutre muito amor, respeito e agradecimento, sendo mencionada e citada a cada instante no falar sobre as suas rezas. Ele é o coveiro do Cemitério Municipal do Distrito de Paramirim e vive no bairro de Coroado. Segundo ele, os locais como rodovia, pista, rodagem, caminho, trânsito, não são lugares permitidos para tirar as folhas, Enquanto que a mata, o quintal são lugares reservados, logo apropriados para a coleta das ervas sagradas.

Não, não em qualquer lugar principalmente aqui no caminho do cemitério, beira de estrada caminho, eu não tiro em pista e principalmente aqui no cemitério não tiro, eu vou tirar no fundo de quintal, descendo no reservado pra não tirar em beira de caminho e nem rodagem, principalmente aqui no cemitério mesmo aqui não pode utilizar nada, só no fundo de quintal ou em roça pra tirar aquela folha.

Com relação ao horário de colheita, ele salienta:

Qualquer horário, só não tiro depois das seis, depois que o sol se crava eu não tiro. E também não posso rezar depois das seis.

Tanto faz pela manha ou pela tarde. Só não gosto depois que o sol se crava. Varias pessoas eu já rezei depois que o sol se crava, sempre mãe falava comigo que depois que o sol se crava não é muito bom , mais assim mesmo já rezei, até de noite já rezei alguém.

Só dia de domingo que eu não rezo, também não

Sempre mãe falava em vida que dia de domingo não. Dia de domingo, não é muito bom não. Sempre mãe falava que dia de domingo não é muito bom pra pessoa rezar.

Construí a partir das entrevistas uma quadro contendo os nomes populares das plantas de uso terapêutico pelas rezadeiras baseado em Almeida (2011) e no trabalho etnobotânico de Erika de Paula Pedro Pinto, Maria Christina de Mello Amoroso e Antônio Furlan (2006).

### **Quadro de Plantas Utilizadas e Descritas**

**Nome popular****Nome científico**

abre-caminho	<i>Justicia</i>
emburana	<i>Justicia</i>
anador, bezetacil, dipurana,	<i>Alternanthera brasiliana</i>
novalgina, doril	<i>Pfaffia glomerata</i>
erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i>
salsa	<i>Petroselinum crispum</i>
cravo-de-defunto	<i>Artemisia</i>
picão, carrapicho-agulha	<i>Bidens pilosa</i>
sarraia	<i>Sonchus oleraceus</i>
alumã	<i>Vernonia condensata</i>
mal-me-quer	<i>Wedelia paludosa</i>
maria-preta	<i>Cordia</i>
confrei	<i>Symphytum officinale.</i>
couve-branco	<i>Brassica oleracea</i>
fedegoso	<i>Senna occidentalis</i>
xixi-de-galinha	<i>Cleome affinis</i>
sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i>
embaúba	<i>Cecropia pachystachia</i>
mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i>
folha-da-costa	<i>Kalanchoe pinnata</i>
capim-estrela	<i>Rhynchospora nervosa</i>
graveto	<i>Euphorbia . tirucalli</i>
desinchadeira	<i>Aeschynomene</i>
pandeirinho	<i>Crotalaria</i>
carrapicho-chato	<i>Desmodium adscendens</i>
arrozinho	<i>Zornia latifolia</i>
cordão-de-são-francisco	<i>Leonotis nepetaefolia</i>
poejo	<i>Mentha pulegium</i>
hortelã-miúdo	<i>Mentha</i>
água-de-alevante	<i>Mentha</i>
manjeriço	<i>Ocimum basilicum.</i>
alfavaca-de-galinha, alfavaca-fina	<i>Ocimum</i>
quioiô	<i>Ocimum cf. gratissimum</i>
alfavaca-grossa, hortelã-grosso	<i>Plectranthus cf. amboinicus</i>
folha-de-santa-bárbara, oxalá	<i>Plectranthus cf. barbatus</i>
boldo	<i>Plectranthus neochilus</i>
abacate	<i>Persea americana</i>
cebola	<i>Allium cepa</i>
alho	<i>Allium sativum</i>
babosa	<i>Aloe vera</i>

algodão	<i>Gossypium barbadense</i>
canela-de-velho	<i>Miconia albicans</i>
noz-moscada	<i>Myristica fragans</i>
banana	<i>Musa acuminata</i>
pitanga	<i>Eugenia uniflora</i>
jambo	<i>Eugenia</i>
goiaba	<i>Psidium guajava</i>
araçá	<i>Psidium.</i>
Biri-biri	<i>Averrhoa bilimbi</i>
alfavaquinha-de-cobra	<i>Peperomia pellucida</i>
capeba	<i>Pothomorphe peltata</i>
capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i>
capim-açu	<i>Digitaria insularis</i>
capim-gordura	<i>Melinis minutiflora</i>
capim-aruanda	<i>Sorghum cf. halepense</i>
carquejinha	<i>Spermacoce verticillata</i>
limão-merim	<i>Citrus aurantiifolia Swingle</i>
limão-rosa	<i>Citrus limon</i>
limão-balão	<i>Citrus</i>
arruda	<i>Ruta graveolens.</i>
vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i>
erva-de-santa-maria	<i>Solanum americanum</i>
brilhantina	<i>Pilea microphylla</i>
erva-cidreira	<i>Lippia alba.</i>
camará	<i>Lantana camara</i>
melissa	<i>Lippia</i>
pulga-do-campo	<i>Hybanthus.</i>
água-de-colônia	<i>Alpinia</i>
jasmim	<i>Hedychium.</i>
mãe-boá	<i>Lamiaceae</i>
chá-de-burro	<i>Stachytarpheta cayennensis</i>
cana-de-macaco	<i>Costus spiralis</i>
batatinha	<i>Solanum tuberosum</i>
jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i>

Para melhor compreensão insiro no Anexo\_E, vinte e uma fotografias de plantas medicinais utilizadas, selecionadas em campo, sob orientação do senhor Aranha.

## Os Infortúnios



A relação entre os indivíduos e as catástrofes, problemas, infortúnios são geralmente de ordem pessoal como demonstra Mary Douglas (1976), de que “nas culturas primitivas, as causas naturais de um infortúnio são menos importantes que a intervenção pessoal que o desencadeia” (DOUGLAS, 1976, p.75).

...os Dinka, povo pastor do Sudão, também não consideram o eu como uma fonte autônoma de acções e de reacções. Não se apercebem de que reagem com sentimentos de culpa ou de ansiedade e que estes trazem outros sentimentos. Identificam este eu, que é presa das emoções, com os poderes exteriores, seres espirituais que engendram toda a espécie de infortúnios (Ibid. p. 65)

Douglas observa que cada sociedade visualiza e legisla de forma específica sobre estes acontecimentos. O povo Lele, por exemplo, “com método, sancionam ou atribuem infortúnios a não observância das prescrições de evitamento” (Ibid., p. 123).

Evans-Pritchard revela que as crenças compreendem um sistema de valores que regula a conduta humana, sendo a bruxaria onipresente e fulcral na sociedade Zande. Entre os Azandes é o tema central e responsável pelos infortúnios. Os Zandes, no entanto, deixam de lado, ao contrário dos Dinkas, as “quebras de tabus, incompetência ou não cumprimento de uma regra moral” (PRITCHARD, 1978, p. 57).

O que eles explicavam através da noção de bruxaria eram as condições particulares em uma cadeia casual que ligavam um individuo a acontecimentos naturais de tal forma que ele sofresse dano (Id.,ibid., p. 59).

Em São Francisco do Conde é comum se atribuir uma centralidade às experiências de infortúnios a algum elemento sobrenatural. Esses elementos podem ser mapeados no complexo sistema cultural elaborado tanto pelos suplicantes, como pelos terapeutas. Estes podem ser alvo de feitiçaria, encosto, de espírito, uma perturbação de um Exu, “espírito ruim”, de um “olho grosso”, também chamado de “mau-olhado”, cujo portador desse olho tem o “poder” de desencadear uma “força sobrenatural”, a ponto de desequilibrar as energias dos que estão ao seu redor, mesmo sem uma consciente intencionalidade.

Dona Augusta reza os seguintes infortúnios:

- Ói eu rezo olhado, rezo dente caído, rezo garganta, rezo espinho se tiver na garganta, rezo pé desmentido, rezo dor de cabeça, rezo dor de barriga... o que é mais q eu rezo... é mais nada.

Olhado, dente caído, dor de barriga, dor de cabeça garganta... essas coisas aí que eu

rezo. Essas coisas que rezo todo mundo se dá bem, porque se não se desse bem ninguém ia voltar de novo, agora, eu rezo 3 dias.

Ah. Cobreiro é assim, se passar uma lagartixa, se passar uma coisa na roupa, aí se não ver e pegar aquela roupa e vestir, aí, aqueles cobreiro, aqueles caroços miudinhos. “

Fogo selvagem é assim, fogo selvagem aparece aquelas bolhas grandes cheia de água, quando ela pipoca, ela vira aquela ferida, aí reza, quando reza aí ela some, aí fica bom.

No desenvolvimento desse trabalho procurei retomar a obra de Alceu Maynard Araújo (1979), que tanto se preocupou em discutir as práticas terapêuticas tradicionais, privilegiando as relações, a formação histórica, o entendimento da complexa cadeia cultural em que as rezadeiras estão inseridas, suas relações para com o sistema médico oficial moderno e para com a comunidade onde estão inseridas.

Araújo (1979) classifica a etnomedicina como Medicina Rústica e explica que ela compreende as várias maneiras de se obter a cura na região do baixo São Francisco. Para ele isso se faz através da medicina empírica, medicina mágica e medicina religiosa, e avisa do caráter didático desta divisão, sendo a cortina que separa cada definição tênue, porque “... ora um remédio pode situar-se na medicina religiosa, outras vezes na mágica, bem como na empírica. Descreve o objeto da medicina religiosa.

Assim, a cura de uma doença provocada pela quebra de um tabu (medicina religiosa) terá que se processar através de um ritual. Não importa que entre esse ritual, por exemplo, o uso do vomitório ou chazinho (medicina empírica) (ARAÚJO, 1979, p. 69).

Observo que a designação de “medicina rústica” apresenta em si um caráter etnocêntrico, visto que assim sendo cabe à medicina ocidental alopata e oficial o contraponto de “medicina polida”. Contrapondo assim, o sistema etnomédico ao sistema biomédico, cabendo ao último a centralidade e a posição de verdade e referência, ainda que distintos em sua epistemologia, abordagem superada em nossa época, pois foi cunhada em forma do etnocentrismo. Não obstante, na sua descrição sobre catolicismo brasileiro ou de “folk”, problematiza que: “*O apego a um determinado santo é pelo fato de ele ser uma divindade ou porque proporciona a cura a uma determinada mazela?*” (ARAÚJO, 1979, p. 69).

O apego acontece também devido a sua capacidade de cura, nas rezas proferidas nas quais as mazelas são “avisadas a sair”, sob o olhar e prece de determinado santo:

Os milagres realizados pelos santos de devoção pessoal, revelam sempre a cura de uma doença. Vai ser feita uma operação, o paciente ou a família não quer

intervenção cirúrgica, do médico, pedem então socorro ao santo. O Santo é no caso o maior concorrente do médico. A religião assim praticada está em oposição a medicina científica, espera-se a cura sem a necessidade da intervenção do facultativo e os milhares de fracassos não são conhecidos e nem tampouco relatados. As curas miraculosas sim (ARAÚJO, 1979, p. 69.).

Observamos que os estudos antropológicos sobre saúde e doença em muito tem avançado e assim vem tratando as diversas práticas terapêuticas como etnomedicinas.

Aponta-nos Camargo (1986):

Os estudiosos do que poderia se chamar de pluralismo terapêutico usam diversas definições para indicar as outras terapias, as que não são oficiais e nem consideradas científicas. Assim expressões como “medicinas alternativas”, “terapias marginais”, “medicina popular” e “medicina de Folk” são empregadas em diferentes contextos sociais (CAMARGO, 1986, p. IX)

Todas essas expressões servem para configurar o outro em relação à medicina alopática, oficial, praticada pelo estado. Logo o estabelecimento da medicina alternativa pressupõe a criação de uma lógica de alteridade em relação à medicina oficial.

Ferretti (2003) assevera a existência de tratamentos concomitantes realizados no sistema biomédico e etnomédico em um longo trabalho de pesquisa realizado no Estado do Maranhão sobre doença física, a exemplo da erisipela e da congestão, que são doenças tratadas tanto pela medicina oficial quanto pela medicina popular.

Como as doenças nunca são consideradas exclusivamente físicas ou espirituais, os doentes que procuram os terreiros de religiões afro-brasileiras podem ser tratados ao mesmo tempo por clínicos e por especialistas religiosos. Por essa razão também os pais-de-santo e curadores ou pajés fazem uso de orações, benzimentos, passes e também de remédios caseiros e, não raramente, de medicamentos produzidos pela indústria farmacêutica (FERRETI, 2003, p.1).

Em São Francisco do Conde, as doenças interpretadas como manifestações mediúnicas, “encosto”, “quebranto”, “mau-olhado”, “malefício” ou “feitiço” são tratadas por Rezadeiras/Rezadores de Preceito. Como as doenças nunca são consideradas apenas físicas ou apenas espirituais, os doentes que procuram as rezadeiras e rezadores buscam também o tratamento nos postos de saúde realizados por médicos. Como afirmam nossos privilegiados interlocutores e muitos dos seus suplicantes: “se bem não fizer, mal não faz!”. Em outros casos, dizem inicialmente que o infortúnio apresenta uma causa aparentemente fisiológica, e que pode ser interpretada, mas se há insucesso do tratamento biomédico se recorre às práticas médicas tradicionais, ou mesmo, ao uso de ações combinadas.

## As Rezas

As rezadeiras/rezadores de preceito são especialistas que realizam seus trabalhos terapêuticos seguindo uma hierarquia católica na qual Deus é convocado a agir, seguido por Jesus Cristo e a Virgem Maria, Nossa senhora da Conceição, São Roque, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora de Fátima, Santa Luzia, dentre outras. Aos santos são organizados versos que são repetidos, de acordo com a especificidade do infortúnio, no qual se insere o nome do suplicante a ser tratado.

Saliento a importante contribuição do Candomblé na trajetória social destas rezadeiras e rezadores de preceito, ambientados com o universo do Candomblé, pois seus detalhes, expressões e práticas de cura no uso das ervas são em muitos casos atribuídas a Orixás específicos. O que me remete aos cuidados e representações do Candomblé, bastante presente no município com dezenas de terreiros. A experiência religiosa de cinco dos sete dos Rezadeiras/Rezadores de Preceito é de iniciadas, Ogãs<sup>25</sup> e Ekédes<sup>26</sup> no candomblé. Os dois restantes tem sido “frequentadores”, simpatizantes dos festejos, festas e carurus.

Mauss assevera que a prece deve ser entendida como uma “instituição social”, na qual deve ser analisada considerando-a um fato social total, como uma das partes que compõem um ritual religioso. O seu trabalho encaminha-nos a entendê-la como a “própria realidade”, mas além do que um produto de experiências repetidas, hábitos corriqueiros e cotidianos. Para Mauss (2009), dentre todos os fenômenos religiosos é a prece, a oração, a reza que apresenta imediatamente a impressão de vida, riqueza e complexidade. “Ela possui uma história maravilhosa: parte de baixo, e ascende gradualmente até as cimeiras da vida religiosa” (MAUSS, 2009, p. 1). Mesmo apenas a partir de uma visão externa.

---

<sup>25</sup>Braga (2009), Os Ogãs são uma espécie de conselho consultivo informal ao qual poderá recorrer o líder religioso quando necessitar de um ajuda complementar, tanto do ponto de vista religioso como do ponto de vista das relações sociais envolvendo o candomblé com outros seguimentos da sociedade (BRAGA, 1998, p. 79). Segundo CARNERO, são os Ogãs protetores do candomblé com a função especial, e exterior à religião, de lhe emprestar prestígio e lhe fornecer dinheiro para as cerimônia sagradas (CARNEIRO, 2002, p. 113). Para Nina Rodrigues, são os responsáveis e protetores do candomblé. Os Ogãs tem direitos muito amplos e obrigações limitadas, Além da proteção dispensada devem trazer ao seu santo presentes de animais para os sacrifícios e festas (RODRIGUES, 2005, p. 49).

<sup>26</sup> Ekédes, na hierarquia do Candomblé vem logo abaixo das filhas de santo, tendo feito votos de servidão a este ou àquele Orixá. Embora este Órixá – digamos Oxum – seja seu protetor, falta-lhe a capacidade para lhe servir de instrumento, como acontece com as filhas. Não podendo receber em si mesma a sua Oxum, a Ekédes se submete a uma série de funções subalternas seja em relação à Oxum de uma determinada filha, seja em relação a todas as Oxuns do Candomblé (CARNEIRO, 2002, p. 117).

A reza visa ir além da cura dos infortúnios seja físico e/ou mental, se propõe ao alívio, ao descarrego e a promoção do bem estar do suplicante, dando-lhe ânimo e força contra possíveis infortúnios. A reza tem uma ação efetiva, segundo os interlocutores contra o “mau olhado” e o “olho grosso”, promovendo no suplicante um alívio uma sensação de descarrego, no retirar das “forças maléficas”, tais como: o “quebranto”. Por fim, a eficácia da reza é entendida pelos terapeutas pelo estado em que se encontra o suplicante. Se ele se encontra cabisbaixo, triste, desanimado, “muxoxo”, “desmilinguido”, amofinado e assim como a forma que as folhas ficam ao final da reza.

Segundo Weber “os atores tendem a influenciar determinado deus ou demônio mediante a coação ou suplica” (WEBER, 1999, p.295) Assim, a ele são oferecidas rezas, trezenas, ornamentações e procissões, para pedir, agradecer cobrar e renovar os votos depositados em promessas anteriores, não deixando de fazer ameaças e prometer castigos terríveis ao santo como colocá-lo na geladeira, voltá-lo para a parede, enforcá-lo e prendê-lo no guarda-roupa. Isso caso o santo não cumpra seu “papel”, atendendo ao pedido, súplica ordem e desejo de sua “fiel” devota. Em São Francisco do Conde, o agente mediador das aflições a ser coagido é Santo Antônio.

É na oração que o fiel, suplicante, suplicante age e pensa, é nela que ocorre a concomitância do “momento religioso entre a ação e o pensamento é a que vai preencher os papéis mais diversos: aqui é um pedido brutal, lá uma ordem, noutro lugar um contrato, um ato de fé, uma confissão, uma súplica, um elogio, um *Hosana*, (Expressão usada para anunciar o elogio ou a adoração de um Deus), (nota do autor)” (ibid., p. 1).

A oração é uma palavra. Ora, a linguagem é um movimento que tem um objetivo e um efeito; continua, basicamente, um instrumento de ação. Mas, age exprimindo ideias e sentimentos, que as palavras traduzem parte e substantificam. Falar é agir e, ao mesmo tempo, pensar: aí está porque a oração apareceu ao mesmo tempo do surgimento da crença e do culto (ibid., p. 1).

É na prática da fé, no ato da reza, através da palavra que nossos interlocutores baseiam suas terapias de cura dos infortúnios que afetam os suplicantes que a eles recorrem. Os rituais a que se submetem e submetem seus suplicantes através da benção, do aconselhamento, da reza e do resguardo, permeiam o processo terapêutico de significado e de reconfiguração de equilíbrio.

A reza proferida por Dona Jeco é a seguinte:

### **Olho Grosso, Mau olhado**

Jesus andou, eu também andei;

Jesus saiu, eu também sai;

Tô rezando pra tirar o olho grosso murfina, quebrante e olhado;

De (insere o nome do rezado)

Com os poderes de Deus e da virgem Maria.

Dona Tereza para retirar o “mau-olhado” pega três ramos da *vassourinha* (*Scoparia Dulcis*) e a depender do estado do suplicante, ela usa a *guiné* (*petiveria alliacea*) e o *quiôô* (*Ocimum cf. gratissimum*).

Fulano, chama por o nome da pessoa, “Fulano, Deus te fez, Deus te formou. Deus te criou, Deus te sacramentou”. A mesma forma. “Deus é o sol, Deus é a luz, Deus é a craridade. Com esse olho que te olhou com esse olhado que te botou... te botaram esse olhado se for de mago, se for de gordo, se for no comer, se for no beber, se for no andar, se for no caminhar, se for no trabalhar, se for no vender, se for no comprar, se for no vestir, se for no calçar, se for no luxar. Nossa senhora disse que eu te rezareis. Se for de quebrante, eu te quebrarei. Te retiro olhado, quebrante, mufina. Usura, fastio, inveja. Doença, olhos mau. Seja retirado todos quanto for ruim, todos quanto for mal. Do corpo de Fulano” - chama por o nome da pessoa – e diz: “Vá pras onda do mar sem fim. Onde não canta galo, nem galinha. Com os poderes de Deus e da Virge Maria.

Caso não alcance o resultado esperado na primeira etapa do tratamento, segundo Dona Tereza, repete a oração com mais ênfase, suplica a Deus e aos Santos.

Aí, torna a vortar daquele outro coisa de novo. Torna a dizer: “Fulano, Deus te fez... Deus te fez, Deus te formou...” , em nome daquele pai que tá mirando, “Deus te fez, Deus te formou, Deus te criou, Deus te sacramentou, Deus é o sol, Deus é a luz, Deus é a craridade. Que esse olho que te olhou, que esse olhado que te botou, te botaram esse olhado. Se for de mago, se for de gordo, se for no comer, se for no beber, se for no andar, se for no caminhar. Se for no trabalhar, se for no luxar, se for no calçar, se for no vender e se for no comprar. Se for diligente, se for de caprichoso, se for de sorte, se for de saúde, se for de usura, se for de orgulho. Se for de quebrante, te quebrarei. Em Nossa senhora te rezarei, te retira olhado, quebrante, mufina, usura, fastio, inveja, doença de olhos mau. Esses olhos mardito, mardidoado, esses olho mardito, excomungado, esses olho que nunca viu as hóstia con sagrada, seja retirado de cima de Fulano pelos podere de Deus e da virge Maria”. E aí, nós reza a preça... quer dizer que as... nas três veze nós reza... nós reza a preça... quer dizer que tem a preça... o senhor não sabe... não sabe o Pai nosso, não? Viu? Que aqui agora nós reza: “Pai nosso que estai no céu, santificado seja vosso nome. Venha a nós ao vosso reino. Seja feito a vossa vontade assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje. Senhor, perdoe nossas dívidas assim como nós perdoarmos aos nossos devedore. Nos deixa cair em tentação. Me livrai-me, meu pai, do mal. E amém.

Outra categoria de doença apresentada é a do “ar-do-vento”

Do ar do vento... do ar do vento é... Maria preta. Ou Maria Preta ou... ou Corana ou Quioiô, né? Que a gente reza.. ela... quer dizer que... a gente pega o ar do vento... o ar do vento é o pior. Que o ar do vento, o senhor... quer dizer que tem que pegar sete folha ou de corana, ou de... maria preta, viu? Ou corana, ou a maria preta. Viu. Ou a corana, ou a maria preta que a gente tem que pegar sete galho. E... e agora do ar do vento nós temo que fazer... temo que fazer assim é... tem que dizer assim: “Fulano...” Chamar pro nome da pessoa ... chamar pro nome da pessoa e rezar. Chamar: “Fulano, Deus te fez, Deus te formou, Deus te criou, Deus te sacramentou. Deus é o sol, Deus é a luz, Deus é a craridade. O vento sul, o nordeste, leste, oeste. O nascente, o poente, o gerente, o rasteiro, o malunga, o malinado, o mardito, o mardicoado, o malonga, o estoporado. O rebojador, o ramo do estopor, o vento mau é de passar, é de acabar pelos poder de Deus, da Virge Maria”. São... quer dizer que o senhor tem... quer dizer que são sete galho. O senhor tem que rezar ali os sete galho, as sete vez. Então, nós chamar... essa... se essa... essa coisa aí tá Se... sendo bem, porque nós temo que chamar pro nome da pessoa... chamar pro nome. Ou Antônio, ou Maria, tá entendendo? Ou Antônio, ou Maria, e chamar, viu?

Para o vento caído Senhor Macaco utiliza a seguinte reza:

#### **O Vento caído.**

O padre abre e fecha sacode missá o vento a criança por lugar o, Não porta que abre e fecha, não padre abre e fecha sacode o misá o vento a criança por lugar. Sete vezes também.

Outras rezas utilizadas pelos terapeutas para os demais infortúnios.

#### **Reza para dor de cabeça**

Eu ia pelo caminho, encontrei Santa Telônia  
O que é que tem Senhora?  
Ela disse: “dor de cabeça”  
Aí ela responde: - Você tem fé que eu vou Rezar e a dor de cabeça vai passar?  
- Eu tenho.  
Jesus andou no mundo  
Jesus descansou,  
Assim essa dor de cabeça há de desaparecer de mim;  
Com os poderes de Deus e da Virgem Maria;  
Jesus andou, eu também andei;  
Jesus saiu, eu também sai;  
Assim como Jesus andou e descansou,  
Assim esta dor de cabeça desfastou de mim;  
Com os poderes de Deus e da virgem Maria”.

#### **Reza para Dor de Dente**

Jesus andou, eu também andei;  
Assim como Jesus andou e descansou,  
Hei de alcançar como a lua poente,  
Como o céu nascente essa dor de dente é de afastar de mim;  
Com os poderes de Deus e da virgem Maria.

Segundo o Senhor Macaco há uma doença chamada peito aberto, a mesma que

espinhela caída. Segundo ele a reza é simples:

#### **Reza o peito aberto**

Deus quando andou no mundo, resolveu espinhela erguer assim levantarei elas como poder de Deus. Cristo nasceu e ressuscitou espinhela caída levantou. Rezamos sete vezes.

Para este tipo de reza, Senhor Macaco utiliza as mãos usando o dedo e cruzando em cima do lugar. A mesma coisa peito aberto é Arca aberto coração ferido:

#### **Peito aberto é Arca aberto, Coração ferido**

o Senhor Jesus Cristo uni ela sem nenhum perigo. Cristo nasceu e ressuscitou peito aberto se fechou, Cristo nasceu e ressuscitou peito aberto se fechou, sete vezes também. Três dias.

O cobreiro são “bolhas” e caroços pequenos, na pele das pessoas e quando coçados provocam pequenas feridas na pele. Acredita-se que se contrai o “cobreiro” através do uso de roupas, contato com lagartixas e sardões, necessitando o suplicante de ser rezado.

Para seu Macaco:

#### **O Cobreiro**

Vim de Roma romaria rezando cobreiro cobraria o ramo de folha e água fria com o poder de Deus e da Virgem Maria. O vinagre a vassourinha. Sete vezes. Você vai molha a folha no vinagre e cruzando em cima do cobreiro, pra matar o cobreiro e dizendo: vim de Roma virgem Maria rezando cobreiro cobraria ramo de folha e água fria com o poder de Deus e da Virgem Maria.

Segundo Dona Augusta:

#### **O Cobreiro**

Cobreiro da onde você veio, eu vim de Roma, romaromaria, eu vim rezar cobreiro com o poder de Deus e da Virgem Maria, Cobreiro da onde você veio, eu vim de Roma, romaria, eu vim rezar cobreiro com ramo verde e água fria e Deus e a Virgem Maria.

Além das anteriores, ele acrescenta que reza “Carne Quebrada”, “Nervo Rendido” ou “Osso Desconjuntado”, refere-se a torções e lesões nos membros superiores: os dedos, as mãos, munhecas, cotovelos, braços e ombros e inferiores; dedos, pés, tornozelos e joelhos. Reza nove vezes o lugar desmentido, “você puxando pra ver se a junta chega pro lugar, vai puxando e apertando pra ver se volta por lugar”. Cheguei a acompanhar o processo ritual praticado pelo senhor Macaco em uma das sessões de tratamento da “Carne Quebrada”. O



suplicante se manteve calmo e confiante na superação do problema, calado, com um olhar respeitoso, complacente, de submissão, prostradas as pálpebras para baixo e ao final agradeceu dizendo que retornaria no outro dia. Esta reza era a primeira de um total de três neste tratamento terapêutico.

Para Dona Augusta o “Pé desmentido” é rezado com pedra:

Pego 2, 3 tamanhos e rezo

Eu rezo com as pedras porque... com medo. Aí tem as palavras das pedras: estiposso, carne quebrada carne machucada volta pro seu lugar com o poder de deus e a virgem Maria. Tiposo, tiposo. Depois eu pego aquelas 3 pedrinhas e jogo fora, eu rezo 3 vezes, na outra vez ... aquelas 3 pedrinhas arriadas.

Acrescenta Senhor Macaco:

O engasgo é casa velha esteira rota, homem bom ,mulher ruim, engasgo sobe ou desce, casa velha estreita rota, homem bom, mulher ruim engasgo sobe ou desça,se tiver engasgado passa a mão se tiver engasgado aquilo que engasgou vai subir ou vai sair ,sete vezes.

Para algumas doenças Dona Augusta mistura folhas como guiné, vassourinha e arruda. Quando é para utilizar apenas a vassourinha e não a encontra nas proximidades a substitui pela guiné. No fim do dia de trabalho a terapeuta junta todas as ervas usadas em seus suplicantes e deposita na mata distante, pois é “carga perigosa”. Enquanto seu Macaco despacha ao término de cada reza. Já seu Zoza guarda e queima a carga de ervas espalhando as cinzas no mato.

O que se observa é que os terapeutas tem o cuidado de “eliminar a carga”, por representar um poder e um perigo ao contato com outras pessoas, provocando os mesmos infortúnios retirados de seus suplicantes.

Para dor-de-cabeça ela utiliza uma cabeça de alho: “Pra dor de cabeça, eu uso, pra dor de cabeça, tem dor de cabeça que eu rezo com uma cabecinha de alho, rezo a cabeça com um pedacinho de alho.”.

Para dor-de-barriga, Dona Augusta utiliza as mãos, as quais vão realizando movimentos e benzendo a barriga e pronunciando: “Dor de barriga, passa essa dor e esse calor com o poder de Deus e a Virgem Maria”.

Acordamos em nosso último encontro que eu seria rezado. No meu terceiro encontro

com Dona Augusta cheguei mais cedo, era um sábado, dia de feira e faxina na maioria das casas.

Eu me encontrava abatido e cheio de dores musculares, as noites mal dormidas estavam cobrando sua fatura, a ansiedade e a apreensão devido as dificuldades encontradas aliadas às econômicas e a exiguidade do tempo, variáveis importantíssimas na feitura das atividades humanas, principalmente, em uma pesquisa de mestrado.

Dona Augusta havia separado a folha de vassourinha e já me esperava na varanda, vestia uma saia preta, uma blusa com faixas horizontais de cor azul e branca, calçava sandálias havaianas brancas, cabelos arrumados, creio que havia alisado o cabelo com ferro quente, feito chapinha recentemente, estava perfumada com Colônia Seiva de Alfazema. “É a original, adoro esse cheiro. Deus te abençoe meu filho!” Falou ela.

Colocou-me sentado em uma cadeira que já me aguardava na varanda e disse que eu abrisse as mãos voltadas para o céu e amparadas nas pernas, afirmando que me rezaria por “Mau-olhado”, pois eu estava circulando muito, sob “os olhos e os ventos do mundo” e que eu devia estar me rezando com mais frequência.

Jesus andou pelo mundo, eu também andei.

Pera, pera um pouco, parece que há muito que você não reza tá precisando, Tá brabo, tá fazendo trabalho sobre reza e não tá rezando, né? Pera, pera aí!

Ao final da reza eu me senti confortado, havia provado da experiência que tentava explicar e confesso que me senti recarregado, tranquilo. Fechei os olhos e me permiti o compartilhamento das energias, senti uma brandura nos toques, um aconchego.

Ao longo da reza eu pensava nos caminhos e descaminhos da pesquisa, na alegria pela escolha do tema e na oportunidade que estava tendo em retomar minhas experiências em diversos tratamentos terapêuticos, ocorridas na infância na cidade de Acajutiba, onde frequentava o Candomblé nas quintas-feiras e todos os domingos ia missa acompanhando minha avó materna, Judite. Fui acometido da maioria dos infortúnios tratados neste trabalho, além de outros que acabaram por me trazer a viver em Salvador.

Dirigiu-se ao quintal em busca demais galhos de plantas, desta vez era a guiné, e o qui-iô-iô acompanhei-a e subimos pelo quintal íngreme, onde notei uma estrutura de madeira

e embaixo desta havia oferendas aos Orixás. Indaguei sobre o que era e Dona Augusta respondeu-me que era de seu filho, pois ela havia deixado à religião, que tinha frequentado por toda a vida. Mas agora, só se dedicava as rezas e as idas à igreja para a missa das seis; estava realizando uma novena na pequena capela de seu bairro, Campinas, onde os frequentadores rezam todos os dias às seis horas da tarde, e no domingo há uma missa com a presença de um padre.

Ela me disse que seu Orixá era igual ao “meu” e me mostrou sua guia no pescoço, sorrindo: “É Ogum”. Tendo encontrado apenas a Guiné retornamos à varanda onde ela concluiu a reza. Aconselhou a acalmar-me e manter a tranquilidade, que respirasse fundo e fizesse um trabalho bem feito, para ninguém vir a falar mal das Rezadeiras de Preceito e que eu me acertasse com meu Orixá.

## Considerações Finais

Faz-se o que se pode, os chás, unguentos e preceitos tem respondido pelos tratamentos imediatos de problemas de saúde que acometem a sociedade franciscana há séculos. O “progresso” chegou acelerado a partir da RELAN, Petrobrás, mas não consegue atingir a totalidade dos moradores deste município, que possui áreas de extrema pobreza e de isolamento considerável, pois os serviços essenciais lhe são negados; a feira pública foi ao longo dos tempos sucateada, não passa de meia dúzia de barracas, quem quer comprar tem de ir a Candeias ou Santo Amaro; o grande número de desempregados é relevante, como também o grande número de empregados da Prefeitura que vivem em constante instabilidade e insegurança devido aos revêzes da política. São chamados de “largartas” pois vivem de folha (de pagamento), e só constam nas listas, mas não trabalham, ganham pouco, logo não podem reclamar.

As expressões culturais do município como o Samba Chula, Samba de Campinas, Paparutas da Ilha do Paty, o Lindro Amor, a Capoeira, dentre outras, estão empresariadas pela Prefeitura, controladas e engessadas pelos líderes, cabos eleitorais desse ou daquele candidato. As festas religiosas - São Francisco Xavier, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora de Fátima - gozam de apoio público, enquanto a Festa de Santo Antônio tem uma base popular forte que mantém a procissão, é auxiliada por este ou aquele político, a depender do ano de eleição ou não e da vontade do prefeito vigente. Felizmente, a festa de Santo Antônio é mantida por essas pessoas que resignificaram Santo Antônio como Santo de negros: o mantiveram como casamenteiro, mas o vincularam a Ogum, Orixá guerreiro, protetor dos exércitos e da maioria das cabeças dos rezadores aqui trabalhados. Eles sabem separar o que é da igreja Católica e o que é do Candomblé, sem que um tenha que excluir um ou outro. Construíram assim uma dupla pertença resignificada e capaz de abarcar as qualidades e fundamentos do Santo e/ou Orixá, mantendo de cada um, o que eles acham que tenha de melhor.

Os jovens são assolados por ondas culturais contínuas, arrocha, pagode, forró, shows de popstars da musica nacional em eventos faraônicos, vivem de pequenos trabalhos, bicos, consomem avidamente as motocicletas, celulares e etiquetas de marcas que conheceram pela televisão.

A violência das drogas; da “pedra” (crack) e cocaína, assola a região; o alcoolismo é alarmante. Somam-se a isso os baixos níveis de qualificação e os altos índices de desemprego que acabam por configura um paiol de pólvora ao lado do vulcão social que é Salvador.

A ineficácia do sistema oficial de saúde, as dificuldades para obtenção de consultas, medicamentos e exames especializados, e cada vez mais tecnológicos e mais caros, as condições de acesso aos postos de saúde e hospitais, a forte tendencia da biomedicina em indicar especialistas para cada parte do corpo, (nem sempre encontrados na cidade) acaba por encaminhar o paciente para Salvador, dificultando ainda mais um possível tratamento.

O entendimento de saúde por parte da população, a distância social entre o médico e o paciente, a distancia temporal entre o necessitar e o ser atendido, a dificuldade de entender as receitas, os exorbitantes preços dos medicamentos e unido à dificuldade de encontrar dinheiro, contribui para a manutenção de uma demanda para o atendimento etnomédico.

Em São Francisco do Conde as Rezadeiras/Rezadores de Preceito são muito procuradas por pessoas afligidas pelas mais diversas enfermidades. Todas as sete entrevistadas vêem os seus atendimentos a essas pessoas como uma “missão” e não cobram nada por ele. Outros aceitam velas, ervas contas, santinhos e “agrados” e consideram o seu trabalho como uma “missão”, “dom”, “responsabilidade” e “retribuição”.

Observei que uma das coisas que move e mantém a Rezadeira/Rezadores de Preceito é a sua fama, notariade, prestígio social que é alcançado. Este prestígio serve de combustível para a manutenção dessas práticas. Ser Rezadeira/Rezador não é para qualquer um, tem que ter ensinamento e fé. Os suplicantes e as próprias rezadeiras diferenciam as rezadeiras pelas rezas que estas executam, pois há rezadeiras de algum tipo de reza e há rezadeiras que rezam tudo. Estas últimas, localmente chamadas de “Valetes”, são as mais fortes e mais reconhecidas. Saliento a importância da trajetória comum a elas no Candomblé. E isto se torna importante, sobretudo quando se trata de curar a *Espinhela Caída* e o *Ar-do-Vento*. Nestes casos tem que ser rezas fortes, logo a Rezadeira/Rezadores de Preceito deve ser amparada por Deus, Santo e Orixá,

deve ter e manter o corpo fechado.

O apego a determinada Rezadeira/Rezador de Preceito acontece pela lida cotidiana em situações de convivência, pela construção de uma amizade baseada na gratidão e na reciprocidade. Depende também da capacidade de cura da Rezadeira. O que observei nas rezas proferidas onde as mazelas são avisadas a sair sob o olhar e prece de determinado santo, o vento é avisado a retirar-se e a levar consigo o mal que trouxe, que as dores se vão, que os ossos e cartilagens se reagrupem e colem para que a dor de cabeça se vá, que o fogo se apague. Todos os pedidos, as súplicas, avisos, ordens são precedidos de menção a Deus e a Virgem Maria, colocando assim a Rezadeira/Rezador de Preceito, como sendo mensageiros, mediadores, viabilizadores, canalizadores e catalisadores da fé, verdadeiros instrumentos pelos quais os suplicantes rogam e esperam alcançarem a cura de seus infortúnios.

Os relatos e conversas evidenciaram a grande capacidade de agência das Rezadeira/Rezadores de Preceito. Destarte, neste trabalho a voz foi dada a quem de direito, pois o que importa é evidenciar suas percepções de mundo, evidenciar como suas trajetórias, lutas e lidas sociais sobrevivem em nossa sociedade. Foi até aqui que consegui chegar.

## Referências Bibliográficas

ADAM, Yussuf. **Escapar as garras do crocodilo e cair na boca do leopardo**. Maputo Moçambique, 2006.

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas medicinais** / Mara Zélia de Almeida. - 3. ed. - Salvador : EDUFBA, 2011.

ALMEIDA, Paulo Henrique de. **Quatro séculos de cultivo e manufatura do fumo na Bahia: história de um outro Recôncavo**. Nexos Econômicos, Salvador: FCE/UFBA, v.2, n.4, p.25-36, nov. 2002.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina Rústica**. Editora Brasileira, São Paulo, 1979.

BAUER, Martin. **A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos**. In: BAUER & GASKELL (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto imagem e som. Manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Relatório do 1º seminário Internacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde– PNPIC** /Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2009. 196 p. – (Série C. Projetos, Programas e Relatórios).

BRAGA, Julio. **A Cadeira de Ôgã e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Difel e Bertrand Brasil, 2004.

----- . O Conhecimento do Corpo. In: **Meditações Pascalinas**. Rio de Janeiro: Editora Bertand Brasil, 2005.

----- **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Coleção Sociologia.

CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. “APRESENTAÇÃO” In: MONTEIRO, Paula. **Da Doença à Desordem**. Rio de Janeiro: Graad, 1985.

CARNEIRO, Edson. **Candomblés da Bahia**. 9ª. Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2002.

CAETANO, Vilson. **Roda o balaio na porta da igreja, minha filha, que o santo é de candomblé: os diferentes sentidos do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador**. Tese de Doutorado. São Paulo, PUC, Ciências Sociais, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro**. (3ª e d.) São Paulo: Livraria Martins Ed., 1971.

CHARTIER. Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo/Significado/Cura**. Tradução de José Secudino da Fonseca e Ethon Secudino da Fonseca; revisão técnica de Carlos Alberto Steil e Luis Felipe Rosado Murillo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976

EVANS-PRITCHARD, E. **Bruxaria, Oráculo e Magia entre os Azandes**. Rio de Janeiro Zahar Editor, 2005.

FRAZER, James. A Magia Simpática. In: **O Ramo de Ouro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1975.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Brasília: UFMG, UNESCO, 2003.

HUTCHINSON, Harry W. **Village and plantation life in Northeastern Brazil**. University of



Washington Press Seattle, 1957.

LAPLANTINE, François. **Antropologia da Doença**. São Paulo Martins Fontes, 2004.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 2003.

LIMA, Fábio Batista. **Candomblé, tradição e modernidade**: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais UFBA, 2002.

-----**Religião e transformação da experiência nos casos de Saúde mental no Candomblé**. Tese de doutorado em Estudos Étnicos e Africanos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. 2010. 316 f.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de Santo nos Candomblés Jêjê-nagôs da Bahia: Um estudo de relações intra-raciais**. Dissertação de Mestrado apresentada à coordenação de pós-graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 1971.

MARIANO, Neusa de Fátima. GEOUSP - **Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 25, p. 89 - 108, 2009.

MATTOSO, Kátia M. de Queiros. **Bahia: a cidade de Salvador e o seu mercado**. São Paulo, Editora, 1978

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MESQUITA & OLIVEIRA. **A cultura do fumo na Bahia da excelência à decadência**  
2003.

MONTEIRO, Paula. **Da Doença a Desordem**: a magia na umbanda. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Saúde e Doença**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MUNDICARMO M. R. Ferretti **Religiões Afro-Brasileiras e Saúde: diversidade e semelhanças**. Apresentado no II Seminário Nacional: Religiões afro-brasileiras e saúde. São

Luís, 20-23/03/2003 - Praia Mar Hotel. Publicado em Silva, José Marmo da. *Religiões afro-brasileiras e saúde*. São Luís: CCN-MA, 2003; Retoma trabalho apresentado em seminário realizado pelo INTECAB-MA, na Casa das Minas, de 09-10/11/1991, com o título “Medicina caseira e religião afro-brasileira”.

PANOFISKY, E. **Significado nas Artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PAULICS, Veronica & PIANI, Pedro Paulo. **Programa Soro, Raízes e Rezas**. Disponível em:<<http://inovando.fgvsp.br/conteudo/documentos/20experiencias2003/CEARAMaranguape.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

PIERSON, Donald. **Branços e Pretos na Bahia**: estudo de contato racial. São Paulo. Ed. Nacional, 1971.

PINTO, Erika de Paula; AMOROSO, Maria Christina de Mello; FURLAN, Antônio.

**Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA**, Brasil, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO CONDE, Site oficial disponível em: <http://www.pmsfc.ba.gov.br/origem.asp>, acessado: fevereiro de 2011.

RABELO, Miriam Cristina M. (1999) **Comparando experiência de aflição e tratamento no candomblé, pentecostalismo e espiritismo**. Texto apresentado no XII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 27-31 de outubro, 1998.

RODRIGUES, Ângelo Giovani; Pereira, Antônia Maria; Simoni, Carmem de; Trajano, Marcos Antônio; Santos, Marize Girão dos; Moraes, Paulo; Campos, Tiago Pires de - Relatório de Gestão, 2009/2010 - **Práticas Integrativas e Complementares no SUS**, 2011.

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros bahianos**. Salvador, 2005.

ROUANET, Sérgio Paulo. Antropologia e Ética. In:----- **Mal-Estar na Modernidade: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANSONE, Livio. **Um contraponto baiano de açúcar e petróleo: mercadorias globais identidades globais?** In: CAROSO, C.; Fátima TAVARES, F e PEREIRA, C. (orgs). **Bahia de Todos os Santos: Aspectos Humanos**. Salvador: Edufba, 2011.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835**. Tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SCHUTZ, Alfred. & LUCKMANN, Thomas. **Las Estructuras del Mundo de la Vida**. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes, 1977.

----- **Floresta dos Símbolos: aspetos do Ritual Ndembu**. Niterói. Ed. UFF, 2005.

VALENTINE, Charles A. **La cultura de la pobreza: Crítica y contrapropuestas**. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 1968.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva/ Max Weber**; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn – Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

ZALUAR, Alba. **Os homens de deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro, ZAHAR EDITORES S.A, 1983.

# **ANEXOS**

UFBA - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

CEAO – Centro de Estudos Afro Orientais

PÓS-AFRO - Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos

Mestrando: Washington Santana de Jesus

**A pesquisa: Rezadeiras/Rezadores de Preceito: Itinerário de Fé e Cura nas Práticas Etnomédicas**

**Roteiro de Entrevista**

**Modelo nº1. – Rezadeiras.**

**1. Dados Pessoais**

Nome completo, idade, nascimento, estado civil, número de filhos-netos, cor, situação sócio econômica, atividade ou profissão atual, religião, lugar de nascimento, etc;

**Local:**

**Data:**

**Transcrição: Washington Santana**

Legendas:

WS: Washington Santana

I: entrevistada(o)

[...]: Inaudível, não compreensível

(...): Observação do transcritor

1. A reza,

- Com que idade aprendeu,
- Quem pode rezar
- Quais as plantas utilizadas nas rezas ( Fazer inventario das diferentes rezas)

- Quais os cuidados da rezadeira para poder rezar
- Pode rezar muito, em qualquer hora, reza todo mundo ou tem gente que não pode ser rezada,
- Pode rezar a qualquer hora, qualquer dia.
- Quando é proibido rezar, quem proíbe.
- A senhora tem quantos anos dona (.....)?
- A Sra. reza há quanto tempo?
- A senhora mora aqui, há muito tempo?
- Quem ensinou a Sra. a rezar e cuidar das pessoas?
- Alguém de sua família já rezava ou reza de preceito?
- Quais as rezadeiras mais famosas da região? E a mais velha?
- A senhora reza para dor de cabeça?
- E senhora toma remédio ou chá, essas coisas?
- A senhora foi batizada? onde?
- A senhora pratica/frequenta qual religião?
- A senhora poderia me falar de casos que a reza curou?
- Ouço algumas vezes que a pessoa foi rezada, melhorou e depois voltou a ficar doente, a senhora acha que teve recaída porque?
- A Sra. reza quais doenças?
- A Sra. já rezou ou reza pessoas importantes da região?
- A Sra. reza ou já rezou algum médico?
- Ultimamente, a Sra. acha que vem mais ou menos pessoas para pedirem uma reza?
- A Sra. está ensinando a alguém a rezar, para no futuro essa pessoa ocupar o seu lugar?
- A Sra. vai ao médico e segue os conselhos dele?
- A Sra. acha que os remédios passados pelo médico funcionam mesmo?
- Na dúvida, a Sra. segue os preceitos da reza ou o conselho do médico?

## 2. As plantas medicinais

- A senhora usa quais folhas para rezar?
- A senhora tem plantado aqui?
- Tem algum preceito na hora de escolher a folha?
- Quem ensinou como lidar com as plantas(fazer inventário das plantas utilizadas nos tratamentos)
- Quais os “remédios” para quais doenças:
- Fazer um inventário para as doenças.
- A Sra. reza as doenças com uma ou duas folhas diferentes, um conjunto de folhas ou usa um tipo de folha para cada doença? Por favor, me dê exemplos.

## 3. Cuidados com o corpo

- Preceitos e resguardos (alimentação, bebida, sexo, tabaco, viagens, cores, etc..)
- Se o consulente não cumprir, quem cumpre o “resguardo” por ele

## 4. O serviço médico oficial

- O que a Sra. acha dos postos de saúde e hospitais
- O que a Sra. acha dos médicos
- O que a Sra. acha das enfermeiras
- O que a Sra. acha da prefeitura

## 5. Dados geracionais

- Da juventude de hoje
- Em sua época era melhor, antigamente
- Do namoro de hoje, do casamento, das moças e rapazes de hoje (esperar comparações).
- Da televisão e das notícias

- Da capital, a Sra. Vai a Salvador, com que frequência
- As Sra. Já morou ou passou férias em outro estado, país

#### 6. Relações variadas de poder por gênero

- Condições de vida de homens e mulheres, há igualdade de tratamento e de responsabilidades.
- O homem tem mais liberdade
- O homem ganha mais, se ganha porque.

#### 7. **Reconstrução do cotidiano da comunidade**

- Aonde a Sra. nasceu, localidade,
- A Sra. Nasceu no hospital ou em casa, se em casa quem foi a parteira
- Como foi a sua vida, a Sra. morou com seus pais até que idade
- A Sra. Va a feira, o que compra lá
- Qual a comida que a Sra. gosta
- O seu trabalho te dava alegria
- E sua casa conte como a Sra. chegou aqui, a Sra. mora há muito tempo aqui, é própria.
- O que a Sra. faz nas horas vagas, quando tem uma folga, tempo livre
- Qual a religião da Sra., a senhora já praticou outra religião.
- A feira e a presença de trabalhadores informais (tipo camelôs);
- Opções de lazer;
- As festas;
- A convivência e ajuda mútua entre vizinhos e colegas;
- A questão da violência; as brigas entre vizinhos, brigas no bar, etc.
- A rede de promiscuidade (prostituição, incesto, traição, troca de parceiro, etc)



## **8. Religião e Religiosidade**

- O significado candomblé para esta comunidade
- Identificar os diferentes tipos de terreiros: Tradicional ou de Caboclo;
- Reconstruir o universo simbólico cultural do candomblé no município;
- Identificar se havia uma administração Patriarcal ou Matriarcal;
- Relações entre o Poder público e os Candomblés;
- Relações entre a comunidade franciscana e os terreiros de Candomblé
- A comunidade franciscana sabia o que ele ser católico? Qual a visão de antigamente sobre isso?
- As práticas católicas presentes no cotidiano da comunidade eram indiretamente imposto pelos donos do poder ou já vinham tradicionalmente das famílias?
- Identificar as práticas católicas mais comuns;
- Identificar as práticas católicas que não eram toleradas pela comunidade;
- Havia trabalho social das pastorais católica e hoje ainda existe?
- Até que ponto a Igreja Católica “dava atenção” á comunidade franciscana?

## **9. O Sincretismo Religioso**

- Compreender de que forma esse sincretismo estava presente na mentalidade e nas práticas do município.

## **10. As usinas de cana-de-açúcar**

- A Sra. trabalhou em alguma fazenda, seus pais, irmãos
- Causas principais que levaram à falência: De ordem interna ou de ordem externa?
- Como era o trabalho na época das fazendas?

## **11. A Petrobrás em São Francisco do Conde**

- O que isto representou para a população San Franciscana?
- O ideal de Progresso: aspectos positivo X negativos;
- Que perfil da População São Francisco foi absorvida pela Petrobrás?
- Identificar o tipo de mão de obra da usina Das usinas que migraram para Petrobrás.

## **12. Outras questões a serem investigadas em São Francisco do Conde**

- Identificar os resquícios da escravidão que

Muito Obrigado, pela colaboração da(o) Senhora (or), na complementação dos meus estudos na Universidade Federal da Bahia. Tenha Bom dia!!

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO<sup>1</sup>**

As práticas terapêuticas tradicionais vivenciadas no município de São Francisco do Conde, reúnem elementos africanos, e católicos, sincréticos e religiosos. Com base nestas observações pretendemos verificar como ocorre o processo de identificação do diagnóstico e cura e as relações entre o saber médico popular, seus consulentes e a medicina oficial.

Nosso objetivo principal é analisar, compreender e interpretar como as diferentes formas de doenças e cura, são vivenciadas e como se relacionam, sob o ponto de vista das rezadeiras. Desta forma, seria de suma importância a sua voluntária participação neste projeto, ficando assegurada a completa confidencialidade das respostas, preservando o total anonimato das declarações, que serão utilizadas em trabalho de pesquisa acadêmica por estudante de Pós-graduação da UFBA-Universidade Federal da Bahia. Pós-Afro: Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos do CEAO: Centro de Estudos Afro-Orientais. Fica Também garantida a liberdade de recusar responder qualquer pergunta ou conjunto delas, assim como de interromper a entrevista ou não fazê-la.

Ciente dos aspectos acima colocados fica autorizada a minha participação neste estudo.

---

Assinatura do entrevistado

---

Assinatura do pesquisador

---

<sup>1</sup> Impressas 2 cópias, 1<sup>a</sup>.para entrevistado e 2<sup>a</sup>.para entrevistador.

## Livro de códigos

<p><b>A. Festa de Participação</b>  A.a. Religiosa  A.b. Profana</p>	<p><b>F. Relações.</b>  F.a. de poder,  F.b. de compadrio  F.c. clientelistas,  F.d. subordinação  F.e. respeito,  F.f. admiração,  F.g. medo, trabalhistas  F.h. servidão,  F.i. semi-servidão,  F.j. escravocrata</p>
<p><b>B. Sincretismo</b>  B.a. Caráter religioso  B.b. Catolicismo popular  B.c. Religiões afro- brasileiras</p>	<p><b>G. Poder.</b>  G.a. Poder público  G.b. Poder civil,  G.c. Poder médico,  G.d. Poder oficial,  G.e. Poder privado  G.j. Poder social.</p>
<p><b>C. Doença</b>  C.a. Pespectiva médico oficial  C.b. Sabedoria popular</p>	<p><b>H. Religiões.</b>  H.a. Candomblé,  H.b. Católica  H.c. Protestante,  H.d. Umbanda,  H.e. Hebraica,  H.f. Espírita,</p>
<p><b>D. Cura</b>  D.a. Pespectiva médico oficial  D.b. Sabedoria popular</p>	

	H.g. Pentecostal H.h. Neo-pentecostal.
<b>E. Saber</b>  E.a. Médico oficial E.b. Popular das rezadeiras	

**Declaração de Pequim – (livre tradução)**

Os participantes no Congresso Mundial de organização da saúde na medicina tradicional. Recordando a Conferência Internacional sobre cuidados de saúde primários em Alma Ata, há trinta anos e observando que as pessoas têm o direito e o dever de participar individualmente e coletivamente no planejamento e na implementação dos seus cuidados de saúde, que podem incluir o acesso à medicina tradicional. Considerando que "medicina tradicional" abrange uma grande variedade de terapias e práticas que podem variar significativamente de país para país e de região para região, e que a medicina tradicional também pode ser referida como medicina alternativa ou complementar; Reconhecendo a medicina tradicional como um dos recursos dos serviços de cuidados de saúde primários para aumentar a disponibilidade e acessibilidade e contribuir para melhorar os resultados de saúde incluindo os mencionados no desenvolvimento do Milênio;

Reconhecendo que os Estados-Membros têm diferentes legislações nacionais, abordagens, responsabilidades reguladoras e modelos de entrega. Notar que o progresso no campo da medicina tradicional foi obtida em vários Estados-Membros, através da implementação do WHO, tradicional medicina estratégia 2002-2005; Expressando a necessidade de ação e de cooperação da comunidade internacional, usam de governos e profissionais de saúde e dos trabalhadores, para assegurar a correta da medicina tradicional como uma componente importante, contribuindo para a saúde de todas as pessoas, de acordo com as capacidades nacionais, propriedades e legislação pertinente;

De acordo com as capacidades nacionais, propriedades, a legislação pertinente e circunstâncias por este meio fazem a seguinte declaração:

- I. Alfabeto que o conhecimento da medicina tradicional, tratamentos e práticas deve ser respeitada, preservada, promovido e comunicados amplamente e apropriadamente com base em circunstâncias de cada país.

- II.** Os governos têm a responsabilidade pela saúde do seu povo e devem formular políticas nacionais, regulamentos e normas, como parte dos sistemas nacionais de saúde abrangente para garantir a utilização adequada, segura e eficaz da medicina tradicional.
- III.** Reconhecer o progresso de muitos governos até agora em integrar a medicina tradicional em seus sistemas de saúde nacionais, convidamos aqueles que ainda não o fizeram para agir.
- IV.** A medicina tradicional deverá ser desenvolvida com base em investigação e inovação em consonância com a estratégia global "e plano de ação da saúde pública, inovação e propriedade intelectual" aprovada na Assembléia Mundial da saúde 61º em 2008. Os governos, organizações internacionais e outras partes interessadas deverão colaborar na implementação da estratégia global e plano de ação.
- V.** Os governos devem estabelecer sistemas para a qualificação, acreditação ou licenciamento dos praticantes da medicina tradicional. Os profissionais de medicina tradicional devem atualizar seus conhecimentos e competências com base nos requisitos nacionais.
- VI.** A comunicação entre a medicina convencional e tradicional deve ser reforçada e adequada treinamento programadores ser estabelecido para profissionais de saúde, estudantes de medicina e pesquisadores provedores relevantes.

# ANEXO\_E

## Fotografias das Ervas Medicinais

### **Página 117**

1. Abre caminho
2. Alfavaca
3. Alfavaquinha de pobre
4. Alumã

### **Página 118**

5. Ar de leite
6. Araçá mirim
7. Baba de São Pedro
8. Capim caboclo

### **Página 119**

9. Corona
10. Estrelinha
11. Folha da costa
12. Guiné

### **Página 120**

13. Mãe boa
14. Marfim
15. Maria preta
16. Mirra

### **Página 121**

17. Qui-iô-iô branco
18. Tapete de Oxalá
19. Velame
20. Fumo

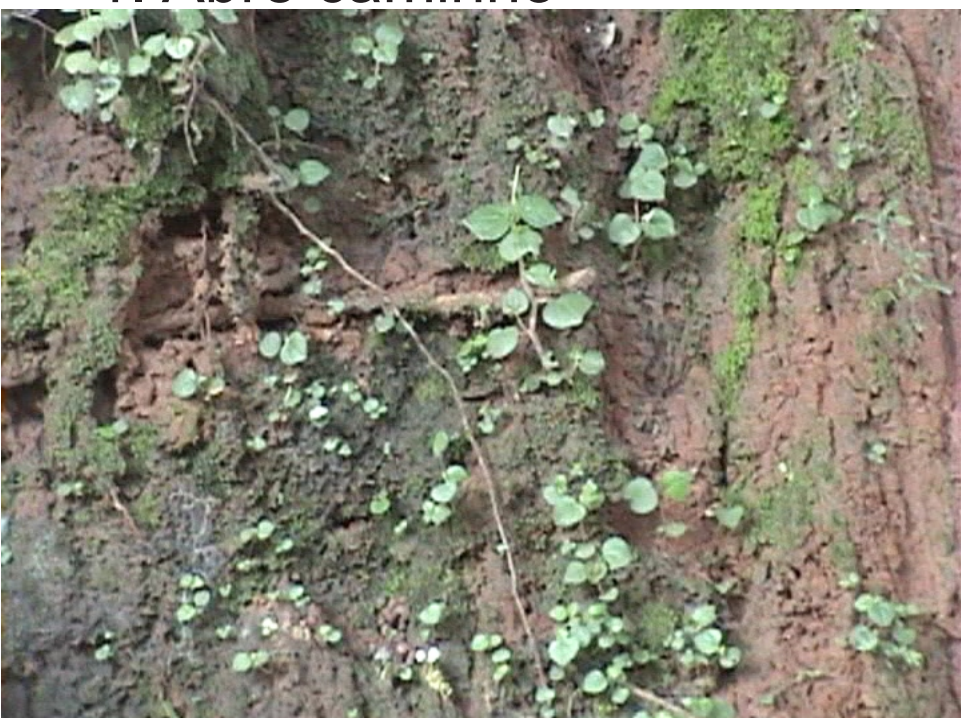




1. Abre caminho



2. Alfavaca



3. Alfavaquinha de pobre



4. Alumã





5. Ar de leite



6. Araçá mirim



7. Baba de São Pedro



8. Capim caboclo





9. Corona



10. Estrelinha



11. Folha da costa



12. Guiné





13. Mãe boa



14. Marfim



15. Maria preta



16. Mirra





17. Qui-iô-iô branco



18. Tapete de Oxalá



19. Velame



Pé de fumo